

# O Palácio de Manique do Intendente

Proposta de Requalificação



**Gonçalo Magalhães Barbosa Pereira**

Dissertação de Mestrado em Arquitectura  
Orientada pelo Professor Doutor Rui Lobo e pelo Professor Doutor António Lousa  
Departamento de Arquitectura da FCTUC

Julho . 2017







# **O Palácio de Manique do Intendente**

Proposta de Requalificação



Agradeço,

ao Professor Doutor Rui Pedro Mexia Lobo,

ao Professor Doutor António Manuel Portovedo Lousa,

ao Doutor Nuno Nobre,

ao Sr. José Correia, Presidente da Junta de Manique do Intendente,

à família e aos amigos.





A presente Dissertação de Mestrado não segue o novo Acordo Ortográfico (2009).



## Resumo

Apesar de já terem decorrido mais de duzentos anos após a doação de Alcoentrinho, actual Manique do Intendente, por parte da Rainha regente D. Maria I a Diogo Inácio de Pina Manique, pelos bons serviços prestados ao reino, ainda hoje é possível ver na vila parte da ideia iluminista, pensada pelo próprio, para a sua residência e colonização agrícola. Devido à inesperada morte do encomendador em 1805, e consequentes invasões francesas que afetaram todas as construções em curso na época em Portugal, foi deixado a meio a obra do palácio, o edifício mais importante da vila. Ao longo dos anos, o edifício foi sofrendo sucessivas alterações, desde obras de melhoramento, construção de coberturas e até mesmo a instalação de um Centro de Dia para a Terceira Idade que nunca foi terminado. Todas estas intervenções, sem qualquer critério, contribuíram significativamente para o agravamento e a degradação do palácio tornando-o na ruína que permanece até aos dias de hoje.

Neste âmbito, o presente trabalho tem como objectivo a apresentação de uma proposta de requalificação para o Palácio de Manique do Intendente e sua envolvente. Esta proposta pretende, assim, ser um contributo para o melhoramento e valorização tanto do edifício em si como da vila que até agora vivem um pouco no esquecimento.

**Palavras-chave:** Alcoentrinho, Manique do Intendente, D. Maria I, Diogo Inácio de Pina Manique, Ruína, Palácio de Manique do Intendente.



## **Abstract**

Although more than two hundred years have passed after the donation of Alcoentrinho, royal Manique of the Intendant, by Queen Regent D. Maria I to Diogo Inácio de Pina Manique, for the good services rendered to the kingdom, it is still possible to see in the village Part of the Enlightenment idea, thought by Manique himself, for its residence and agricultural colonization. Due to the unexpected death of the encomendador in 1805, and consequent French invasions that affected all the constructions in course at the time in Portugal, the work in the palace, the most important building of the town, was left incomplete. Over the years, the building has undergone to successive changes ranging from improvement works, roofing construction and even the installation of a Day Center for Old Age that was never completed. All these interventions, without any criterion, contributed to the aggravation and degradation of the palace, making it the ruin that remains to this day.

Thus, the present work aims to present a proposal of requalification for the Manique Palace of the Intendant and its surroundings and therefore be a contribution to the improvement and appreciation of both the building itself and the village that until now lives a bit in oblivion.

**Keywords:** Alcoentrinho, Manique of the Intendant, D. Maria I, Diogo Inácio de Pina Manique, Ruin, Manique Palace of the Intendant.



## Sumário

<b>Introdução</b>	17
Contexto Histórico	21
Definição de Monumento	29
<b>I Problema</b>	
1.1 O traçado incompleto da Vila de Manique	37
1.2 Inserção urbana do edifício	39
1.3 Estado actual do Palácio de Manique do Intendente	43
<b>II Casos de Estudo</b>	
2.1 Requalificação do Teatro Thalia	51
2.2 O Neues Museum	59
2.3 Requalificação da Zona Envolvente ao Mosteiro de Alcobaça	67
<b>III Proposta de Requalificação</b>	
3.1 Palácio	75
3.2 Auditório	87
3.3 Praça e Vila	91
<b>Nota Conclusiva</b>	95
Bibliografica	99
Fonte de Imagens	107
<b>Anexos</b>	117





## Introdução

No âmbito da cadeira de seminário de investigação em arquitectura, em que um dos temas lançados em 2015 era a *Intervenção sobre o património construído: projectos para a Rede PHI*<sup>1</sup>, proposto pelo docente Professor Rui Lobo, surgiu entre várias hipóteses, a oportunidade de poder trabalhar sobre o Palácio de Manique do Intendente que me despertou, desde logo, um particular interesse por se tratar de um edifício em ruína e suscitar uma maior sensibilidade e conhecimento para a sua intervenção.

Escolhido o edifício para desenvolver, houve também a necessidade de perceber o seu surgimento na nossa história. Para tal, foi fundamental a leitura de dois trabalhos já existentes, uma prova final de licenciatura e uma dissertação de mestrado sobre o Palácio de Manique do Intendente, desenvolvidos pela Arquitecta Cátia Marques.

Situado no distrito de Santarém, pertencente ao concelho da Azambuja, o Palácio de Manique do Intendente faz parte integrante de um projecto iluminista idealizado pelo poderoso Intendente Geral da Polícia, Diogo Inácio de Pina Manique, para a sua vila e cujo nome lhe foi atribuído devido à grande figura que foi. A Vila de Manique do Intendente seria essencialmente composta pelo Palácio, casa para a residência própria do encomendador e três praças, sendo que uma delas rectangular desenvolver-se-ia na frente do palácio, a denominada praça nobre, e as outras duas hexagonais, uma delas ligada ao poder civil e a outra a funções comerciais. Deste ambicioso projecto apenas existe parte da fachada do palácio, que se impõe à sua envolvente, a igreja que o integra, e que ainda hoje se encontra em funções, e uma praça hexagonal onde podemos encontrar a junta de freguesia e o posto da GNR.

Assim, esta dissertação é composta por um contexto histórico, onde se dá

---

<sup>1</sup> Rede do Património Histórico cultural Iberoamericano.



a conhecer um pouco da grande figura emblemática que foi Diogo Inácio de Pina Manique e a sua relação com a Vila de Manique do Intendente.

Tratando-se de um monumento em ruína e para uma melhor abordagem sobre a mesma, houve a necessidade de estudar e refletir sobre o significado da palavra “monumento”, qual a sua definição e que valores a constituem.

A seguir surge o capítulo do **Problema**, onde através de uma análise *in loco* nos apercebemos através dos dois elementos existentes, o palácio e a praça hexagonal, de que existiria um plano ambicioso para a vila por parte de Pina Manique. Não existindo quaisquer registos deste projecto e havendo já um trabalho desenvolvido por Cátia Marques com propostas de reconstituição da vila explicando como esta seria se tivesse sido concluída, partiu-se para o estudo das mesmas. É feito um levantamento do estado actual do palácio, a peça mais importante deste projecto iluminista, sobre o qual se irá debruçar este trabalho.

Após o levantamento, e inteirado da situação em que se encontra o edifício, parte-se para o segundo capítulo, **Casos de Estudo** onde são analisados três projectos: dois deles têm como objectivo abordar a intervenção sobre a ruína, enquanto que o terceiro se concentra na recuperação do monumento e na sua requalificação da sua relação com a envolvente.

O terceiro capítulo trata a **Proposta de Requalificação**, um estudo prévio para o palácio de Manique do Intendente. Esta proposta tem como propósito valorizar e requalificar o palácio e a relação do mesmo com a sua envolvente, criando uma nova harmonia de modo a que a nova proposta não se sobreponha à história que o monumento em si nos reserva. Pois a ruína, não é um achado congelado no tempo, mas sim uma sobreposição de acontecimentos ao longo da história que narram a paisagem.



1. Gravura, Diogo  
Inácio de Pina Manique  
- Intendente Geral da  
Policia, 1797.

## Contexto Histórico

Diogo Inácio de Pina Manique nasceu em Lisboa a 3 de Outubro de 1733 e faleceu na mesma cidade a 30 de Junho de 1805. Tal como o Marquês de Pombal, foi uma das figuras marcantes do absolutismo português na época de D. José I<sup>1</sup> e de D. Maria I.

Formado em Leis pela Faculdade de Leis da Universidade de Coimbra em 1758, esta grande personalidade desempenhou sucessivamente, ao longo da sua vida, diversos cargos públicos, sendo que alguns deles acumulou aos que já detinha. Exerceu, assim, entre outros cargos e funções, que lhe deram enorme poder político, as funções de Juiz, Desembargador, Superintendente Geral de Contrabandos e Descaminhos e Intendente Geral da Polícia, cargo em que ganhou especial evidência na sociedade da época e para o qual só foi, no entanto, nomeado depois da morte de D. José e consequente queda do Marquês de Pombal<sup>2</sup>.

Contemporâneo da Revolução Francesa, viveu numa época conturbada, a do fim do Antigo Regime e do surgimento do Liberalismo. O seu padrão de pensamento político na área do poder era de absolutismo, mas não coincidente com as ideias iluministas. Daí a sua acção repressiva em relação às ideias contrárias ao sistema político vigente, tornando-se um implacável perseguidor dos que entusiasmados pelas doutrinas da Revolução Francesa pretendiam introduzi-las em Portugal.

Pina Manique mostrou-se um homem inflexível e diligente na perseguição dos contrabandistas, tendo conquistado as boas graças do Marquês de Pombal que o nomeou superintendente dos contrabandos e descaminhos e contador da Fazenda

---

1 D. José I - “O Reformador”, nasceu em Lisboa a 6 de Junho de 1714 e faleceu em Sintra, a 24 de Fevereiro de 1777. O reinado de D. José I foi marcado pelas políticas do Marquês de Pombal, que reorganizou as leis, a economia e a sociedade portuguesa, transformando Portugal num país moderno.

2 Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquês de Pombal e Conde de Oeiras, nasceu em Lisboa a 13 de Maio de 1699 e faleceu em Pombal, a 8 de Maio de 1782. Foi um nobre, diplomata e estadista português e desempenhou, entre vários cargos, durante o reinado de D. José I (1750-1777), as funções de primeiro Ministro sendo considerado, ainda hoje, uma das figuras mais controversas e carismáticas da História Portuguesa.

2. D. José I de Portugal.
3. D. Maria I de Portugal.
4. Sebastião José de Carvalho e Melo - Marquês de Pombal.



Real. Assim, em 1777, foi encarregado por este de reprimir os motins na Trafaria tendo incendiado as casas dos pobres pescadores para que não pudessem escapar, de forma a conseguir prender os desertores ao trabalho e à reconstrução de Lisboa após o terramoto de 1755 (Norton, 2004, p.21).

Esta atitude de Pina Manique demonstrou uma insensibilidade feroz e desumana que fazia jus ao retrato criado a seu respeito por muitos dos que o consideravam um ser violento, intransigente, tirano e prepotente. Tal, podemos-lo constatar na leitura do retrato feito e escrito por um homem do seu tempo que o conheceu, o Duque de Lafões, fundador da Academia das Ciências, e que a seguir se transcreve:

*Lisboa tem um Intendente de Policia que se tornou tão famoso pelos seus abusos de autoridade como temido pelos seus furores. O nome Pina Manique suscita um terror geral. Mal o ousam pronunciar. Não se aborda o Intendente senão tremendo; sentimo-nos como que expulsos por uma mão invisível. O medo da sua severidade, sempre excessiva, sempre irreflectida, precipitada, impõe-se até aos mais corajosos. O seu aspecto não é mais tranquilizador: uma expressão fria, um olhar sinistro, uma figura sombria, rude, intratável, hostil, inspiram um novo terror (Saraiva, 2008).*

Mas, Manique também demonstrou um incrível poder político e exercício de autoridade, contribuindo e muito, para a melhoria da cidade de Lisboa, no séc. XVIII. A sua acção pautou-se pela implementação de uma série de melhoramentos, quer de infraestruturas quer ao nível da segurança na cidade de Lisboa, criando policiamento, organização, arborização, abertura de estradas e iluminação, restabelecendo assim a tranquilidade em Lisboa, que antes da sua nomeação como Intendente-Geral da Polícia era uma cidade muito perigosa, onde sair à noite constituía uma verdadeira aventura (Norton, 2004, p.32).

Todavia, para além de um arrojado defensor de tantos melhoramentos, revelou ainda uma atitude de bem ao próximo procurando atender às necessidades das classes sociais mais baixas.

Fundou a Casa Pia de Lisboa, em 1781, obra que haveria de o imortalizar, uma instituição de início destinada ao acolhimento dos pobres e órfãos e que mais tarde foi transformada num estabelecimento de ensino. Uma Casa Pia para a qual quis o melhor e o mais moderno ensino do seu tempo, aberto à inovação educativa e às ciências experimentais (Saraiva, 2008). Manique foi, ainda, o homem que abriu as portas do seu palácio às artes plásticas, que repovoou o Alentejo, que recuperou

5. D. João VI de Portugal.

6. Napoleão Bonaparte -  
Imperador da França.

7. General Jean Lannes -  
Embaixador Francês em  
Portugal.





delinquentes e prostitutas, que introduziu a terapia ocupacional nas prisões, que sugeriu e planeou os primeiros cemitérios públicos de Portugal e que ergueu o Teatro Nacional de São Carlos<sup>3</sup> (Távares, 1990, p.1).

Durante o reinado de D. Maria I<sup>4</sup>, a sua acção como Intendente Geral da Polícia orientou-se para a repressão das ideias oriundas da Revolução Francesa, designadamente, através da proibição da circulação de determinados livros e publicações e para a perseguição de diversos intelectuais, especialmente maçons a quem ele culpava de terem conspirado a referida revolução. Como era hábil, perspicaz e zeloso, a sua perseguição foi eficaz e sem tréguas. Porém, devido à sua inflexibilidade e intransigência acabaria por se tornar uma vítima das exigências da França revolucionária e, conseqüentemente, Portugal viu-se obrigado a suportar as imposições do governo francês e a humilhar-se diante das exigências do seu enérgico ditador, o primeiro cônsul Napoleão Bonaparte<sup>5</sup>.

E foi assim que, a pedido deste, o então regente D. João VI<sup>6</sup> se viu “obrigado” a demitir por decreto governamental Pina Manique, em 14 de Março de 1803, em virtude das suas desavenças com o General Lannes<sup>7</sup>, embaixador francês em Portugal. Este, aproveitando-se da sua posição, fazia em Portugal um contrabando desonesto à sombra dos seus privilégios de embaixador, servindo-se disso para mandar vir grandes cargas de mercadorias que entravam em Portugal sem pagar imposto. Tal procedimento não era de forma alguma admissível por parte de Pina Manique que, na sua qualidade de diretor geral das alfândegas, procurou impedir tais abusos de forma irredutível.

Após tamanha humilhação, causada pela demissão imposta, Pina Manique retira-se para a sua vila acabando por falecer dois anos depois.

“Enfim, admirado por uns, detestado por outros, desconhecido de muitos, Pina Manique é, apesar disso, um nome incontornável na história do serviço social no nosso país “ (Saraiva, 2008).

---

3 O Teatro Nacional de São Carlos encontra-se localizado no centro histórico de Lisboa, na zona do Chiado. Inaugurado a 30 de Junho de 1793 pelo Príncipe Regente D. João veio substituir o Teatro Ópera do Tejo, destruído no Terramoto de Lisboa em 1755. O Teatro Nacional de São Carlos foi projectado pelo arquiteto José da Costa e Silva.

4 D. Maria I - “A Piedosa”, nasceu em Lisboa a 17 de Dezembro de 1734 e faleceu no Rio de Janeiro, a 20 de Março de 1816. Foi Rainha de Portugal de 1777 até à sua morte e Rainha do Brasil a partir do final de 1815.

5 Napoleão Bonaparte nasceu em Ajaccio, Córsega, a 15 de Agosto de 1769 e faleceu em Santa Helena a 5 de Maio de 1821. Foi um líder político e militar durante os últimos estágios da Revolução Francesa. Foi Imperador dos Franceses, tendo adoptado o nome de Napoleão I.

6 D. João VI - “O Clemente”, nasceu em Lisboa a 13 de Maio de 1767 e faleceu na mesma cidade a 10 de Março de 1826. Foi um dos últimos representantes do absolutismo.

7 Jean Lannes nasceu a 10 de Abril de 1769 e faleceu a 31 de Maio de 1809. Foi o ministro plenipotenciário da França em Portugal no período de 1802 e 1803.



*...Eu a Rainha... Faço saber que sendo me presente que o Doutor Diogo Inácio de Pina Manique do Meu Conselho e Fidalgo da Minha Casa, Desembargador do Paço, Intendente Geral da Polícia da Corte e do reino, Administrador Geral da Alfandega do Assucar e Feitor Mor das do Reino e Comendador de Santa Maria de Orada e da Ordem de X<sup>o</sup> (Cristo) sobre os distintos serviços que lhe tem feito, nos importantes cargos e comições que d'elle tenho confiado e que se tem feito dignos de toda a atenção e remuneração se tem também empregado como bom e útil vassalo em promover a população e agricultura principalmente no termo de Santarem, onde tem principiado a povoação denominada Acoentrinho, repartindo habitações e terras a diferentes cazaes de Moradores que com muita despreza, tem convocado e se propõem convocar adiantando o seu zello a querer edeficar na mesma Povoação huma decente Igreja Parrochial, doende possão receber os Moradores e Fregueses os necessários secorros da Igreja que a antiga arruinada e fundada em lugar Ermo e improprio não podia comodamente ministrar lhes: Hei por bem em consideração do referido e para que de futuro conste da particular estimação que faço do ditto Desembargador Diogo Inácio de pina Manique e de quanto me são agradáveis os seus serviços, fazer lhe muito e honrado da maneira da maneira seguinte: Ordeno que ditta Povoação se denomine daqui em diante **Manique do Intendente**. Que sejam lemites do Sollar e Senhorio a Freguesia em que está a ditta Povoação. Que seja criada Villa, servindo lhe de termo a Freguesia.*

**Carta régia de 11 de Julho de 1791 - Chancelaria Régia de D. Maria I, livro 39, fólhos 209**

*Logo que nella houver cento e vinte vezinhos, devendo então haver Juizes e Vereadores aprovados no forma da Ley, pelos Senhores do Sollar: que da mesma sorte, e com as mesmas naturezas, seja anexa ao sullar (sic) o Padroado da mesma Igreja, e Freguesia; Logo que estiver construída a nova como elle propõem: Havendo Eu por bem ceder para este effeito do Padroado, que tenho na Igreja de S. Pedro da Arrifana que até agora servia, e que se acha em ruina e mal cituada. Pelo que Mando a Meza do Meu Dsembargado do Paço que sendo lhe apresentado este Alvará por Mim assinado, registado no Registo geral das Mercês e passado pela Chancelaria Mor da Corte e Reino, lhe fação passar Carta desta Mercê, na qual se translada este Alvará que se cumprirá inteiramente como nelle se contem pondosse as verbas necessárias a margem do Registo do Decreto porque foi expedido. Lisboa, 11 de Julho de 1791 annos.*

*a Rainha D. Maria I.*



## Definição de Monumento

No sentido mais literário da palavra, Monumento é uma construção ou uma obra de escultura destinada a perpetuar a memória de um facto ou de alguma personagem notável, edifício majestoso que aprimorará o aspecto de uma cidade ou local, obra digna de passar à posterioridade, mausoléu, memória, recordação, documentos, literários, científicos, legislativos e artísticos, ou quaisquer restos e fragmentos materiais pelos quais podemos conhecer a história dos tempos passados (Dicionário da língua portuguesa, 6ª edição, p.1129).

Porém, esta definição de monumento compreende um espectro bem mais abrangente devido ao seu *Kunstwollen*<sup>8</sup> (vontade artística), uma vez que este não pode ser comparado à de outros períodos da história. Daí ser necessário abordar os vários tipos de valores que constituem este conceito.

Na História da Arte, Riegl<sup>9</sup> considera o espectador como uma parte integrante do processo da transmissão da mensagem. Ao colocar a diferença entre o passado e o presente, nos diferentes contextos sociais, históricos e culturais, Riegl traz uma nova dimensão às questões de intervenção nos monumentos.

Segundo Riegl, monumento, no sentido primordial do termo compreende-se como sendo uma obra de mão humana, construída com o fito determinado de conservar sempre presentes e vivos na consciência das gerações futuras feitos ou destinos humanos (Riegl, 1903, p.9). Monumento está relacionado com a manutenção da memória colectiva de um povo, sociedade ou grupo. A criação destes monumentos intencionais remete-nos para as épocas recuadas da cultura humana, mas não é a estes monumentos que Riegl se refere, e sim aos monumentos artísticos

---

8 *Kunstwollen* - conceito criado pelo historiador da arte Alois Riegl. Significa “vontade artística” e entende-se como uma força do espírito humano que faz nascer afinidades formais dentro de uma mesma época, em todas as suas manifestações culturais.

9 Alois Riegl nasceu em Linz, a 14 de Janeiro de 1858, e faleceu em Viena, a 17 de Junho de 1905. Riegl foi um historiador da arte pertencente à Escola de Viena de História da Arte.

**8. Historiador da Arte**  
Alois Riegl.



e históricos, monumentos não-intencionais, relativamente aos quais é o sujeito moderno que lhes confere e lhes atribui um significado, um valor.

Na sua obra, Alois Riegl, enumera cinco valores de monumento, que se dividem em duas categorias: de rememoração (passado) e de contemporaneidade (presente). Os valores de rememoração são três e dividem-se em valor de antiguidade, valor histórico e de memória intencional. Já os valores de contemporaneidade dividem-se em dois tipos: valor de uso e valor artístico, sendo que o valor artístico ainda se subdivide em valor de artístico relativo e valor de novidade. Cada um destes valores referidos e analisados por Riegl requerem um estudo e um tratamento diferente, consoante o caminho ou a decisão a tomar em relação à sua preservação, daí ser fundamental a análise destes valores em causa para uma abordagem mais apropriada em cada situação (Cunha, Kodaira, 2014, p.4).

**Valores de rememoração (passado)**

- Valor de antiguidade

Do seu ponto de vista, o valor de antiguidade de um monumento torna-se evidente logo no primeiro olhar pelo seu aspecto antigo, em que as marcas do tempo decorrido se denunciam na decomposição dos seus traços, dando origem a uma dissolução da sua forma e cor, que se opõem directamente às propriedades das criações modernas. As ruínas como o próprio autor cita são o exemplo mais drástico para definir o valor de antiguidade, pois impõem-se de longe e com maior eficácia através da visão e não tanto através do sentido táctil, da destruição da superfície, que através “dos cantos e as esquinas gastas e coisas do género, é onde se dá a ver o trabalho de dissolução operado pela natureza” (Riegl, 1903, p.29).

*É correcto afirmar que as ruínas se tornam cada vez mais pitorescas, quanto mais partes suas entrarem em dissolução: o seu valor de antiguidade torna-se cada vez menos extensivo com o avanço da degradação, quer dizer, provocado por cada vez menos partes, mas em compensação torna-se mais intensivo, quer dizer, as partes que sobram actuam cada vez mais penetrantemente sobre o espectador (Riegl, 1903, p.31).*

O valor histórico é claramente o mais abrangente, designando-se por histórico tudo o que existiu e já não existe no presente. O monumento histórico é uma criação da sociedade moderna, um evento histórico localizado no tempo e no espaço. O valor histórico de um monumento assenta no facto de representar um estado peculiar e singular na evolução de uma dada área da criação humana (Riegl, 1903, p.34), ou seja, interessa-nos no monumento não as marcas da actuação diluidora da natureza que se fez valer no tempo decorrido desde a sua origem, mas o facto de ter sido criado outrora como obra humana, e por essa razão, o valor histórico é tanto mais elevado quanto mais claro for o seu estado coeso, devendo ser mantido o mais

- Valor Histórico





fiel possível ao seu estado original. Os sintomas da dissolução, que são a questão principal para o valor de antiguidade, devem ser eliminados por todos os meios, do ponto de vista do valor histórico. O último valor da categoria de rememoração é o valor de memória intencional, e para Riegl o valor que mais se aproxima do valor de contemporaneidade, na medida que remete à busca de eterno presente e exige do monumento, que este nunca se torne passado, mantendo-o sempre presente, vivo e original na consciência dos vindouros (Riegl, 1903, p.42).

- Valor de memória intencional

Valores de contemporaneidade (presente)

- Valor de uso

Nos valores de contemporaneidade, Riegl define o valor de uso, como sendo um valor que deve atender às necessidades materiais do homem. Por exemplo, num edifício antigo que ainda hoje está a uso prático deve ser conservado em boas condições relativamente às pessoas que o utilizam, não vá este ameaçar a segurança das suas vidas. Todas as fendas abertas pela força dos elementos naturais nas paredes ou no tecto têm de ser imediatamente colmatadas, as infiltrações têm de ser detidas tanto quanto possível ou mesmo neutralizadas, etc. Em geral, podemos dizer que, relativamente ao valor de uso, é decerto completamente indiferente, à partida, o tratamento a dar a um monumento, desde que não se toque na sua existência, de tal modo que, a este propósito, não é lícito fazer absolutamente nenhuma concessão ao valor de antiguidade.

O valor artístico relativo refere-se à capacidade que o monumento antigo mantém de sensibilizar o homem moderno. Se o homem moderno valoriza a arte e a sua feição estética, consoante o seu próprio enquadramento ou a sua *kunstwollen*, então a valorização do edifício é feita no presente e não no passado. Seguindo esta linha de pensamento, podemos concluir que a valorização artística é sempre subjectiva, e varia consoante o gosto pessoal (Alves, 2014, p.8).

- Valor artístico

Um edifício novo, cuja sua integridade e policromia se apresenta intacta é mais facilmente apreciado por indivíduos desprovidos de cultura. É por isso que Riegl defende que o valor de novidade será sempre um valor artístico do público pouco cultivado (Riegl, 1903, p.96).

- Valor de novidade

De facto, e segundo o artigo *o legado moderno na cidade contemporânea: restauração e uso*, o valor que se atribui ao novo é incontestavelmente superior ao que se atribui ao velho. O valor de antiguidade não consegue, assim, impor-se sobre o valor de novidade, dominante mesmo entre aqueles mais cultivados e não apenas sobre o público em geral. Este pensamento é visível quando se impõe aos monumentos antigos que se apresentem como novos, com o seu aspecto original, acabado e fresco, através de intervenções de restauro, onde se procura colocar o edifício de novo no seu estado original, apagando a passagem do tempo que se instalou na obra (Cunha, Kodaira, 2014, p.7).



Com outra perspectiva aparece a Carta de Veneza<sup>10</sup> no ano de 1964, a defender que a definição de monumento histórico abrange também a criação arquitectónica isolada e o seu território, rural ou urbano, que denuncie uma civilização em particular, uma evolução significativa ou um acontecimento histórico. Este conceito não se aplica apenas às construções avantajadas e majestosas, mas também às obras modestas que adquiriram com o tempo um significado cultural.

Este manifesto urbanístico defende que a conservação e o restauro dos monumentos é essencial e tem como fim salvaguardar tanto a obra de arte como o testemunho histórico. Este documento salvaguarda que a conservação dos monumentos deve ser constante e de acordo com os padrões do projecto original, sendo qualquer obra nova, de adaptações necessárias ou exigidas pela evolução dos usos e dos costumes alvo de aprovação. Para além disso defende que o edifício se deveria adaptar às necessidades da população, sem que para isso seja necessário a alteração da disposição e decoração dos edifícios.

O restauro é uma operação que deve ter carácter excepcional, e que se destina a conservar e a revelar os valores estéticos e históricos dos monumentos baseando-se na autenticidade. Esta intervenção deve ser feita tendo em conta que esta deixa de fazer sentido quando se coloca a hipótese de reconstituição - uma vez que numa reconstituição qualquer trabalho complementar, que se reconheça indispensável por causas estéticas ou técnicas, fica condicionado a uma conciliação ou harmonia arquitectónica e deixará sempre presente a sua modernidade. Contrariamente ao restauro que será sempre procedido e acompanhado de um estudo arqueológico e histórico do monumento.

Num restauro, sempre que as técnicas usadas durante sua construção inicial se revelem inadequadas, a consolidação de um monumento pode ser assegurada com o apoio de todas as técnicas modernas de conservação e de construção cuja eficácia tenha sido comprovada por dados científicos e garantida pela experiência.

Todos os novos elementos destinados a ocupar as falhas existentes devem integrar-se harmoniosamente no contexto, tendo que se distinguir das partes originais, a fim de que o restauro não falseie o documento de arte e de história.

Os acrescentes não podem ser tolerados a não ser que respeitem todas as partes interessantes do edifício, o seu quadro tradicional, o equilíbrio da sua composição e as suas relações com o meio envolvente (Carta de Veneza, 1964).

---

10 A Carta de Veneza consiste na actualização dos princípios básicos definidos pela primeira vez na Carta de Atenas de 1931, para a abordagem sobre a intervenção de conservação e restauro de um monumento ou sítio. Estes princípios assentam num acordo de âmbito internacional, a partir do qual cada país se responsabiliza pela sua aplicação no quadro da sua própria cultura e tradição.



9. Via de acesso principal à povoação de Manique do Intendente.

## **I Problema**

Da sua fundação, Manique do Intendente, outrora designada de Alcoentrinho, uma vila pensada pelo poderoso Intendente Geral da Polícia, Diogo Inácio de Pina Manique, para residência própria e colonização agrícola, pouco ou quase nada foi construído. A morte do encomendador deixou a meio a obra do palácio, o edifício mais importante da vila. O casario e uma praça, cuja construção decorria, não foram muito mais longe. “Manique cresceu um pouco ao Deus-dará” (Gomes, 2009, p.119).

Apenas existe um palácio e uma praça hexagonal, sendo que as restantes edificações remontam já ao século XX.

A vila encontra-se geograficamente situada num vale de suave pendente, que segue o curso da Ribeira do Judeu ou Almoster e que passa a poucas centenas de metros a Sul de Manique. A sua morfologia pouco acidentada é marcada por vales delineados por linhas de água integradas no sistema hidrográfico do rio Tejo.

Actualmente, a via principal de acesso à povoação é a que liga Alcoentre ao Cartaxo. Existem, ainda, outros acessos não menos importantes como o da Arrifana para Norte e o da Maçussa para Sul.

### **1.1 O traçado incompleto da Vila de Manique**

A reconstrução do traçado original que o projecto ambicioso de Pina Manique propunha para a Vila de Manique é, nas palavras de Cátia Marques, “uma tarefa assaz complexa e especulativa” dado que, para além dos escassos vestígios existentes no terreno, não existem quaisquer outros testemunhos que o confirmem (Marques, 2004, p.59).

Contudo, a julgar pelas propostas de reconstituição e pela argumentação que



10. Vista aérea sobre a Vila de Manique do Intendente.

as sustenta e apresentadas pela autora, esta afirma que o desenho urbano da vila teria que partir, sem dúvida, das duas peças realmente existentes – o palácio e a praça hexagonal. Também a via de acesso à povoação, que hoje se apresenta como um eixo meramente visual, mas que outrora terá tido outro tipo de compromisso com o traçado aí previsto, é um terceiro elemento deveras importante (Marques, 2004, p.59).

Assim, em relação aos dois elementos construídos, palácio e praça hexagonal, Cátia Marques mostra que se considerarmos um eixo que aponte ao centro do Palácio, e um outro imaginário perpendicular a passar pelo centro da praça obtém-se um ponto, o centro de uma circunferência, que passa pelo centro da praça e que é tangente à fachada principal do Palácio. Este pormenor, na sua opinião, leva ao pressuposto da possível existência de uma segunda praça hexagonal, simetricamente colocada em relação ao eixo do Palácio, assumindo-se este eixo como a via de entrada na nova povoação.

Resumindo, a Vila de Manique teria assim três praças: uma praça nobre retangular enquadrando o Palácio do Intendente, a Praça dos Imperadores hexagonal ligada ao poder civil (Casa de Câmara, o pelourinho e casas de habitação) e, ainda, uma segunda praça hexagonal que acolheria possivelmente funções comerciais.

## **1.2 Inserção urbana do edifício**

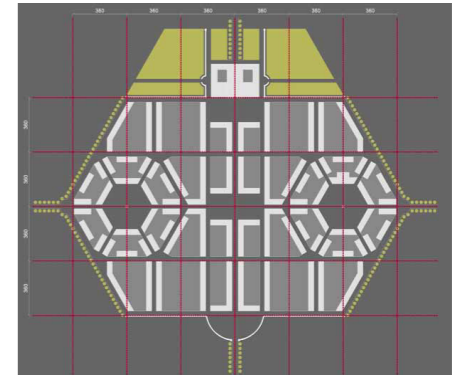
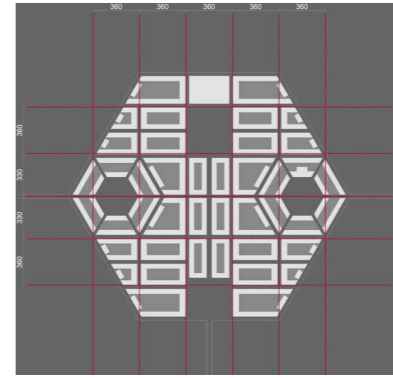
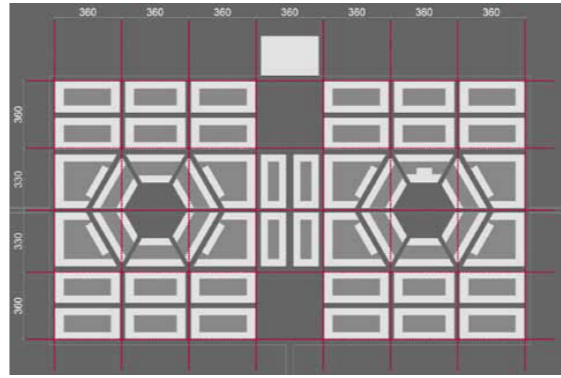
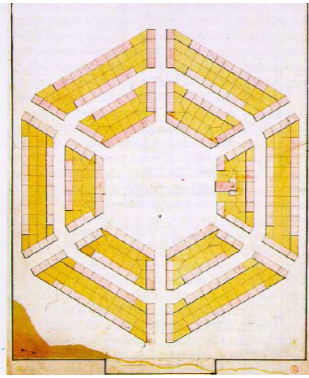
Segundo Cátia Marques a forma urbana é uma questão fundamental. Assim, neste caso de estudo, é difícil perceber que desenho teria a Vila de Manique tendo em conta as inúmeras possibilidades de resposta às variadas questões a equacionar. Não há registos que nos expliquem se a nova vila seria projectada como um todo ou se admitiria uma expansão posterior.

Em relação à integração da vila no território, esta encontra-se enquadrada por três linhas de água – a sul, a ribeira de Judeu ou Almoester, a Oeste e a Este por dois afluentes da mesma ribeira e a Norte por uma elevação, o Cabeço.

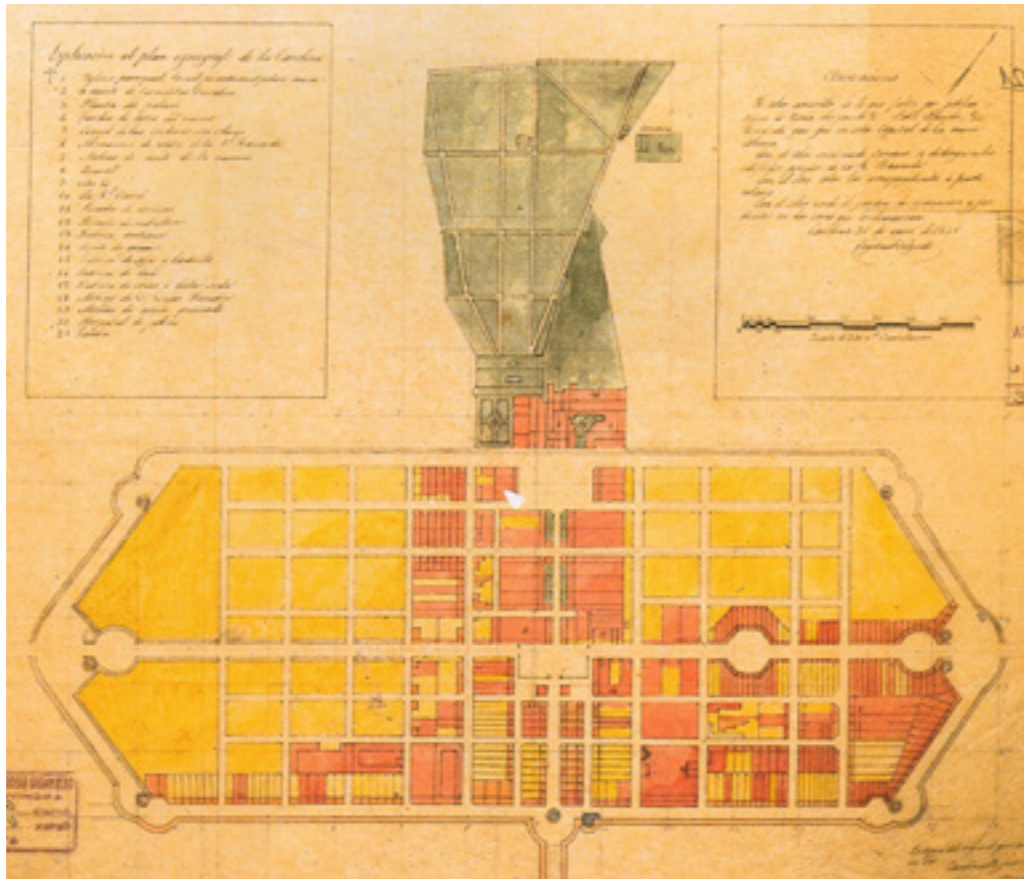
No que toca à forma propriamente dita, Manique foge à regra da maior parte dos casos de produção portuguesa em que impera a forma rectangular, com relações proporcionais diversas. Assim, o facto de Manique possuir uma praça hexagonal, o que lhe atribui uma característica peculiar, permite-lhe introduzir uma variação tanto na forma geral da povoação como, inevitavelmente, no seu traçado (Marques, 2004, p.63).

No que diz respeito à forma, Cátia Marques refere alguns exemplos de

- 11. Plano da Vila de Serpa, Brasil.
- 12. Vista Aérea da Vila de Avola, Sicilia.
- 13. Vista Aérea da Vila de Grammichele, Sicilia.
- 14. Proposta rectangular.
- 15. Proposta hexagonal.
- 16. Proposta final - hexágono "cortado".



- 17. Plano de La Carolina, Espanha.
- 18 Proposta rectangular sobre malha urbana actual.
- 19. Proposta hexagonal sobre malha urbana actual.





comparação de vilas com formas hexagonais, tais como, Serpa no Brasil, Avola e Grammichele, na Sicília, e, por último, La Carolina, sendo que esta toma a forma de um hexágono “esticado” ao longo de um dos eixos.

Então, temos assim: Serpa centrada numa única praça hexagonal, limitada por quarteirões trapezoidais, com quintais interiores e com uma segunda linha que os rodeia; Granmichele com um traçado composto por ruas radiais saindo do meio de cada lado uma praça central hexagonal; Avola que apresenta uma praça central quadrada e um traçado reticular; e, por fim, la Carolina cujo traçado é reticular encaixado na forma exterior, em que dois eixos assumem especial importância (um dos eixos corresponde à estrada que nos leva em direção a Madrid e o outro que vem de Sevilha e dá acesso ao Palácio del Intendente<sup>11</sup>), cruzando-se no centro da povoação.

Afigura-se assim a possibilidade de podermos transpor qualquer destas formas, tanto a rectangular como a hexagonal, para o caso da Vila de Manique do Intendente.

A proposta de Cátia Marques baseia-se numa malha ordenadora de traçado, no eixo para Lisboa como eixo de simetria, na existência de uma via no sentido transversal, que faz ainda hoje a ligação entre Alcoentre e o Cartaxo. A arquitecta coloca uma segunda praça hexagonal, simetricamente à existente, tendo como eixo a via de acesso ao Palácio (Marques, 2004, p.66).

O desenho das propostas apresentadas nasceu do cruzamento entre a malha, as praças hexagonais e a implantação do Palácio. Assim, propõe duas hipóteses em que uma seria de forma rectangular e a outra hexagonal.

Na proposta hexagonal refere que é mais complicado resolver o desenho dos quarteirões, mas que mesmo assim se consegue uma disposição bem mais equilibrada. Por outro lado, ao inserir as duas hipóteses no terreno, a proposta de implantação hexagonal encaixa de uma forma quase perfeita, enquanto a proposta de implantação rectangular se sobrepõe a declives pronunciados. Uma outra diferença entre os dois desenhos é a relação que o palácio estabelece com a sua envolvente.

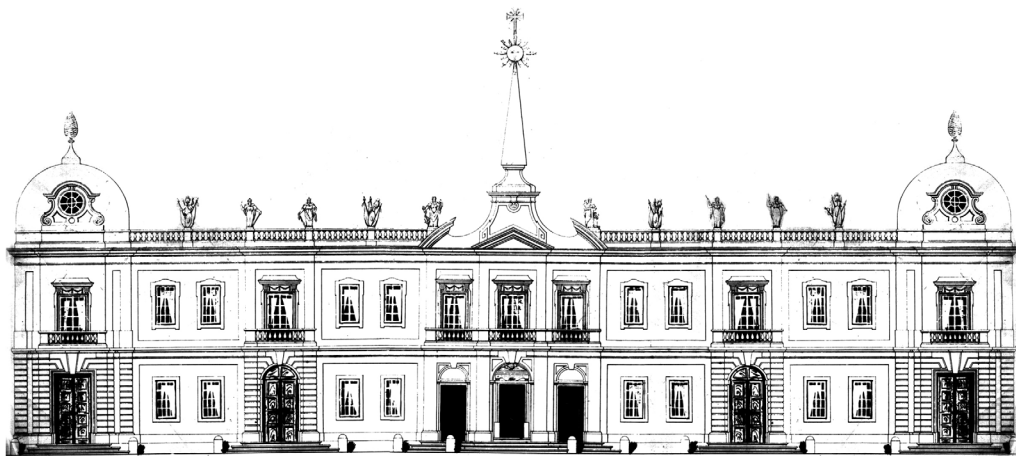
Na proposta rectangular, o palácio fica em posição semelhante à que se vê no plano La Carolina, em Espanha, à margem da restante povoação, deixando espaço para que se desenvolva na sua rectaguarda um jardim e/ou quinta de recreio. Já na proposta hexagonal, o palácio aparece mais integrado no tecido urbano (Marques, 2004, p.71).

Resumindo, das duas hipóteses apresentadas por Cátia Marques, a autora

---

<sup>11</sup> O Palacio del Intendente Olavide localiza-se na cidade de La Carolina, em Espanha. A sua construção decorreu de 1767 a 1770. Do projecto original, em estilo neoclássico, apenas permanece a fachada composta por quatro colunas dóricas e um bloco adjacente com três andares.

20. Prospecto da Igreja e Palácio do Donatário e Senhor do Solar da Vª de Manique do Intendente padroeyro da mesma Igrª.



21. Palácio de Manique do Intendente, 1977.

considera que a proposta de formato hexagonal se insere no terreno de uma forma bem mais natural, ao contrário da proposta de formato rectangular, não interferindo com as linhas de água existentes e moldando-se muito melhor à topografia e morfologia do terreno.

### **1.3 Estado actual do Palácio**

Da autoria do Arquitecto Joaquim Fortunado Novais<sup>12</sup>, o Palácio de Manique do Intendente é do mesmo tipo do Palácio de Mafra e de variadíssimos casos existentes por toda a Europa, pois desenvolve-se em torno de uma igreja pública com a fachada para a rua, centralizando a frente principal do bloco construído. Da sua ruína podemos depreender o aspecto desta frente e, a partir da planta, compreender que ainda aqui existe muito por investigar, pois é estranho o palácio estar dividido pela igreja em dois sectores aparentemente iguais, sendo que o sector nascente se encontra inacabado e que apenas se comunicam entre si pela tribuna alta da igreja. (Gomes, 2009, p.119).

O acesso à igreja é feito através de uma escadaria e de uma galilé abobadada formada por três arcos de volta-perfeita. O piso superior a esta é ligeiramente recuado dando acesso a uma varanda com balaustrada, que serve três janelas de sacada rematadas por frontões triangulares. De remate a esta secção temos um frontão curvo ligeiramente abatido, que corresponde ao enchimento a um frontão curvo interrompido, preenchido por razões de estabilidade. Do ponto de vista da imagem do palácio, o mais interessante é o altíssimo obelisco na prumada central do edifício que se encontra assente sobre este frontão curvo (Gomes, 2009, p.120). Os corpos laterais simétricos são ritmados por um conjunto de porta e varanda balaustrada, saliente na secção central e no extremo dos corpos laterais. O palácio é composto por dois pisos, sendo que o meio destes dois corresponde ao friso em pedra existente na fachada. O piso térreo é definido por janelas altas com peitoril, enquanto que o piso superior é composto por janelas de avental trabalhado sobrepostos por óculos elípticos. Finalizando a fachada temos uma balaustrada, pontuada por estátuas sobre socos. No seu interior temos uma igreja de planta longitudinal, com uma nave, sem capelas laterais e com uma capela-mor rectangular. O seu tecto é curvo, em madeira, e o telhado é composto por duas águas.

Devido à morte de Pina Manique, em 1805, as obras iniciais de construção

---

12 Joaquim Fortunado Novais, falecido em 1807, foi um discípulo do Arquitecto José da Costa e Silva.



22. Vista aérea sobre a Praça dos Imperadores.

do palácio foram abandonadas e o edifício foi sofrendo sucessivas alterações, desde obras de melhoramento por iniciativa e à custa da população, à construção de coberturas por iniciativa da DGEMN<sup>13</sup> e, até mesmo, a instalação de um Centro de Dia para a Terceira Idade que nunca foi terminado. Todas estas intervenções sem qualquer critério contribuíram grandemente para o agravamento e a degradação do Palácio durante todos estes anos (Marques, 2004, p.24).

---

13 Direcção-Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais.





**23. Página anterior:**  
Vista aérea sobre a Vila de  
Manique do Intendente.



## II Casos de Estudo

Com a finalidade de intervir no Palácio de Manique do Intendente da forma mais correcta possível foram analisados três casos de estudo. O estudo dos dois primeiros casos, o Teatro Thalia em Lisboa e o Neues Museum em Berlim, tem como objetivo abordar a intervenção sobre a ruína, enquanto que o terceiro, o Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça se concentra na recuperação do Mosteiro, e na preocupação da requalificação da sua envolvente, por forma a conferir-lhe a importância que assumiu em tempos áureos, e, ao mesmo tempo, resolver problemas da relação com a cidade.

No Teatro Thalia e no Neues Museum, assiste-se à opção, por parte dos arquitectos, de manter a ruína existente. Apesar de estes projectos serem bastante diferentes, esta opção mantém-se permitindo ao espectador perceber de forma clara a relação entre o “antigo” e o “novo”, aparecendo, assim, a ruína como uma entidade independente, autónoma e válida por si só.

Já no projecto de requalificação do Mosteiro de Sta. Maria de Alcobaça e área envolvente, o arquitecto tem como intenção primordial valorizar o monumento, de modo a que este não seja visto de uma forma isolada, isto é, desligado do espaço urbano circundante. Deste modo, o autor liga o Mosteiro à cidade que o envolve de uma forma harmoniosa.

Em seguida vai-se analisar mais ao pormenor cada um destes projectos, tendo como principal enfoque a ruína como parte assumida da história do edifício e o seu contraste entre a intervenção nova e a integração do monumento na envolvente urbana. Aspectos que se irão reter e reinterpretar para a intervenção no Palácio de Manique do Intendente.



24. Fachada Sul do Teatro Thalia.



25. Vista da nova praça.

## 2.1 Requalificação do Teatro Thalia

O Teatro Thalia, apresenta uma frontaria desenhada pelo arquiteto italiano Fortunato Lodi, em 1842<sup>14</sup>, e foi inaugurado, em 1843, pelo Conde de Farrobo.

Localizado nos arredores da cidade, em frente ao palácio e jardins da antiga Quinta das Laranjeiras, o Teatro Thalia era, naquela época, palco de teatro e ópera, zona de festas extravagantes, entre outros luxos aristocráticos. Apesar de ser um local fulcral para a alta sociedade, dezanove anos depois da sua inauguração, o teatro e a sala foram destruídos por um incêndio<sup>15</sup>, ficando este abandonado desde então. Este edifício fica, assim, durante quase 150 anos entregue à sua sorte e à benevolência das condições atmosféricas (*in* Nu, 2013, p.29).

O que restava do Teatro impressionava pela austeridade duma construção visivelmente sacrificada pelo fogo onde a dimensão dum esqueleto construtivo resistente revelava uma tectónica muito marcante, majestosa na sua verticalidade e materialidade. Tratava-se de um edifício desactualizado e em risco de colapso, onde o fausto de outrora se foi com as suas cinzas deixando impresso numa imponente nudez a potencial capacidade de renascer.

Segundo a sua tipologia, o edifício original era um pequeno teatro, de cena italiana, com reduzida área de plateia<sup>16</sup>, e duas ordens ou níveis de galerias. A caixa de palco, demasiado generosa para a dimensão total do teatro, pode explicar-se pela versatilidade e engenho da sua máquina cénica.

A intervenção neste edifício baseou-se em manter intactas as estruturas existentes dos espaços cénicos primitivos – Foyer, Plateia e Cena – para fins de

---

14 Fortunato Lodi nasceu em Bolonha em 1805 e faleceu em 1883. Lodi foi o autor do projecto do Teatro Dona Maria II, em Lisboa.

15 A 9 de Setembro de 1862, o Teatro Thalia foi praticamente destruído por um incêndio, só tendo sido a fachada poupada à sua destruição.

16 Crónicas da época referem uma capacidade de 560 lugares para esta plateia, certamente incomportável segundo os padrões de dimensionamento actual.

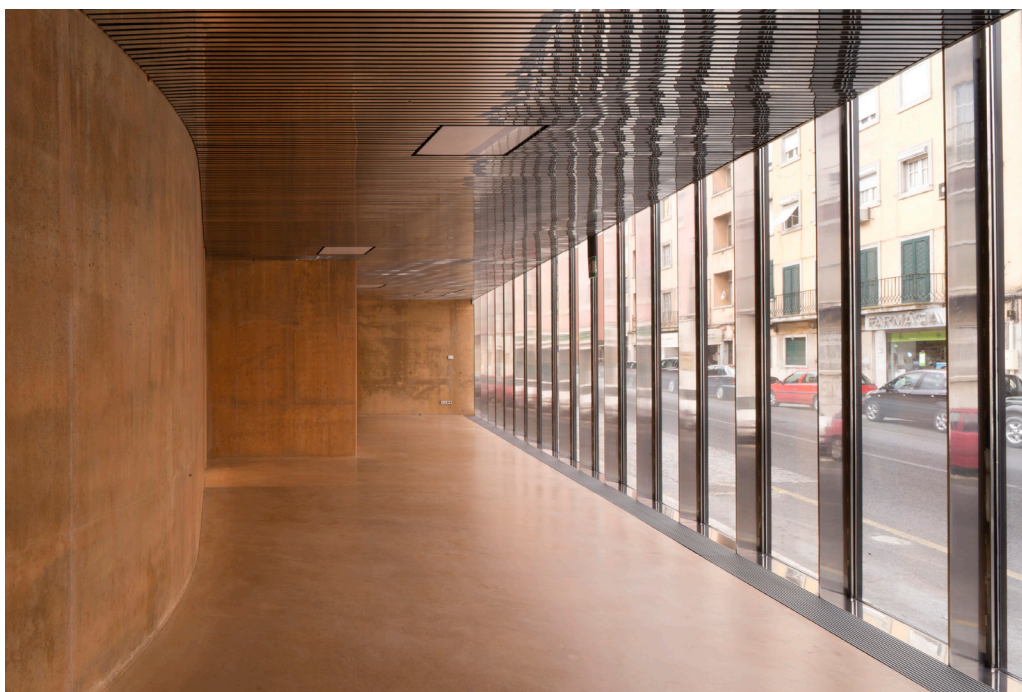




26. Página anterior: Planta de localização do Teatro Thalia de 1904-1911.  
27. Vista para a Cena  
28. Vista para a Plateia.



29. Corredor do novo volume L.



conferências, seminários, reuniões de trabalho, recepções, concertos ou mesmo representações cénicas. Para consolidar as paredes existentes, em risco de colapso, o exterior foi coberto por betão desactivado. As ruínas serviram como cofragem perdida do teatro. No interior, a ruína foi deixada intacta, com as marcas do tempo que passou. De resto, infraestruturas mínimas criam uma arena que pode ser adaptada a vários usos: exposições, conferências, recepções, concertos ou mesmo representações cénicas.

Em torno de um novo pátio o volume em L, envolve a construção existente a nascente (na Estrada das Laranjeiras) e a norte permitindo valorizar a relação do Teatro Thalia com a via pública e com os seus espaços servidores. A configuração da proposta distribui o programa por forma a privilegiar a relação dos espaços de circulação e permanência de público com os jardins e com o palácio, protegendo-os da frente mais ruidosa da Estrada das Laranjeiras. Para tal, localiza-se o programa de apoio numa construção de um só piso que inclui portaria, instalações sanitárias públicas, arrumos e zonas técnicas na frente virada para o arruamento e ainda uma cafetaria e zonas de apoio, com ligação directa ao jardim. A sua forma em L foi determinada de modo a preservar o maior número de árvores e delimitar, com as traseiras da Cena, uma praça ligeiramente elevada em relação à cota do jardim. Esta praça tem uma das frentes abertas para os jardins e pode também ser utilizada como espaço exterior de recepções. O acesso automóvel é feito no topo norte da nova construção, para não interferir com o terreno que serve o Palácio e o peristilo do Teatro. O corpo novo foi concebido como um pavilhão com uma cobertura uniforme que abriga três volumes onde o programa se encontra compartimentado. A transparência da sua pele exterior, integralmente em vidro e perfis metálicos, bem como o tratamento unitário dos volumes e dos pavimentos, serve de enquadramento à construção primitiva e permite estabelecer relações entre dentro e fora, transparências e reflexos, peso e leveza, cidade e parque. Todos os espaços interiores são tratados de forma unitária, com as paredes e pavimentos em betão cor terracota e tectos falsos em chapa metálica a permitir a distribuição e o acesso às infra-estruturas até aos espaços principais. As portas são executadas em carpintarias de madeira de mutene aparente e algumas áreas sociais revestidas a pedra (Byrne, Barbas Lopes, 2012).

A frontaria do teatro foi integralmente restaurada, com o peristilo neoclássico de colunas em lioz e esfinges na base em mármore branco. A telha lusa na cobertura e o pavimento em calçada foram substituídos por lioz, acentuando a geometria do peristilo. No interior, o átrio foi reconstruído num estilo “neo-neoclássico” que inclui um friso canelado feito de moldes em esferovite bem como novos trabalhos de cantaria em lioz (*in* Nu, 2013, p.29).

**30. Projecto de Requalificação do Antigo Teatro Thalia, 2008 - 2012**

0 5 20m

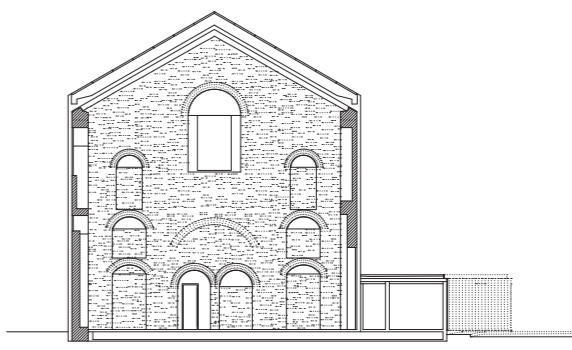
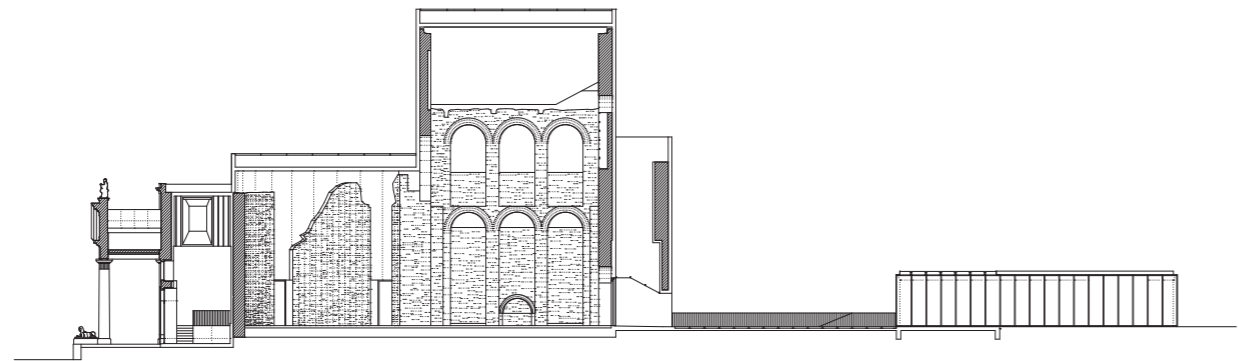
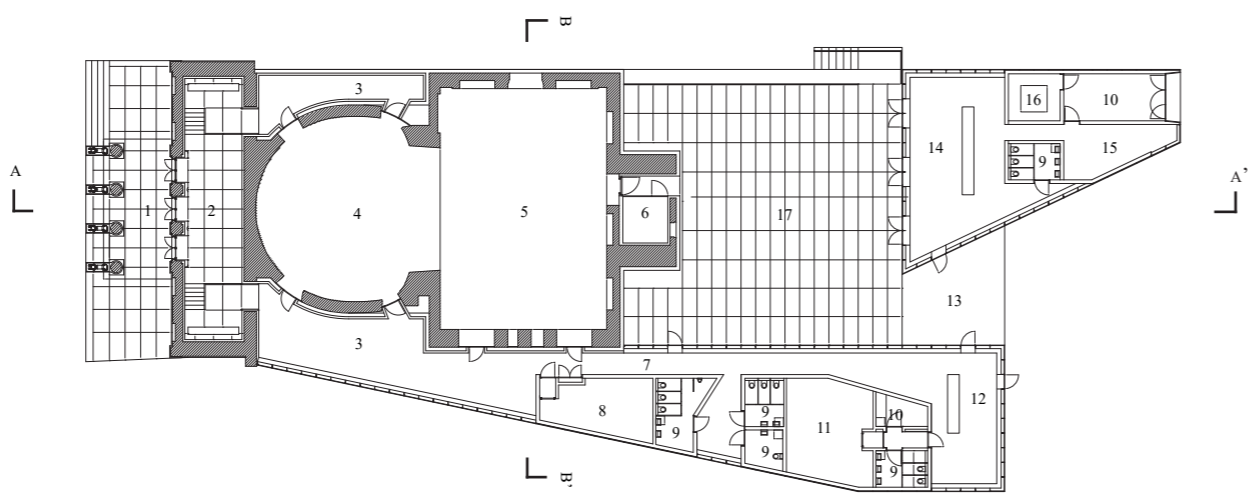


- Planta do piso térreo

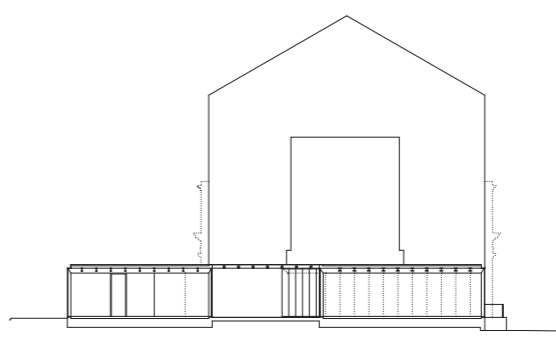
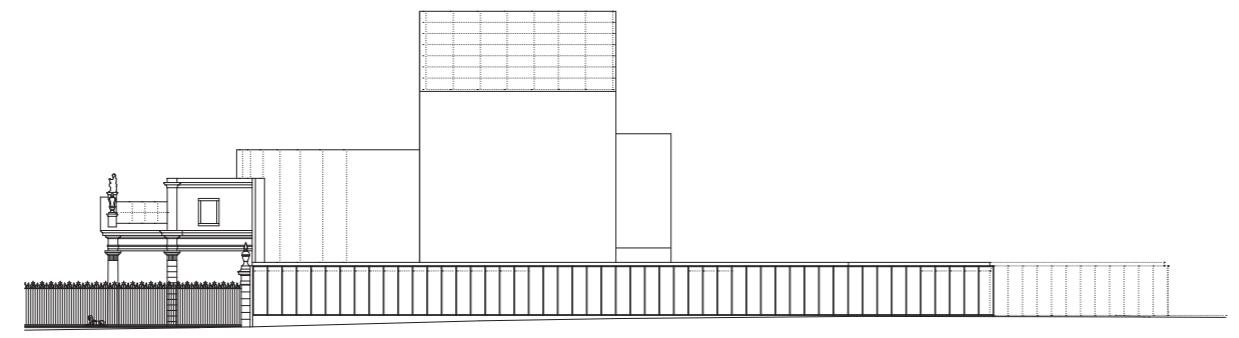
Legenda:

- 1. Perítilo
- 2. Foyer
- 3. Plateia
- 4. Cena
- 5. Antecâmara
- 6. Área Técnica
- 7. Circulação
- 8. Arrumos
- 9. Instalações sanitárias
- 10. Sala de apoio
- 11. Arrumos
- 12. Átrio/portaria
- 13. Área coberta
- 14. Cafetaria
- 15. Cozinha
- 16. Zona técnica
- 17. Praça

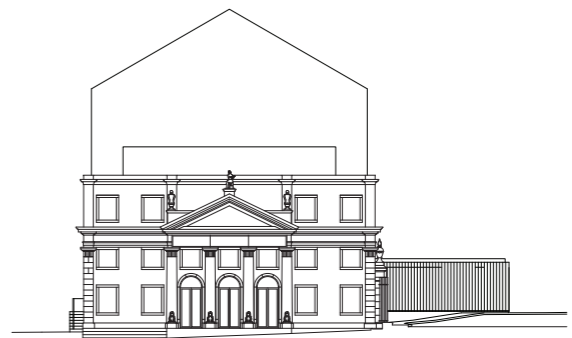
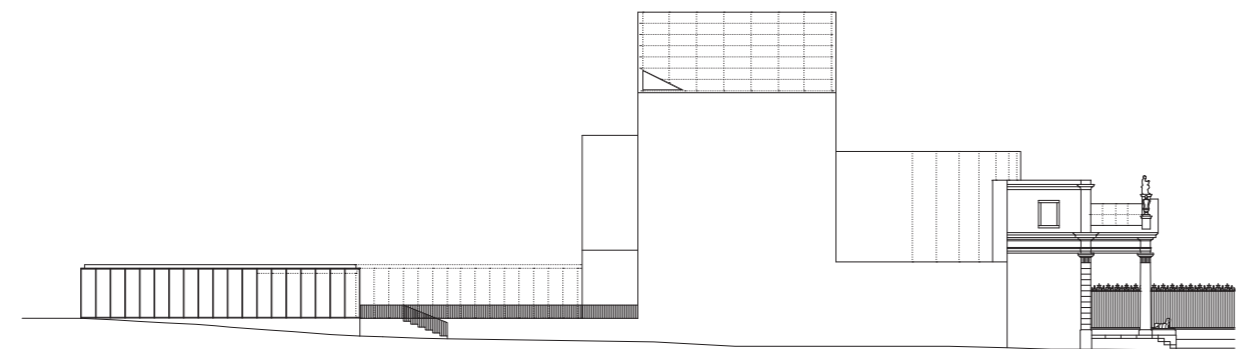
- Corte Longitudinal AA' e Corte Transversal BB'



- Alçado Este / Vista da Rua e Alçado Norte



- Alçado Oeste e Alçado Sul





A definição de objectivos específicos para o edifício existente e para o edifício proposto pretende exprimir uma relação clara entre o novo e o antigo no Teatro Thalia, no sentido de lhe conferir uma funcionalidade perdida. Assume-se a ruína como uma entidade autónoma, válida por si própria enquanto corpo imponente que é preservado e protegido na sua integralidade. Em contrapartida, o novo volume é um pavilhão de apoio, leve e transparente, que remete para as construções de recreio e lazer que existiram na Quinta das Laranjeiras. A nova imagem urbana do Teatro Thalia é, assim, assinalada pelos volumes dos espaços cénicos primitivos e pela frente dos novos espaços de apoio, que nos permitem o contacto visual com a Estrada das Laranjeiras bem como a paisagem dos jardins (Byrne, Barbas Lopes, 2012).

O Projecto de Requalificação do Teatro Thalia procura consolidar a história de um lugar e de um edifício num equipamento que revive essas memórias.

31. Neues Museum,  
Museum Island Berlin,  
1997–2009.



## 2.2 O Neues Museum

Localizado no centro de Berlim, o Neues Museum<sup>17</sup> faz parte do conjunto de cinco museus da Ilha dos Museus<sup>18</sup>. O motivo da sua construção deveu-se ao facto de o Altes Museum (Museu Antigo) se ter tornado demasiado pequeno para acolher o acervo de antiguidades e obras de arte. Porém, e apesar deste facto, o Neues Museum ficou fechado durante décadas devido ao bombardeamento sofrido durante a Segunda Guerra Mundial, sendo reaberto ao público apenas em 2009.

Em 1841, o rei da Prússia Friedrich Wilhelm IV decretou que toda a parte norte da Ilha Spree seria “transformada num santuário de arte e ciência”. Tendo em atenção este decreto e a necessidade de expandir o Altes Museum, que não comportava mais as obras de arte, Friedrich August Stüler<sup>19</sup>, um discípulo do famoso Arquitecto Karl Friedrich Schinkel<sup>20</sup> que projectou diversos edifícios<sup>21</sup> em Berlim, projectou o Neues Museum com um estilo arquitectónico neoclássico. Este consistia num edifício com 105 metros de comprimento e 40 metros de largura e com uma fachada relativamente simples. Já no que toca ao seu interior, verificase uma riqueza na decoração, sendo que os salões eram pintados e ornamentados em estilo egípcio, grego ou romano.

Este edifício demorou alguns anos a ser construído. As obras tiveram

---

17 O Neues Museum é destaque na 4ª edição da Trienal de Arquitectura de Lisboa.

18 A Ilha dos Museus é uma Ilha no Rio Spree, no coração de Berlim. Actualmente Património da Humanidade da UNESCO, resulta da intenção do Rei Frederick William IV em criar um excepcional conjunto de museus de arte e arqueologia, que se deveria consagrar no redescobrimento da Arte Clássica no núcleo da cidade.

19 Friedrich August Stüler nasceu na cidade de Mühlhausen em 1800 e morreu em 1865. Estudou arquitectura na cidade de Berlim com o grande mestre Karl Friedrich Schinkel. Friedrich Stüler foi um arquitecto prussiano com bastante influência, sendo que a sua obra de maior destaque é o Neues Museum.

20 Karl Friedrich Schinkel nasceu em 1781 e morreu em 1841. Foi pintor, urbanista e o mais notável arquitecto do Neoclassicismo na Prússia.

21 O Altes Museum (Museu Antigo) (1823-30), o Corpo da Guarda (1816-18) e o Schauspielhaus (Teatro Real) (1821).

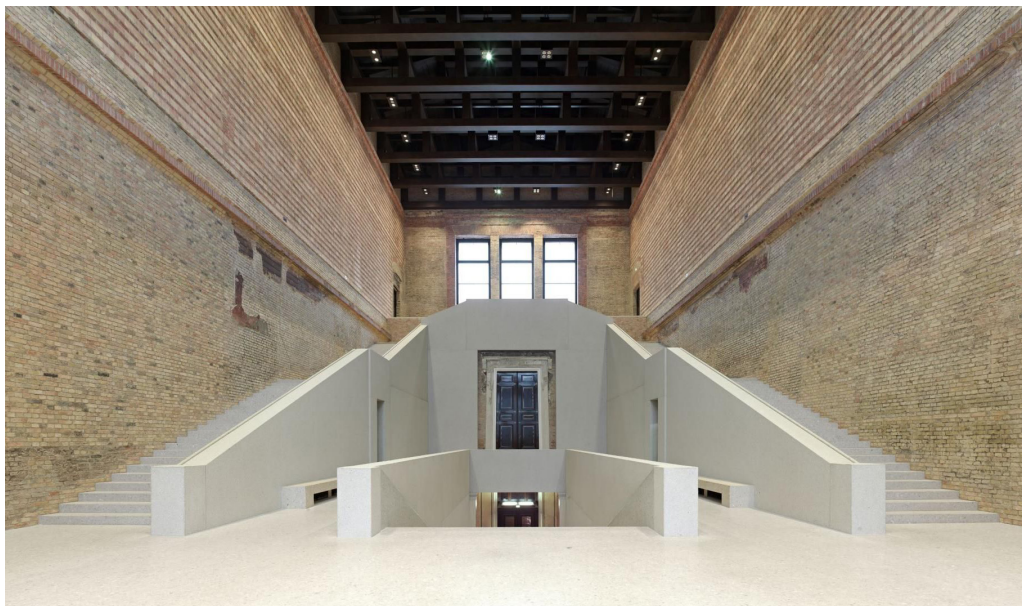




32. Página anterior: Vista aérea do local em 1985. Ao fundo temos, do lado esquerdo o Pergamon museum e do lado direito o Alte Nationalgalerie.
33. Ala Sul do Neues Museum (fotografia da esquerda).
34. Vista sobre a Sala Idade do Bronze. (fotografia da direita).



35. A monumental escadaria do vestíbulo do Neues Museum.



início em 1843, mas somente em 1850 é que a primeira parte do museu foi aberta ao público com a colecção de artes do Egipto Antigo. Nos anos seguintes, os trabalhos continuaram e novas secções foram sendo abertas ao público à medida que ficavam prontas, sendo a Colecção Etnográfica a última a ser aberta, em 1859.

Aquando da Segunda Guerra Mundial, em 1939, o Neues Museum é fechado e algumas das suas obras são retiradas do edifício e guardadas num local seguro. De facto, a guerra tinha arrasado este museu, deixando-o praticamente destruído, e ao contrário do que se verificou em diversos edifícios da envolvente, este não foi alvo de restauro nem reconstrução. O seu estado frágil e precário foi sempre o maior obstáculo ao seu restauro pelo que a única preocupação era mantê-lo de pé. Toda esta devastação, associada à exposição do rigoroso clima local e ao seu consequente desgaste, conduziram o edifício a um estado de decadência e de ruína por décadas (Caetano, 2014, p.120). Só em 1997 é que o arquitecto inglês David Chipperfield<sup>22</sup> foi oficialmente contratado para reconstruir o edifício. Em 2003 os trabalhos de reconstrução são iniciados. As secções e salões que foram destruídas são estruturalmente reconstruídas, sem reproduzir o original, seguindo as directrizes da carta de Veneza e respeitando a estrutura histórica nos seus diferentes estados de conservação. A fachada é cuidadosamente restaurada assim como o espaço interior, mas as “cicatrices” deixadas pelos episódios de guerra são respeitadas e preservadas, sendo ainda visíveis traços da destruição em paredes, colunas e tecto.

Todas as aberturas na estrutura e elementos existentes no edifício são preenchidas e redesenhadas com um gesto contemporâneo sem competir com a ruína existente, ou seja, refletindo-a e não a imitando. Chipperfield pretendia a preservação do edifício evidenciando a ruína e, simultaneamente, recorrer à linguagem de uma nova arquitectura. Esta deveria fazer a ponte entre o novo e o velho sem se impor. Segundo Caetano, também Álvaro Siza refere que a intervenção de Chipperfield abrange opções diferentes mas complementares. São elas a restauração integrada, a restauração que mantém e protege as marcas da História e, por fim, a reconstrução. Chipperfield escolhe assumir e aceitar todas as marcas e cicatrizes do edifício provocadas pela Segunda Guerra Mundial. Este passado de destruição assim como os vestígios do projecto original de Stüler remetem para a memória e imaginário do espectador. Como Karsten Schubert refere, “a história não foi silenciada, permanece viva tentadoramente” (Caetano, 2014, p.121).

Tudo o que restava na ruína foi mantido, as próprias esculturas mostram todos

---

<sup>22</sup> David Chipperfield nasceu em Londres, em 1953. Estudou arquitectura no Kingston Polytechnic, sendo graduado em 1976 pela Architectural Association de Londres. Colaborou com os arquitectos Douglas Stephen, Richard Rogers (1933-) e Norman Foster (1935-), tendo criado o seu próprio atelier em 1984. O seu trabalho enquanto arquitecto caracteriza-se pelo grande rigor e precisão construtiva, assim como pela grande qualidade espacial. Possui diversos projectos premiados, dos quais se destaca o Neues Museum em Berlim.

36. Projecto de Reconstrução do Neues Museum, 1997–2009.

37. Maquete - Representação dos Volumes Reconstruídos no Neues Museum.

0 5 10m



- Planta do piso térreo

- Planta do piso 1

Legenda:

1. Entrada Principal
2. Vestíbulo (hall de entrada)
3. Sala da Pátria
4. Vestíbulo Sul
5. Entrada dos funcionários
6. Sala da Cúpula Plana
7. Cafeteria
8. Vazio acima do pátio grego
9. Sala Etnográfica
10. Sala História
11. Vazio acima do pátio egípcio
12. Hypostyle hall (tecto sustentado por colunas)
13. Quarto do Túmulo
14. Quarto Mitológico
15. Hall da Escadaria
16. Sala Grega
17. Plataforma acima do pátio egípcio
18. Sala Apollo
19. Sala Dome Norte
20. Sala dos Niobids
21. Sala Bacchus
22. Sala Romana
23. Sala Dome Sul
24. Sala Medieval
25. Quarto Moderno

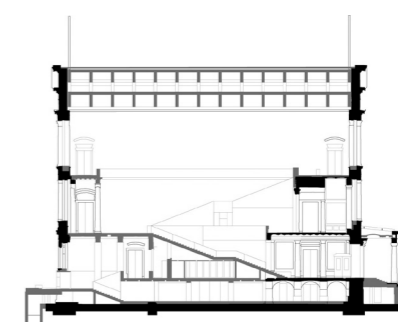
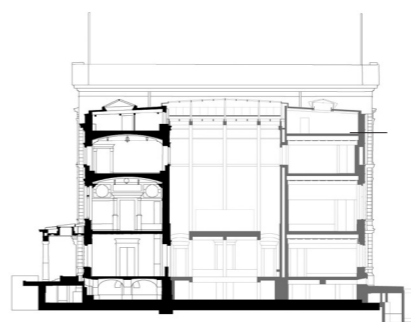
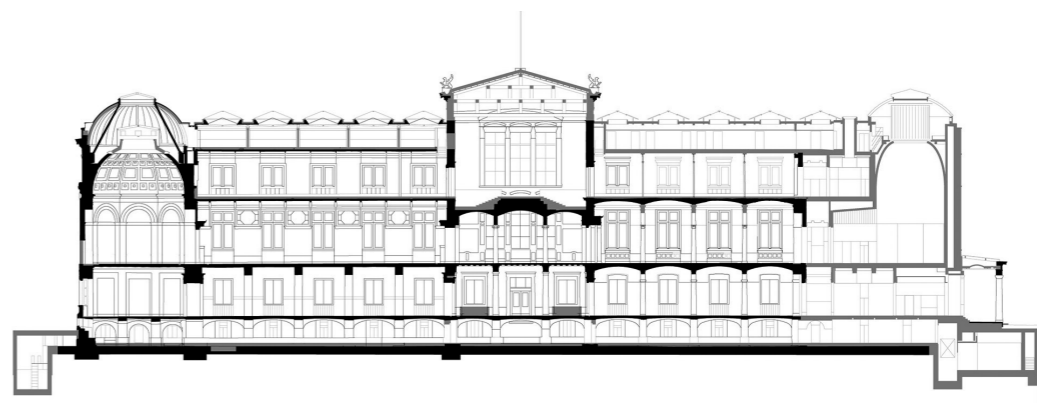
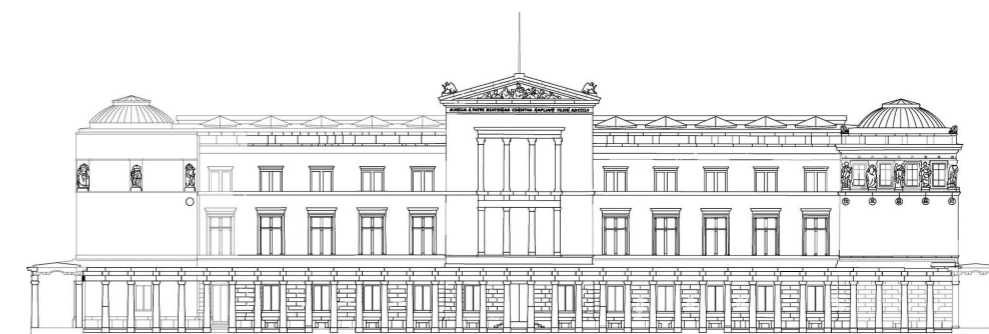
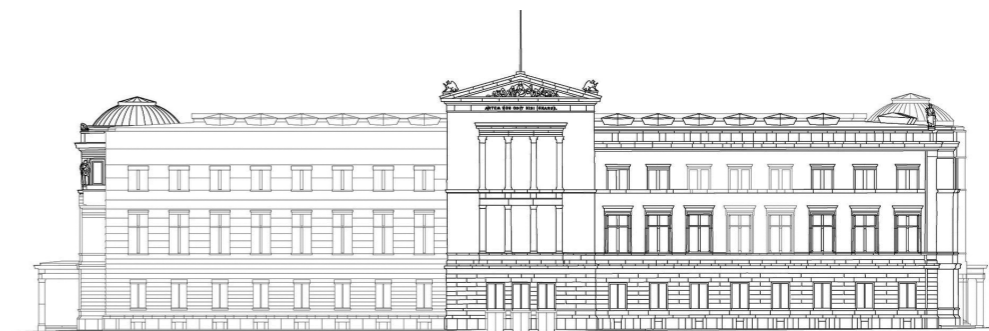
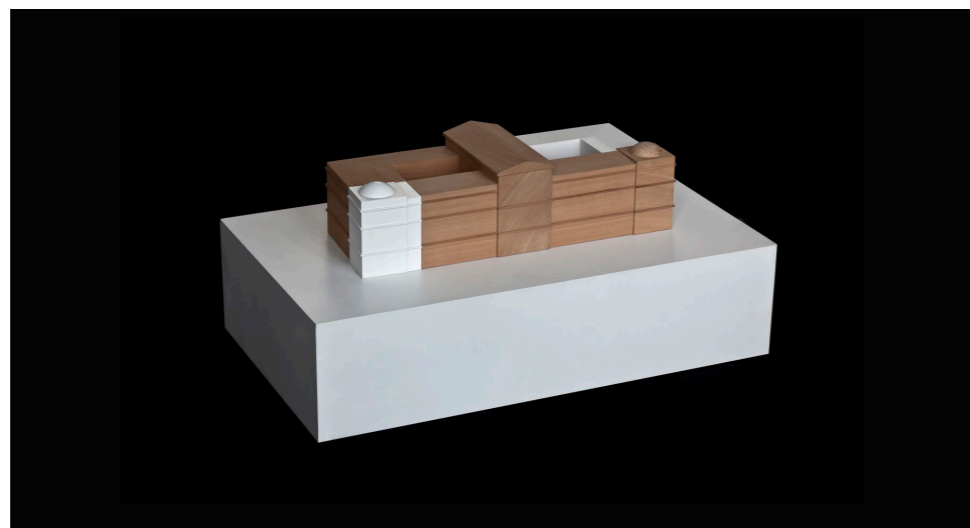
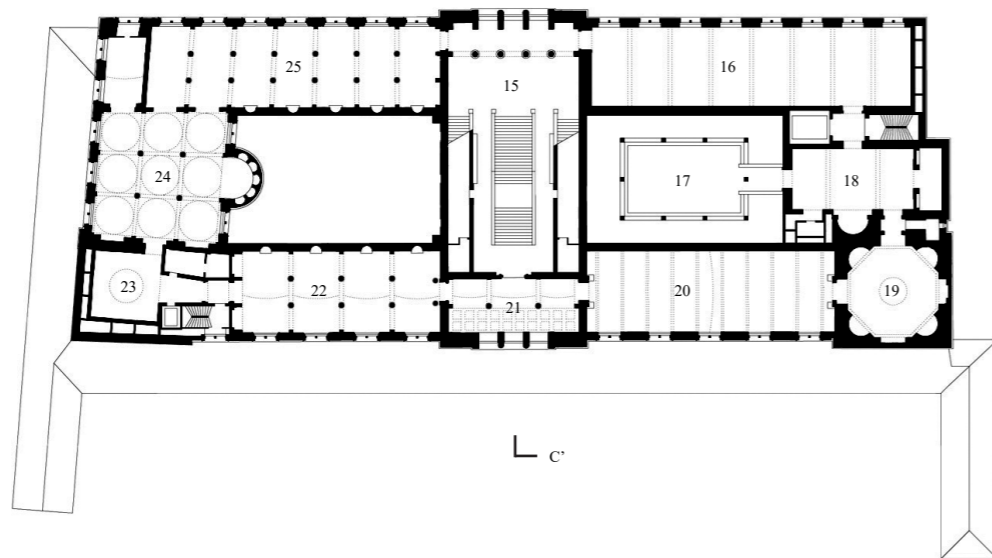
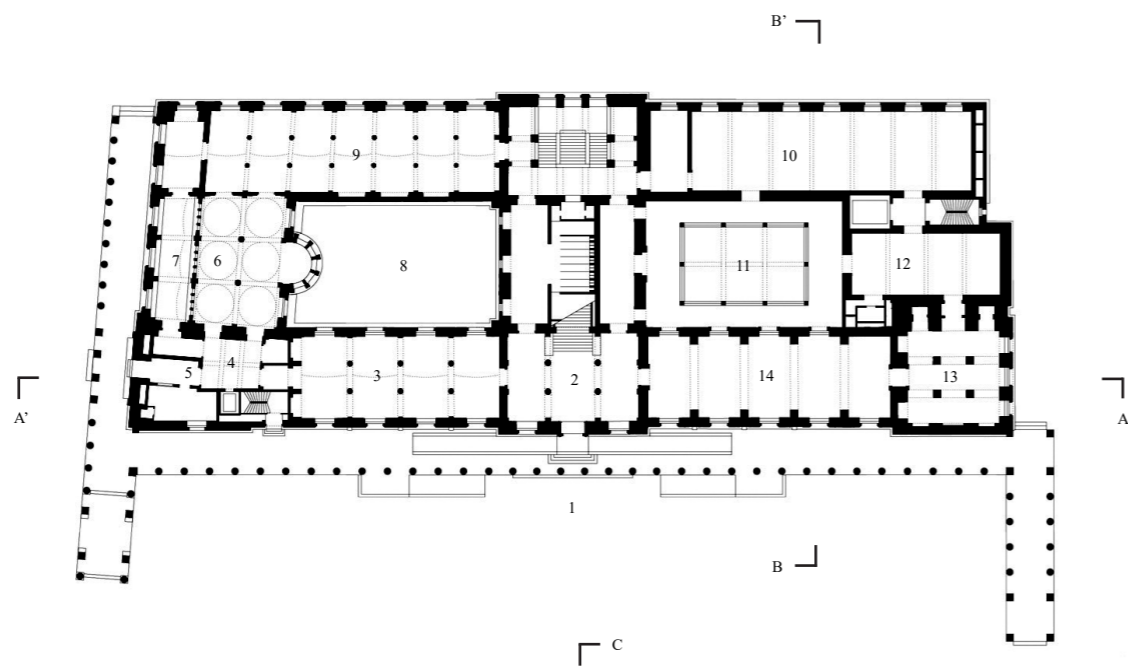
- Alçado Este / Entrada Principal.

- Alçado Oeste em direcção ao Canal Kupfergraben.

- Corte longitudinal AA' pelo volume a Este.

- Corte BB' pelo volume reconstruído na Ala Oeste.

- Corte CC' pelo Hall da Escadaria.





os estragos de que foram vítimas. No interior do edifício, os mosaicos e os pisos de pedra foram recuperados e alisados para que pudessem ser utilizados novamente. As paredes, despidas pelo desgaste sofrido foram coloridas usando pastas e vidrados.

As novas salas de exposição são construídas em betão pré-fabricado de grande formato e em cimento branco misturado com lascas de mármore da Saxónia. Formada a partir dos mesmos elementos de betão, a escadaria do vestíbulo central, com as cariátides<sup>23</sup> e as pinturas murais de Kaulbach completamente irrecuperáveis, assumem um novo papel. A nova escadaria repete a ideia formal do original sem replicá-la, assenta dentro do salão majestoso que é preservado somente como um volume de tijolo, desprovido de sua antiga ornamentação. A sensibilidade demonstrada por Chipperfield no detalhe do remate entre “novo” e “velho” transmite noções de resistência e sobrevivência (Caetano, 2014, p.123).

A ala noroeste que consiste no Tribunal egípcio e a sala de Apolo, a abside no pátio grego, e a cúpula Sul são construídas com tijolos reciclados artesanais, complementando as secções preservadas. Com o restabelecimento e a realização da colonata, principalmente preservada nos lados Este e Sul do Neues Museum, a situação pré-guerra é restabelecida. É feita outra intervenção interessante neste edifício. Um novo edifício é projectado, a Galeria de Simon James, entre o Neues Museum e o Kupfergraben, ecoando a situação urbana do local antes de 1938.

Finalmente, a 16 de outubro de 2009, após mais de sessenta anos como ruína, o Neues Museum é reaberto ao público como o terceiro edifício restaurado na ilha dos museus.

---

23 Cariátides - figura feminina esculpida servindo como suporte no lugar de uma coluna ou pilar, com um entablamento na cabeça.



38. Fotografia Alvão -  
Rossio com árvores.

### **2.3 Requalificação do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça e área envolvente**

Segundo a memória descritiva do Arquitecto Gonçalo Byrne, o projecto de requalificação do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça e área envolvente abarca três importantes fases: a recuperação da Ala Sul do Mosteiro para galeria de exposições temporárias, a requalificação do Rossio e ruas adjacentes e, por fim, a reabilitação dos equipamentos e espaço público junto à confluência dos rios Alcôa e Baça.

As diversas intervenções demarcam, obrigatoriamente, a sua área operacional nos espaços onde intervêm e no tempo em que são realizadas: espaços que se nos vão revelando e se revelam em novas perspectivas e dimensões, lançando-nos desafios que nos conduzem ao resgate dos seus usos e memórias, num conjunto global só então apreendido, que nos forçam à consolidação de estruturas e elementos, que o tempo foi fragilizando, num processo de reacondicionamento em direcção a novas leituras e novos usos, introduzindo, como sempre aconteceu, marcas de contemporaneidade, num processo continuado de evolução do conjunto monumental (Byrne, 2009).

Na intervenção da Ala Sul surge um espaço que acolhe actividades de carácter temporário, especialmente de natureza expositiva. As demolições e os trabalhos arqueológicos efectuados previamente exibiram fragmentos de pré-existências, o que permitiu perspectivar uma nova abordagem deste magnífico espaço, nomeadamente, pela descoberta e restituição de uma escadaria monumental no topo sul deste corpo, enquanto no logradouro revelaram a quadratura de edificado anterior, sobre o qual o edifício do Celeiro surge como objecto algo insólito: um corpo muito puro, ambíguo e isolado num espaço geometrizado. Não se conhecendo a sua verdadeira funcionalidade, a recuperação do edifício responde ao objectivo programático de “espaço multifuncional”, numa abordagem arquitectónica que reforça a sua identidade e a sua singularidade.

Segundo Byrne, a intervenção no Rossio e na zona envolvente ao Mosteiro

39. Requalificação do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça e Área Envolvente, 1998-2009.

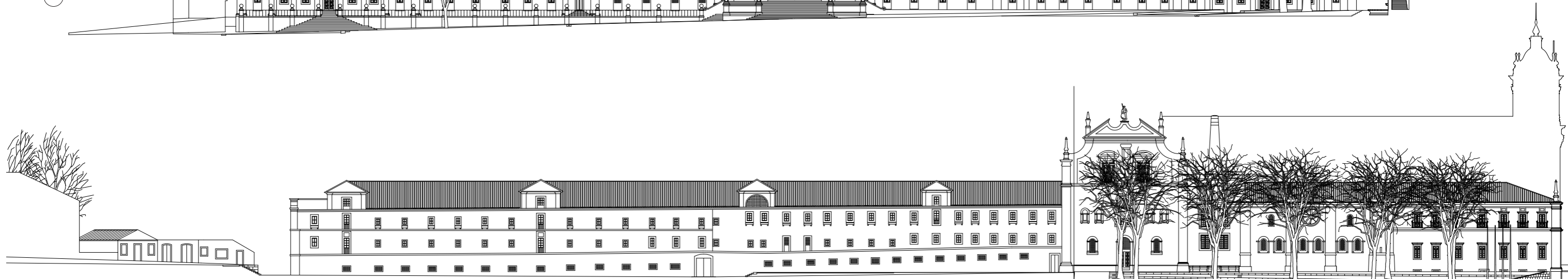
- Corte A pelo Rossio.

- Corte B pela rua D. Pedro V e Praça D. Afonso Henriques.

0 5 15m

- Planta Geral do Centro de Regeneração Urbana da Cidade de Alcobaça.

0 30 90m



tem como objectivo repor a relação de complementaridade entre a cidade (em especial, o centro histórico) e o Mosteiro, retirando, na zona envolvente deste monumento, o trânsito que o atravessa e o estacionamento automóvel à superfície. Byrne rebaixa ligeiramente a Rua D. Pedro V, indo ao encontro das cotas primitivas, libertando o cunhal e os vãos do Mosteiro que estavam soterrados. Analogamente, na Praça D. Afonso Henriques recoloca à cota original o chafariz, valorizando e enfatizando a sua presença com um lajedo em pedra lioz. A água proveniente do chafariz corre por duas caleiras, à sombra dos plátanos, assinalando os arcos de passagem para a Praça da República e uma pequena fonte aí existente.

Também no Rossio, outra caleira de água corrente revela o alinhamento entre a Igreja e o Castelo, através da Travessa da Cadeia, a presença do Rio Baça coberto pela Rua Eng. Duarte Pacheco e a mudança de direcção da frente urbana que acompanhava o rio. A importância da aproximação ao Mosteiro e do controlo dos enfiamentos visuais são bem expressos por alinhamentos tais como: a Rua Frei António Brandão com o portal da Igreja; a Rua Frei Estêvão Martins com o pórtico da Ala Sul; e a Rua Alexandre Herculano com o cunhal da Ala Norte. O saibro contorna o Mosteiro e evoca o antigo terreiro, espaço espontâneo não planeado, de intercâmbio entre o laico e o religioso, entre a Cidade e o Mosteiro.

Em relação aos materiais usados, nas palavras de Byrne, estes foram escolhidos de modo a acentuar o hieratismo despojado que está subjacente à arquitectura cisterciense e o mobiliário e equipamento urbanos foram desenhados, especificamente: as lanternas em latão, em continuidade com as existentes; os bebedouros em lioz; os caixotes de lixo, as floreiras e os bancos em vidro; os mastros para bandeiras em madeira de pinho branco americano. É proposta uma nova iluminação que valoriza o Mosteiro, que o revela no seu todo, mas hierarquiza as suas partes de uma forma suave, tranquila e serena (Byrne, 2009).

Este projecto de requalificação do Mosteiro de Sta. Maria de Alcobaça e área envolvente tem como propósito fundamental valorizar o monumento, de modo a que este não seja visto apenas de forma isolada mas se envolva com o espaço urbano circundante. Byrne liga, assim, o Mosteiro à cidade que o envolve de uma forma harmoniosa, em que a intervenção contemporânea não se sobrepõe ao passado procurando valorizá-lo em todo o seu esplendor.





40. Página anterior: Vista aérea sobre a praça do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça.

41. Vista sobre o Palácio de Manique do Intendente a partir da praça nobre.





### III Proposta de Requalificação

Fruto do tema *Intervenção sobre o património construído: projectos para a Rede PHP<sup>24</sup>*, esta proposta de requalificação tem como enfoque não um projecto de execução, mas sim um estudo prévio de intervenção para o Palácio de Manique do Intendente.

Sendo este edifício parte integrante de um projecto para toda a vila não faz sentido entendê-lo como um objecto isolado, tornando-se fundamental perceber o seu enquadramento no projecto para a época - Capítulo **Problema**.

Assim, esta proposta de requalificação procura uma forma de valorizar e de requalificar o Palácio de Manique do Intendente, consolidando ainda a sua relação com o tecido urbano envolvente. Tem também como objectivo fundamental a preservação deste património, onde a nova linguagem arquitectónica dialoga com a existente, de estilo neoclássico, dando ao público a possibilidade de usufruir e desfrutar deste monumento que tanto caracteriza a Vila de Manique do Intendente e que até agora vive um pouco no esquecimento. Com esta proposta de reabilitação pretende-se criar uma nova harmonia em que a intervenção contemporânea não se sobrepõe à história do monumento mas, pelo contrário, o tenta valorizar em toda a sua magnificência.

**Objectivo da proposta**

Para o projecto de requalificação do Palácio de Manique do Intendente e sua envolvente foram equacionadas três importantes fases: a requalificação do Palácio introduzindo um museu, promovendo a presença de visitantes e despertando a criação de pequenos negócios associados a este turismo, importantes para assegurar a permanência de população na vila; a construção de um novo edifício de apoio ao museu onde se irá desenvolver um auditório; e, por último, a requalificação da praça nobre do Palácio e respectiva envolvente.

---

24 Rede do Património Histórico cultural Iberoamericano.

- 42. Obras do Centro de Dia para a Terceira Idade.
- 43. Cobertura dos CTT.
- 44. Vista sobre abóbada de canhão abatida.
- 45. ATL - Volume com cobertura inclinada; Construção em tijolo - casas de banho públicas.
- 46. Arranque do piso intermédio das escadas cerimoniais.



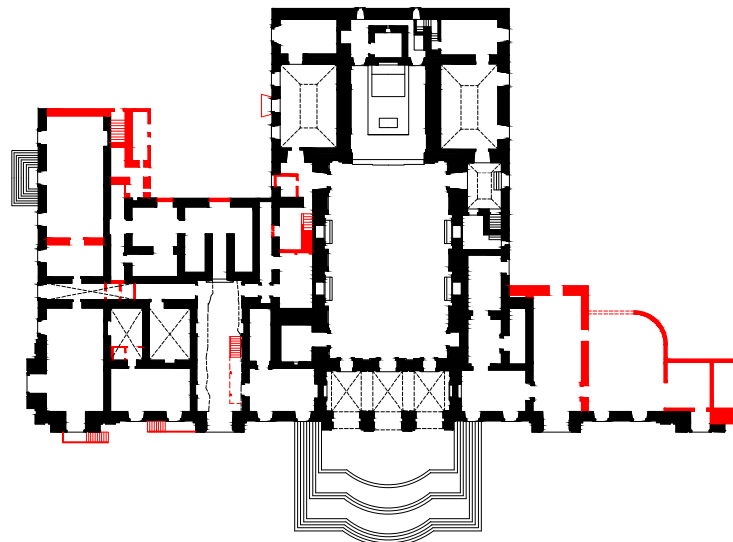
47. Plantas do estado actual do Palácio de Manique do Intendente.

0 5 10m

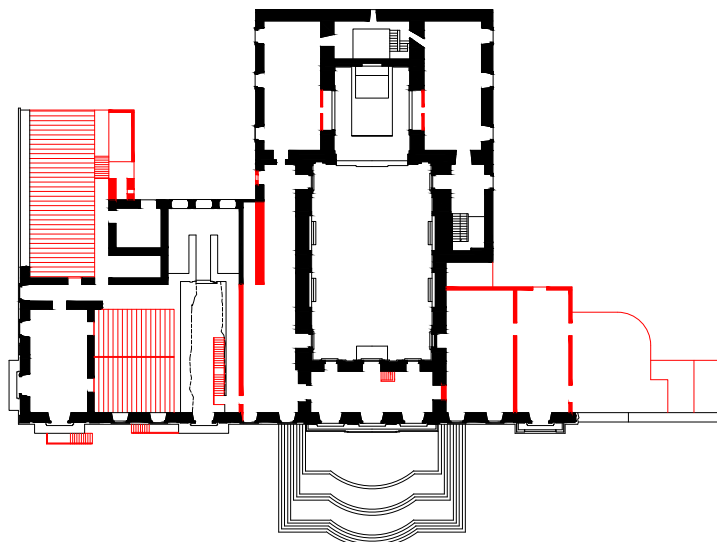


- █ Elementos existentes a serem demolidos.
- █ Elementos existentes a manter.

- Planta do piso térreo



- Planta do piso 1



### 3.1 Palácio

Para a requalificação do Palácio de Manique do Intendente, tendo em conta que o edifício já sofreu sucessivas alterações e adaptações aos programas que actualmente o integram, foi essencial perceber *in loco* a herança deixada por parte de Pina Manique, que vestígios ainda restam do palácio e proceder ao levantamento integral do que não comporta o projecto original, e que é claramente visível, pondo em causa a integridade do edifício.

Das visitas efectuadas ao local pude constatar que o palácio se encontra rodeado por uma malha completamente desordenada, que foi crescendo sem critério algum, ocupando de alguma forma parte daquela que seria a sua área de implantação. É com tristeza que vejo um património desta grandeza, e com o impacto urbano que tem sobre a vila, completamente degradado e entregue à sua sorte. Nota-se, contudo, que houve algum esforço de integração de programa para o funcionamento do edifício, embora não muito feliz na sua concepção e com alguma falta de conhecimento na sua integração, dado o tema “intervenção em ruína” constituir um assunto muito peculiar no que toca às exigências que se impõem relativamente à sua abordagem.

Do seu exterior apenas permanecem dois alçados incompletos. No alçado principal é visível uma construção em tijolo, uma igreja que se mantém em funções e os CTT que actualmente se encontram desactivados. No alçado lateral, com parte da fachada rebocada, encontramos um ATL. Do seu interior pouco resta mas, na ala esquerda, ainda são visíveis algumas compartimentações, uma abóbada de canhão abatida que se desenrola sobre um grande hall e que nos direcciona para uma escada cerimonial que daria acesso ao piso superior.

Após o referido levantamento, e já inteirado da situação em que se encontra o estado do palácio, proponho a demolição de todas as construções adjacentes, posteriores à paragem das obras iniciais, e que nada têm a ver com o projecto original, e que, conseqüentemente, provocam uma desarticulação quer a nível estético (construções em tijolo, nomeadamente, as obras do Centro de Dia para a Terceira Idade e as coberturas onde se situam os CTT e o ATL) quer estrutural (como é o caso da torre sineira que está a sobrecarregar a estrutura do edifício e a pôr em risco a cobertura da igreja).

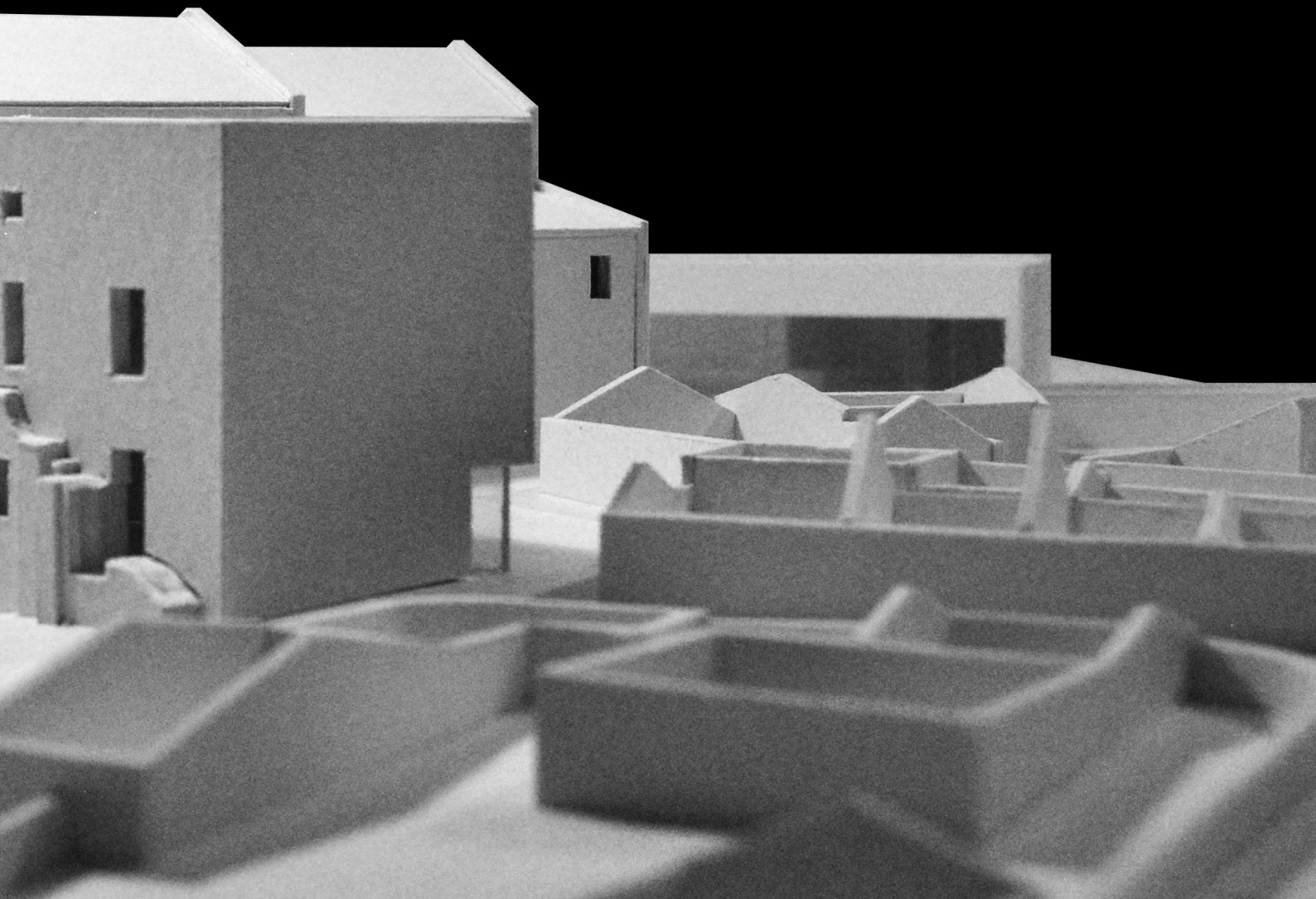
A situação actual em que se encontra este património pode ser analisada através das fotografias<sup>25</sup> que se encontram à esquerda, juntamente com uma proposta de demolições, assinaladas a vermelho e preto, que representam, respectivamente,

Demolições a executar

---

25 Ver também imagem 23, pág. 47.



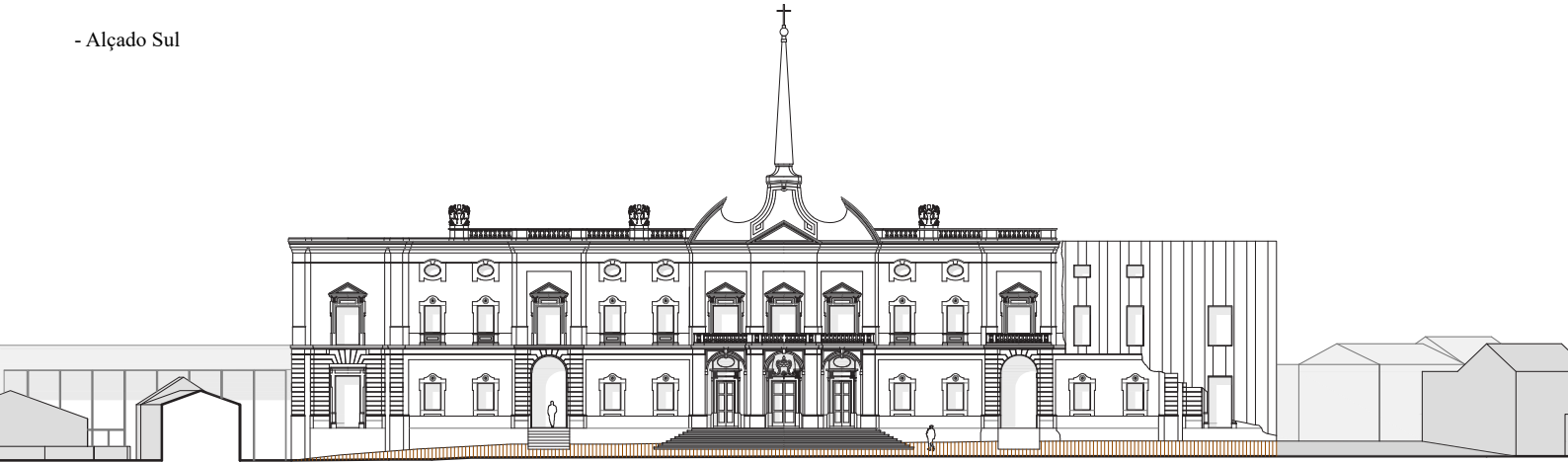


48. Página anterior:  
Palácio de Manique do  
Intendente, maquete final.

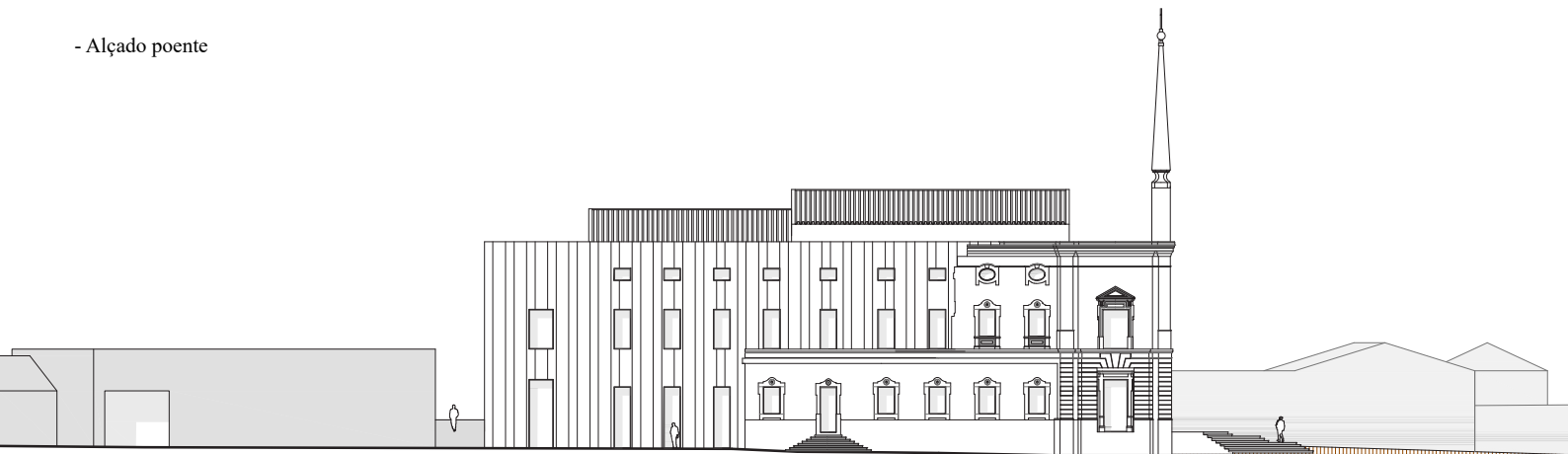
49. Alçados.

0 5 10m

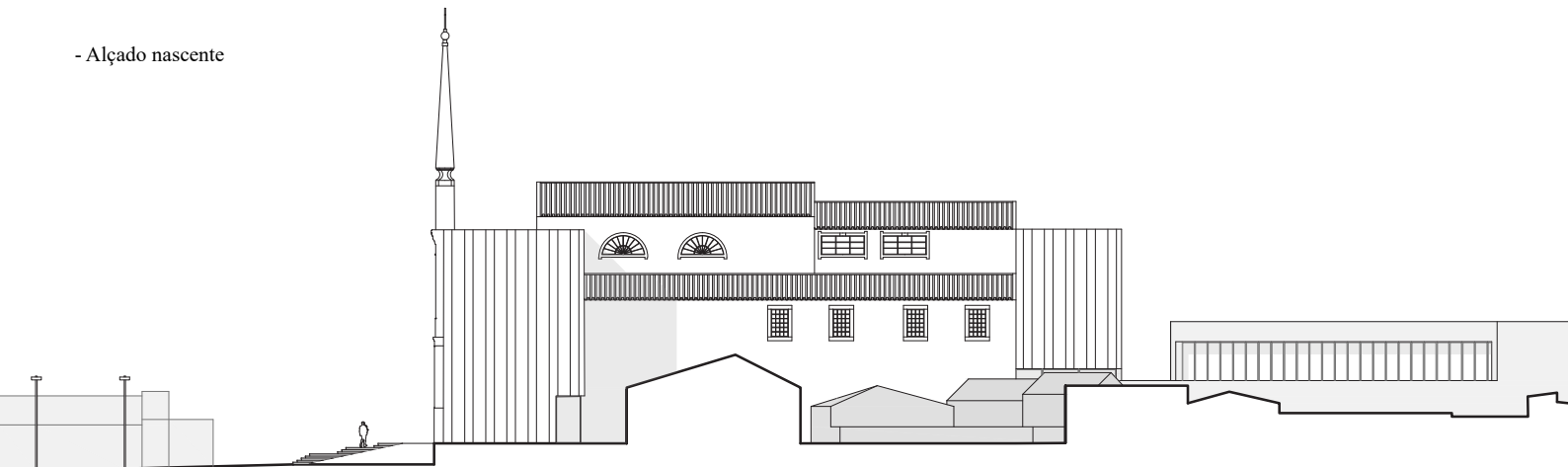
- Alçado Sul



- Alçado poente



- Alçado nascente



o que deverá ser demolido e o que se deverá manter. De seguida, trabalhando sobre as plantas, e apenas com o levantamento que diz respeito ao palácio, procedeu-se à compreensão dos espaços das mesmas.

Na abordagem para a proposta de requalificação do Palácio de Manique do Intendente, os casos de estudo, nomeadamente, o Teatro Thalia e o Neues Museum, foram cruciais, pois contribuíram em grande medida para o desenvolvimento do trabalho.

Esta proposta de requalificação parte em primeiro lugar pela reconstrução dos dois alçados existentes do palácio, um pouco à maneira do que Chipperfield faz no Neues Museum<sup>26</sup>, após o bombardeamento da Segunda Guerra Mundial.

Com uma nova linguagem arquitectónica, os dois alçados são concluídos dando ao espectador a noção real da dimensão e da área de implantação que o palácio ocuparia, reforçando ainda mais o impacto urbano que este já tem sobre a sua envolvente. Esta escolha de aberturas nos alçados, como a pequena janela oval, que na nova linguagem arquitectónica dá lugar a uma retangular, o redimensionamento dos rasgos das restantes aberturas que compõem os dois alçados, a diferença de materiais e o ligeiro recuo do novo perante o existente permite marcar a existência de duas fases de construção na história do edifício.

Estando já definido qual o programa a integrar, facilmente se conseguiu atribuir novas funções aos respectivos espaços no piso térreo. Já no piso 1, uma vez que este se encontra bastante incompleto, e não havendo quaisquer documentos originais de projecto que nos expliquem como se desenrolaria, procedeu-se a uma reinterpretação do desenho da malha que define os espaços do piso térreo adaptando-o assim ao piso superior e ao novo programa e sua funcionalidade. A conclusão do desenho destes dois alçados existentes dá origem a dois novos corpos. O novo volume que completa o alçado principal seria onde se instalaria a nova junta de freguesia, já o segundo volume que remata o limite do palácio do alçado lateral seria onde se localizaria a biblioteca do respetivo museu. O volume da junta de freguesia é composto por uma rampa que dá acesso ao mesmo e que faz a transição de cotas entre a praça principal, a praça nobre do palácio, com a praça secundária que separa o palácio, do novo edifício que integra o auditório. No piso térreo podemos encontrar a zona de atendimento e uma escada de caracol que se impõe no espaço e que nos leva até ao 1º piso onde se localiza a zona administrativa.

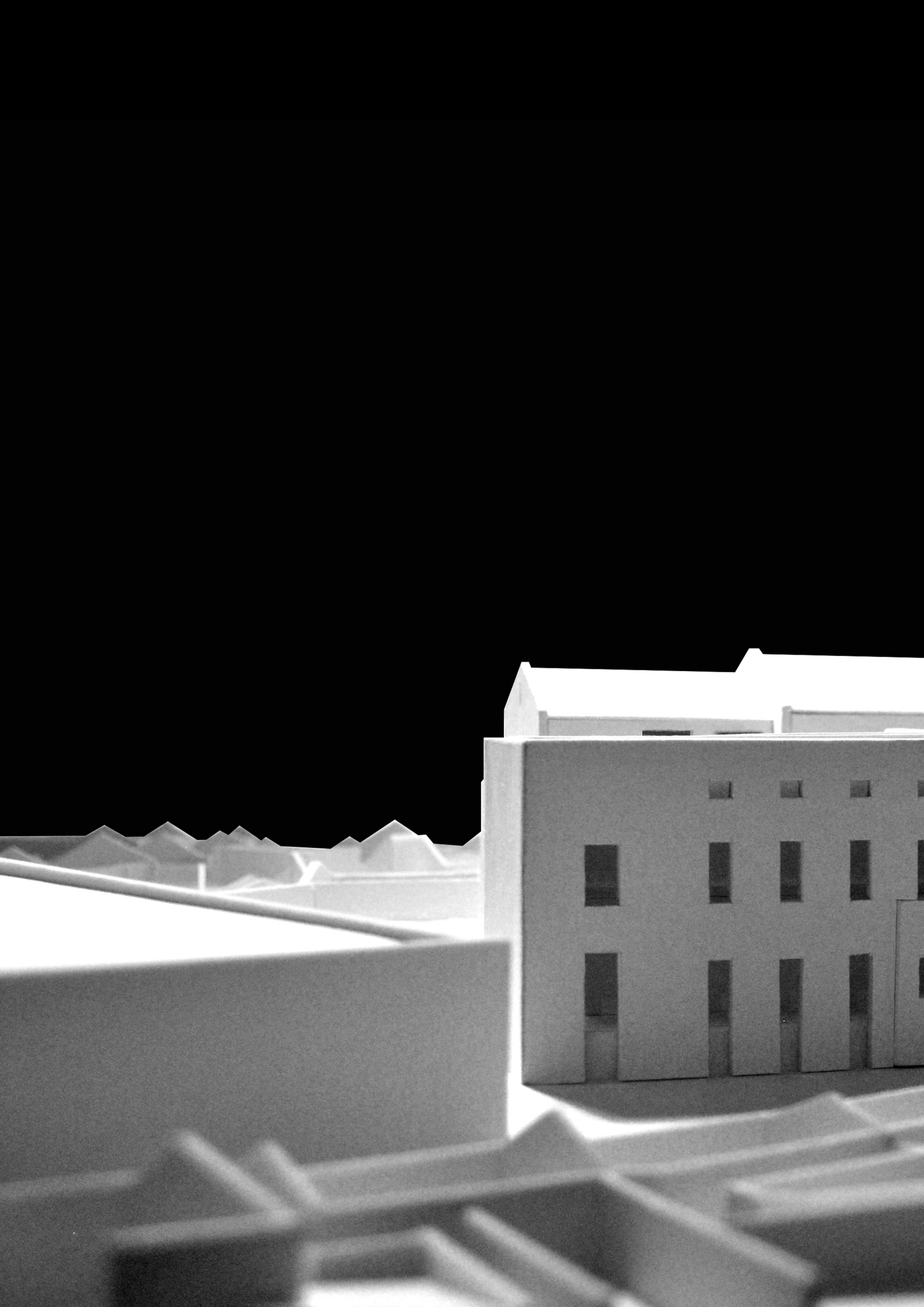
No corpo onde se acomoda o museu não existia qualquer tipo de acesso pela praça nobre, para tal, foi desenhada uma escada para o efeito. No piso térreo, como anteriormente referido, foi fácil atribuir funções aos respetivos espaços uma vez

**Proposta de requalificação**

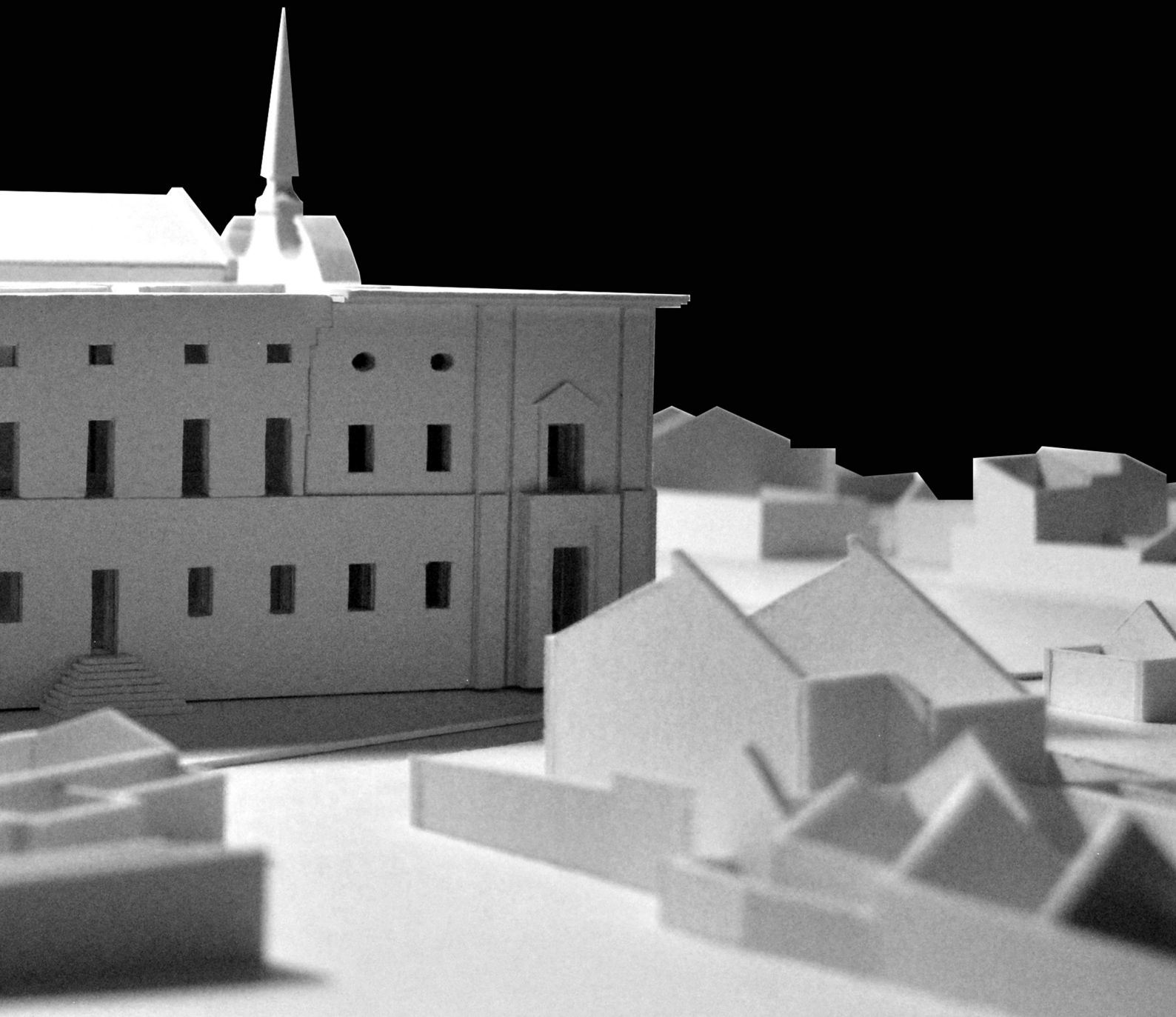
**Programa a integrar**

---

26 Ver imagem 33, pág. 64.







50. Página anterior: Vista sobre o alçado poente, maquete final.

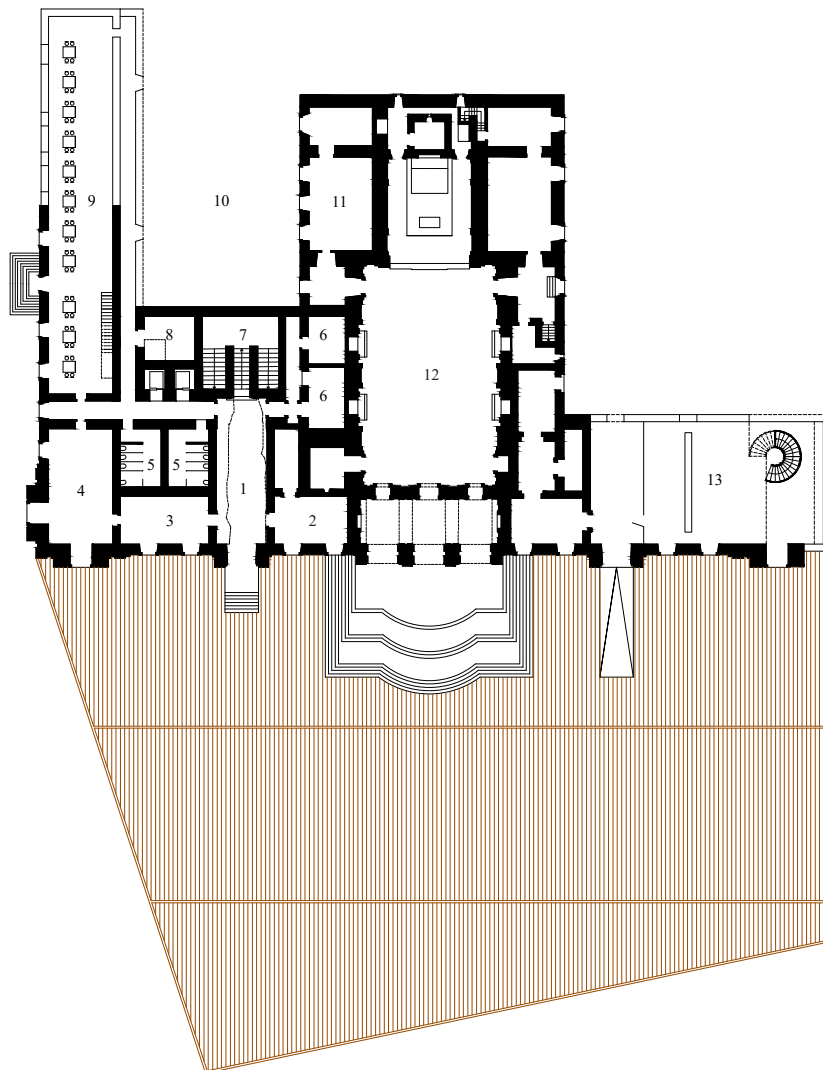
51. Plantas.

0 5 10m

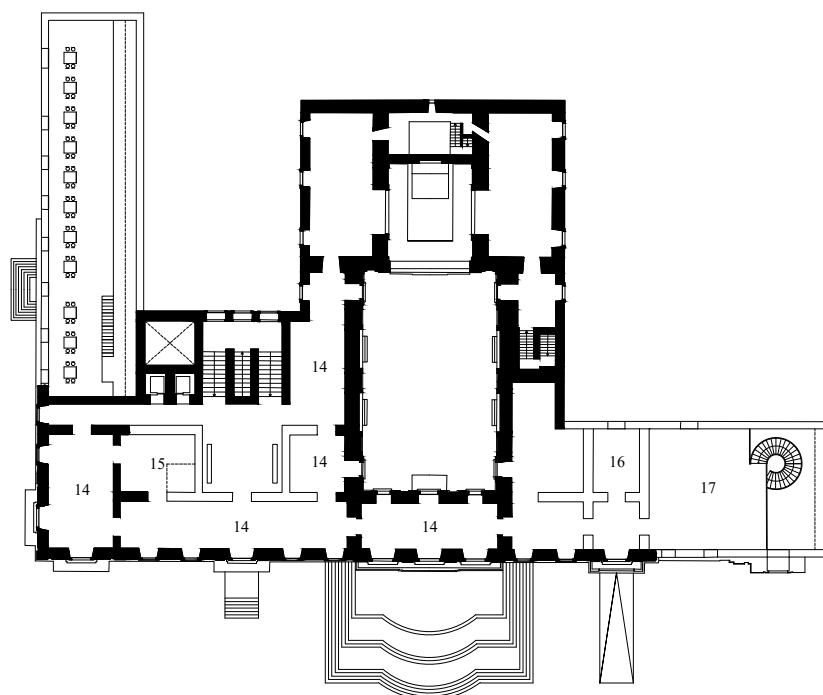


Legenda:

1. Grande hall / recepção do Museu
2. Loja
3. Sala de exposição
4. Sala de conferências / reuniões
5. WC's
6. Arquivo
7. Escada cerimonial
8. Gabinete
9. Biblioteca
10. Pátio
11. Casa mortuária
12. Igreja
13. Junta de Freguesia
14. Salas de exposição
15. Sala multimédia
16. Gabinete
17. Zona administrativa da Junta de Freguesia



- Planta do piso térreo



- Planta do piso 1

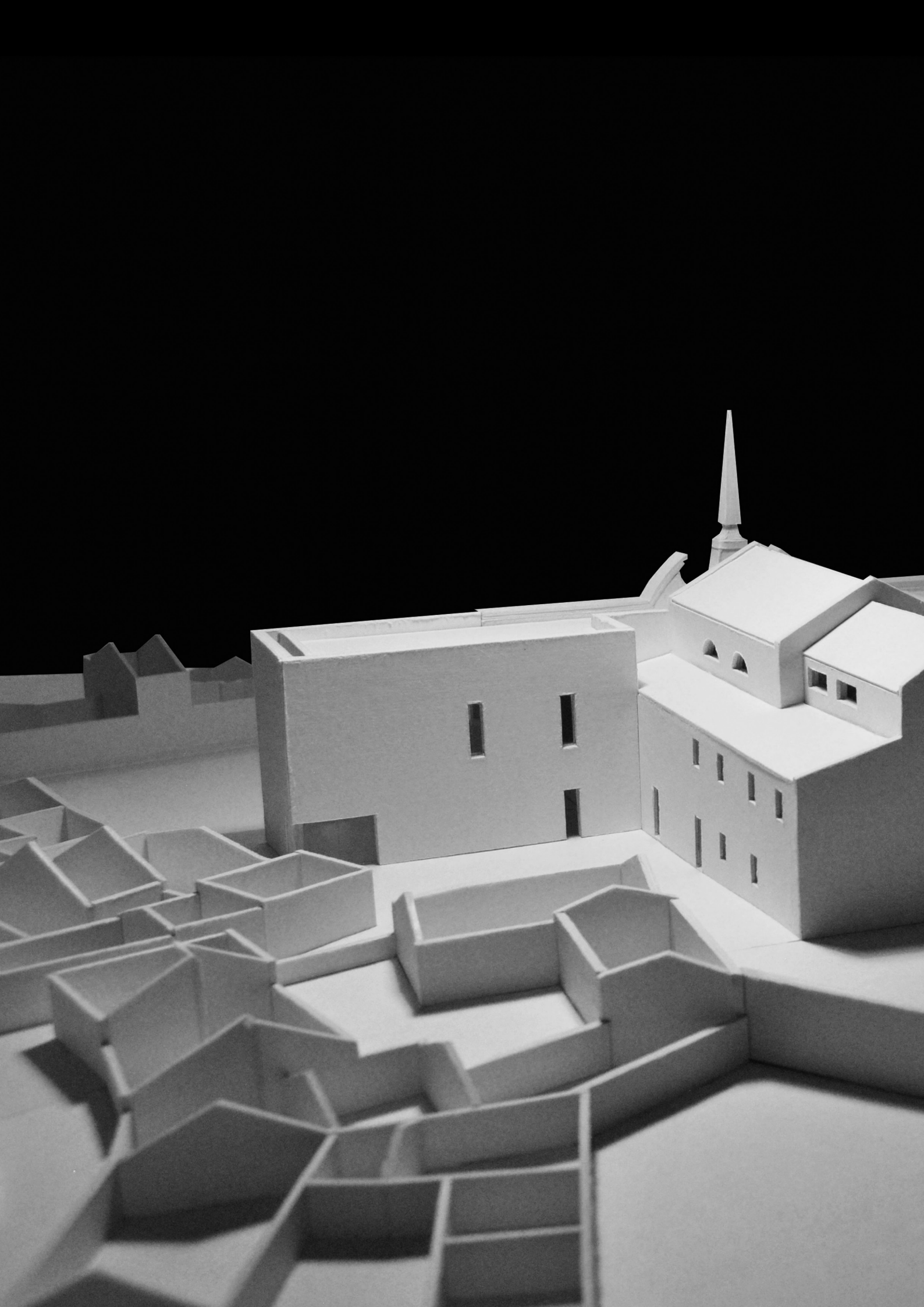
que estes já se encontravam compartimentados. Ao aceder a este piso pela entrada principal somos automaticamente recebidos por um grande hall que funciona como hall de recepção do museu, cuja abóbada de canhão se encontra parcialmente abatida e a qual nos permite ter um contacto visual para o piso superior. Perante isto, surgiu a ideia de que toda a intervenção nova no palácio fosse em estrutura metálica permitindo o contraste do maciço existente com a leveza da nova intervenção. Assim, o contacto visual deste espaço que se tem entre o piso térreo e o 1º piso será mantido através de um pavimento em vidro destinado para o efeito. Este grande hall direcciona-nos para a existência de uma suposta escada cerimonial que daria acesso ao piso superior, que assim sendo, seria replicada mas num gesto contemporâneo<sup>27</sup> permitindo a ligação com o piso superior. Ainda no piso térreo podemos encontrar a zona de recepção, uma loja típica de museu para a venda dos seus produtos, uma sala de exposições, uma pequena sala de conferências/reuniões, duas salas para depósito de arquivo, instalações sanitárias, um gabinete, uma biblioteca e um extenso corredor que dá acesso a um pátio. O 1º piso encontra-se bastante inacabado, por isso decidi manter a mesma lógica de compartimentação do piso inferior fazendo pequenas modificações para melhor fluidez dos espaços e implementação das salas de exposição do museu. Este piso é composto por cinco salas de exposição sendo que uma delas direccionada a conteúdo multimédia. Este piso permite ainda a ligação à igreja e o acesso pela galilé ao volume que incorpora a área administrativa da junta de freguesia. A biblioteca situada no piso térreo é o novo volume essencial para o fecho do desenho do alçado lateral inacabado e que define a volumetria e o limite da área de implantação que o palácio ocuparia. Neste piso podemos ainda encontrar um extenso corredor abobadado que serve a biblioteca e dá acesso a um pátio definido pelo volume da biblioteca e a igreja. Este pátio remete-nos para um suposto pátio que existiria no projecto inicial do palácio, mas que agora comporta dimensões mais generosas. Este serve ainda a casa mortuária acabando por se estender para a praça secundária que se desenvolve a norte do palácio. Esta praça faz a separação do palácio com o novo edifício que incorpora um auditório e que dá apoio ao museu para eventuais eventos que se possam realizar e trazer alguma vivência para a Vila de Manique do Intendente.

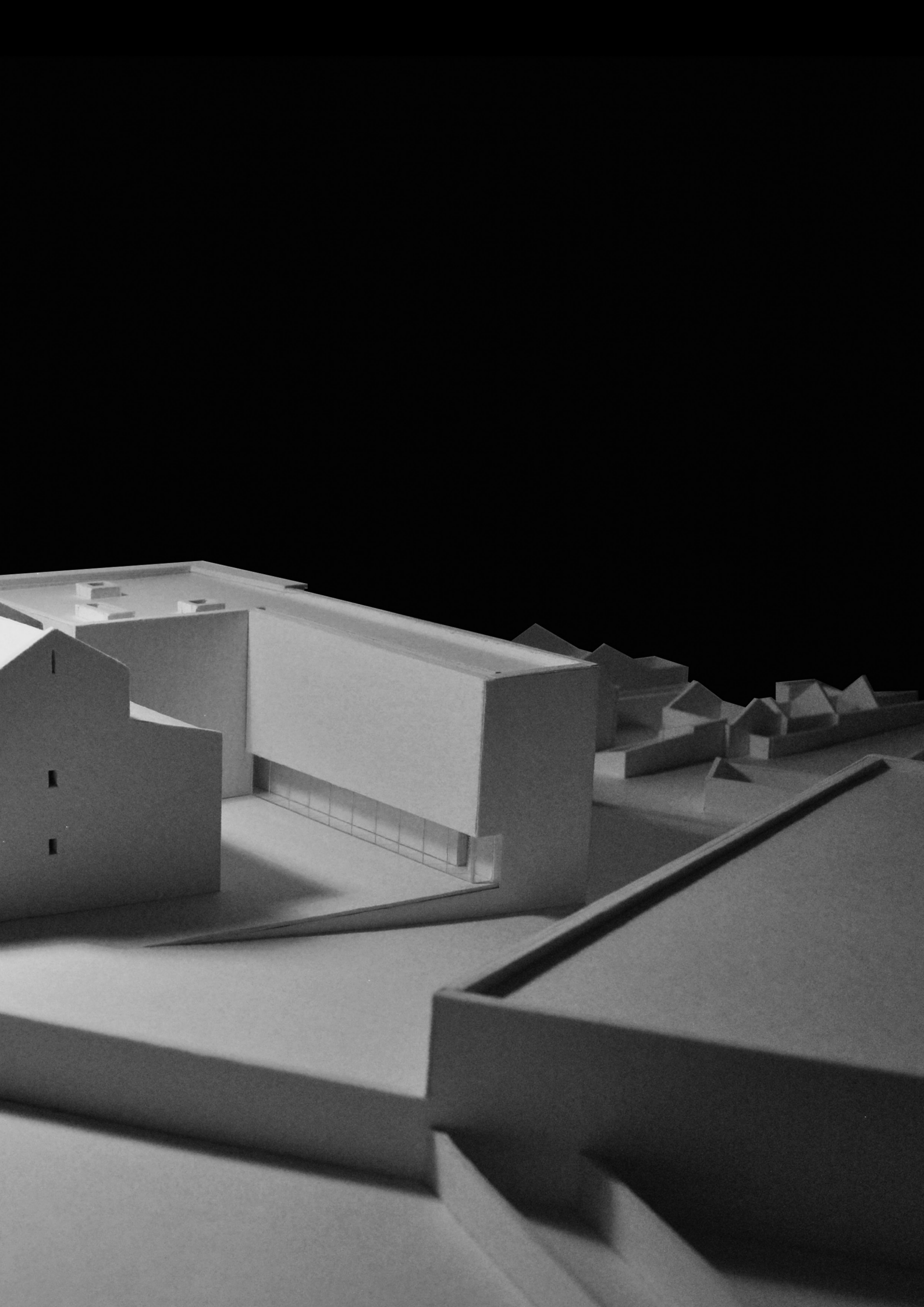
Não desprezando a cobertura e tirando proveito da mesma criaram-se cinco entradas de luz<sup>28</sup> que produzem diferentes efeitos visuais nos diversos espaços do palácio, nomeadamente, sobre as escadas cerimoniais, o gabinete (aqui este espaço contém uma abóbada abatida que permite que seja transformada em entrada de luz),

---

27 Neues Museum - escada cerimonial.

28 Teatro Thalia - antecâmara, luz.





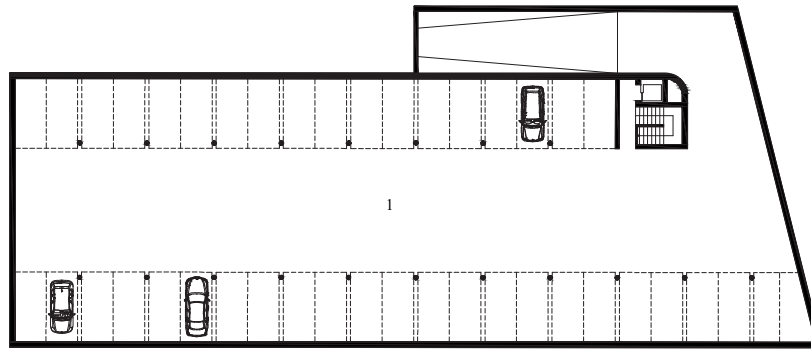
52. Página anterior: Vista sobre o alçado norte do palácio, Maquete final.

53. Plantas e Corte CC'.

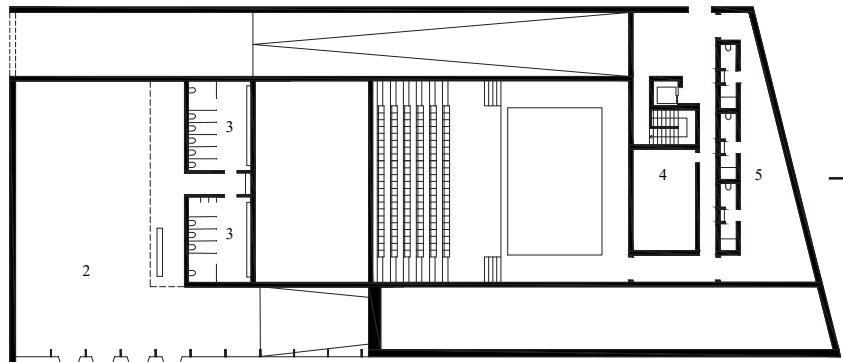
0 5 10m



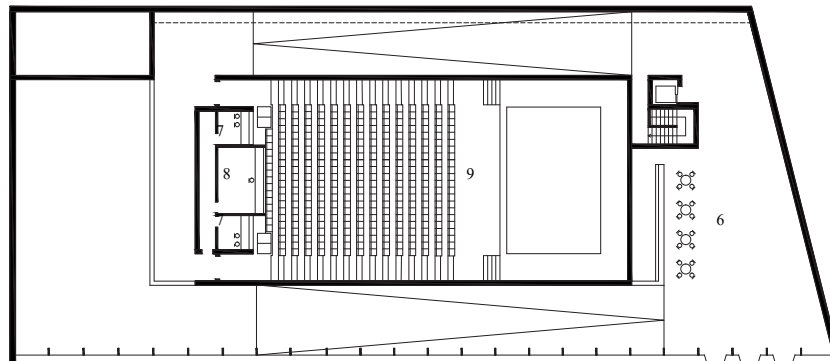
- Planta do piso -2



- Planta do piso -1

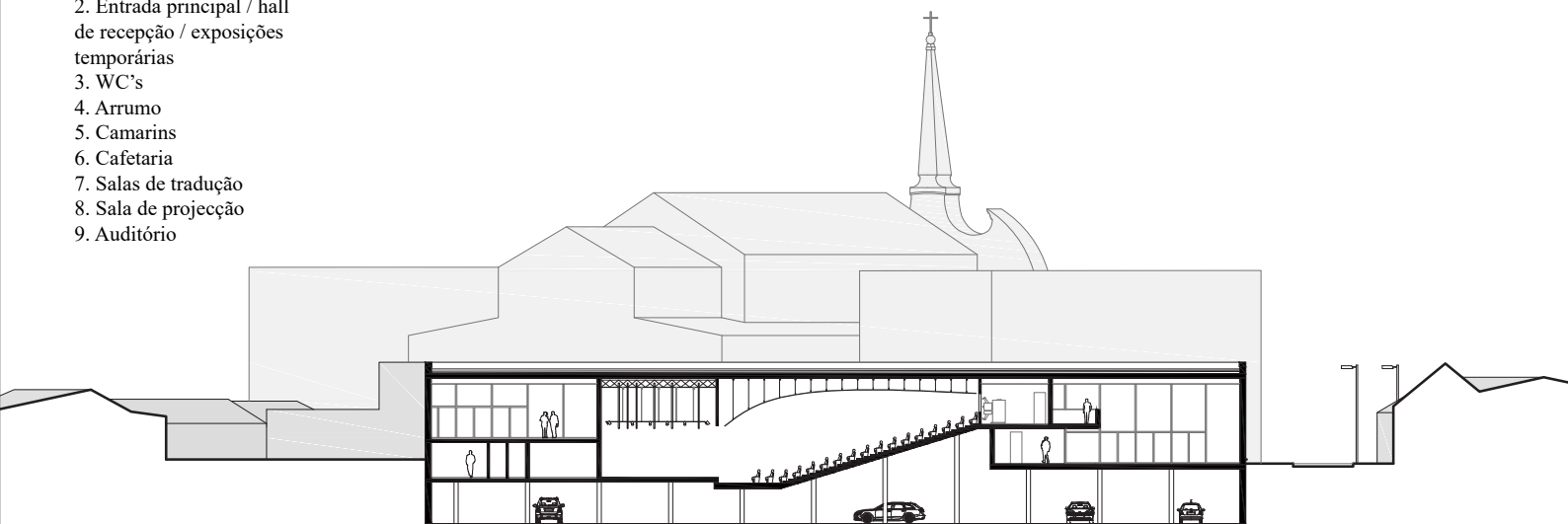


- Planta do piso térreo



Legenda:

1. Estacionamento
2. Entrada principal / hall de recepção / exposições temporárias
3. WC's
4. Arrumo
5. Camarins
6. Cafeteria
7. Salas de tradução
8. Sala de projecção
9. Auditório



a sala multimédia (com um efeito polivalente), a biblioteca e, por último, sobre as escadas em caracol da junta de freguesia.

Quanto à materialidade do edifício, o existente seria rebocado respeitando a paleta cromática do projecto original e no que concerne aos dois novos volumes esses seriam revestidos a aço corten.

**Materialidade do Edifício**

### **3.2 Auditório**

Este novo volume surge de remate ao Palácio de Manique do Intendente, funcionando como uma espécie de contrapeso com a pré-existência, criando uma transição mais suave do grande maciço com a malha urbana envolvente e definindo uma nova imagem para a Rua Dr. António Canova Ribeiro.

Como já referido, este novo edifício incorpora um auditório de apoio ao museu servindo assim para a recepção de eventos que se possam realizar, trazendo uma maior vivência para a Vila de Manique do Intendente.

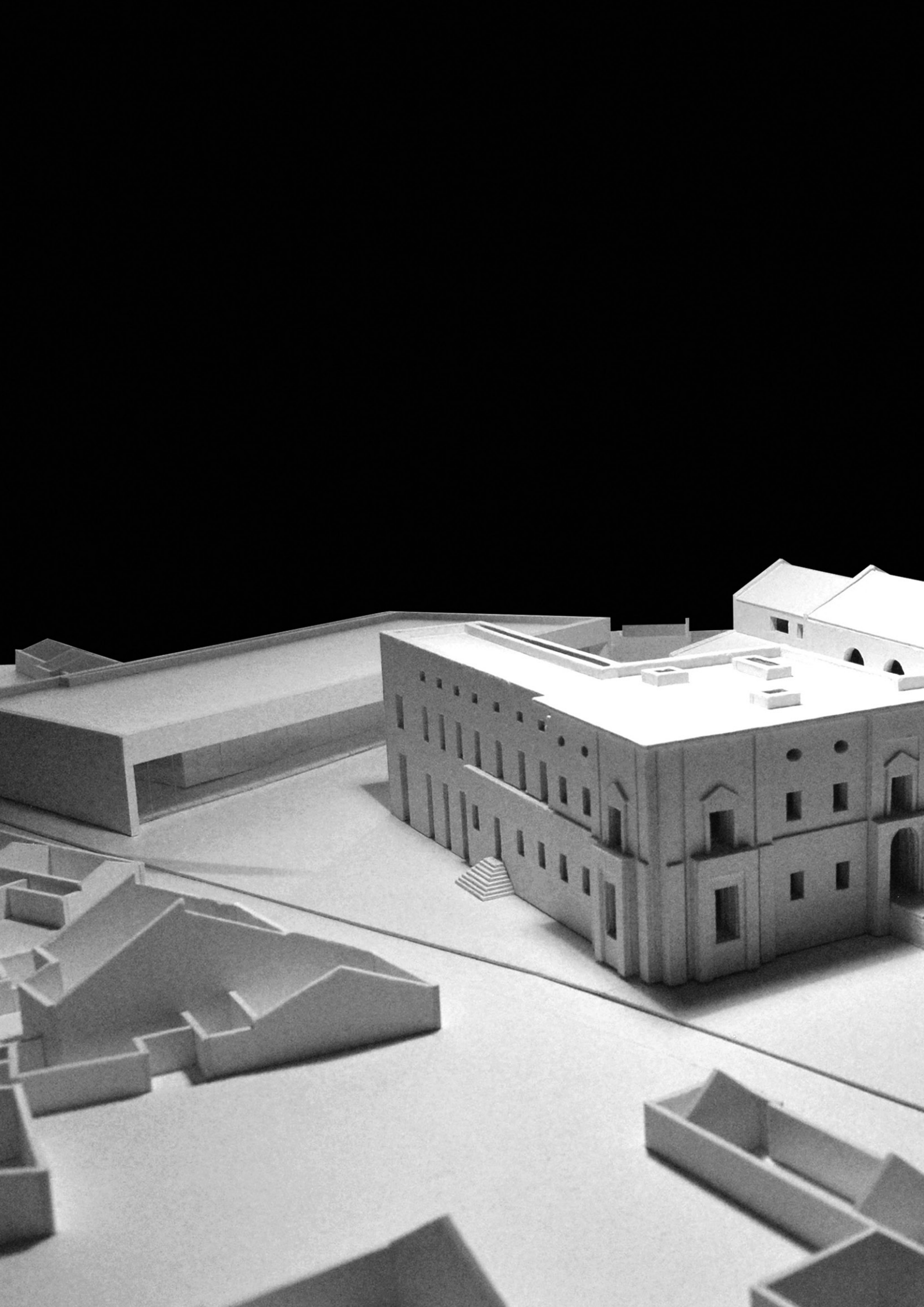
**Programa a integrar**

Uma vez retirado o estacionamento automóvel existente à superfície na praça do palácio e havendo a necessidade de criar novos lugares para dar apoio ao novo edifício foi criado um parque automóvel subterrâneo com capacidade para 42 veículos.

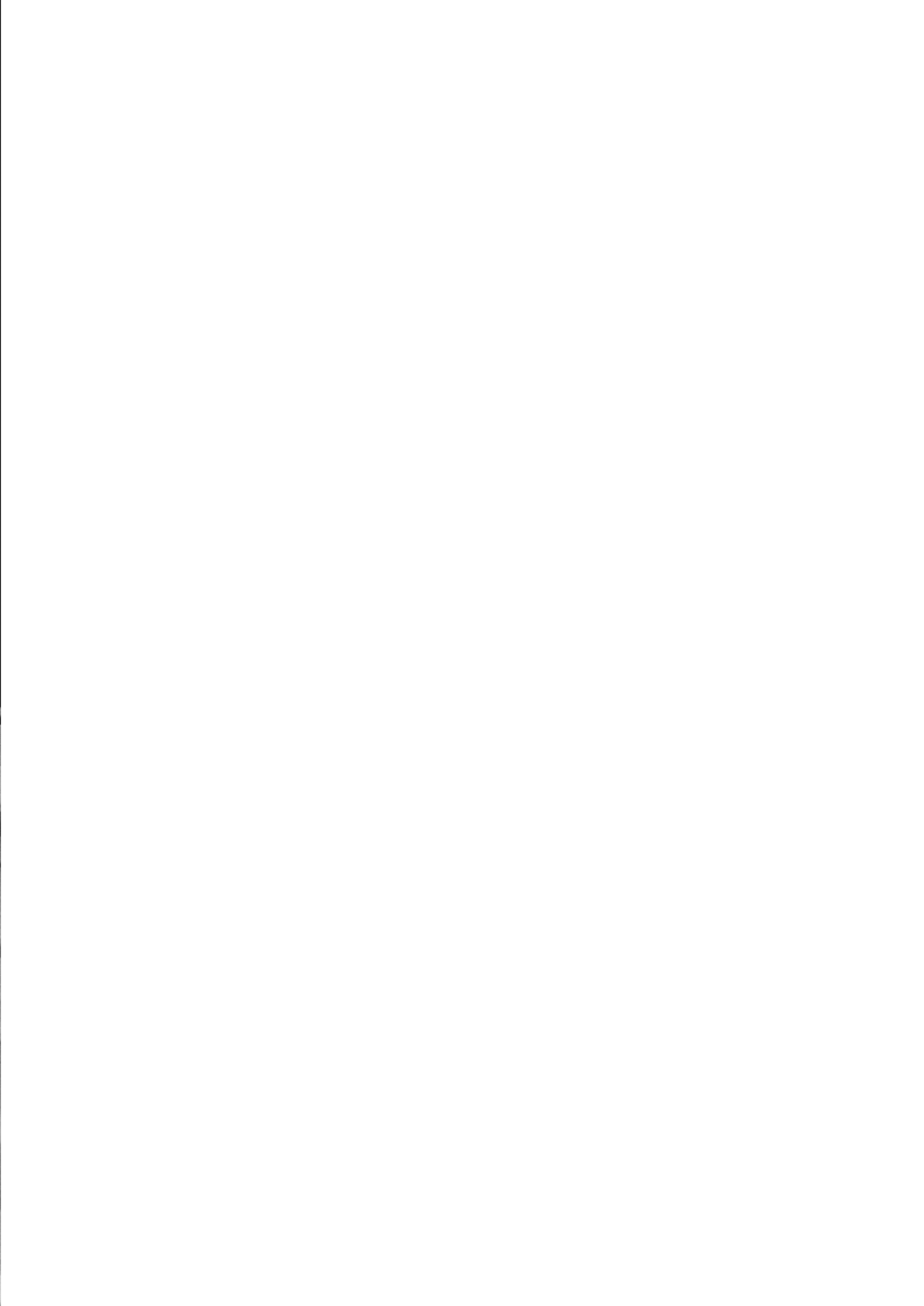
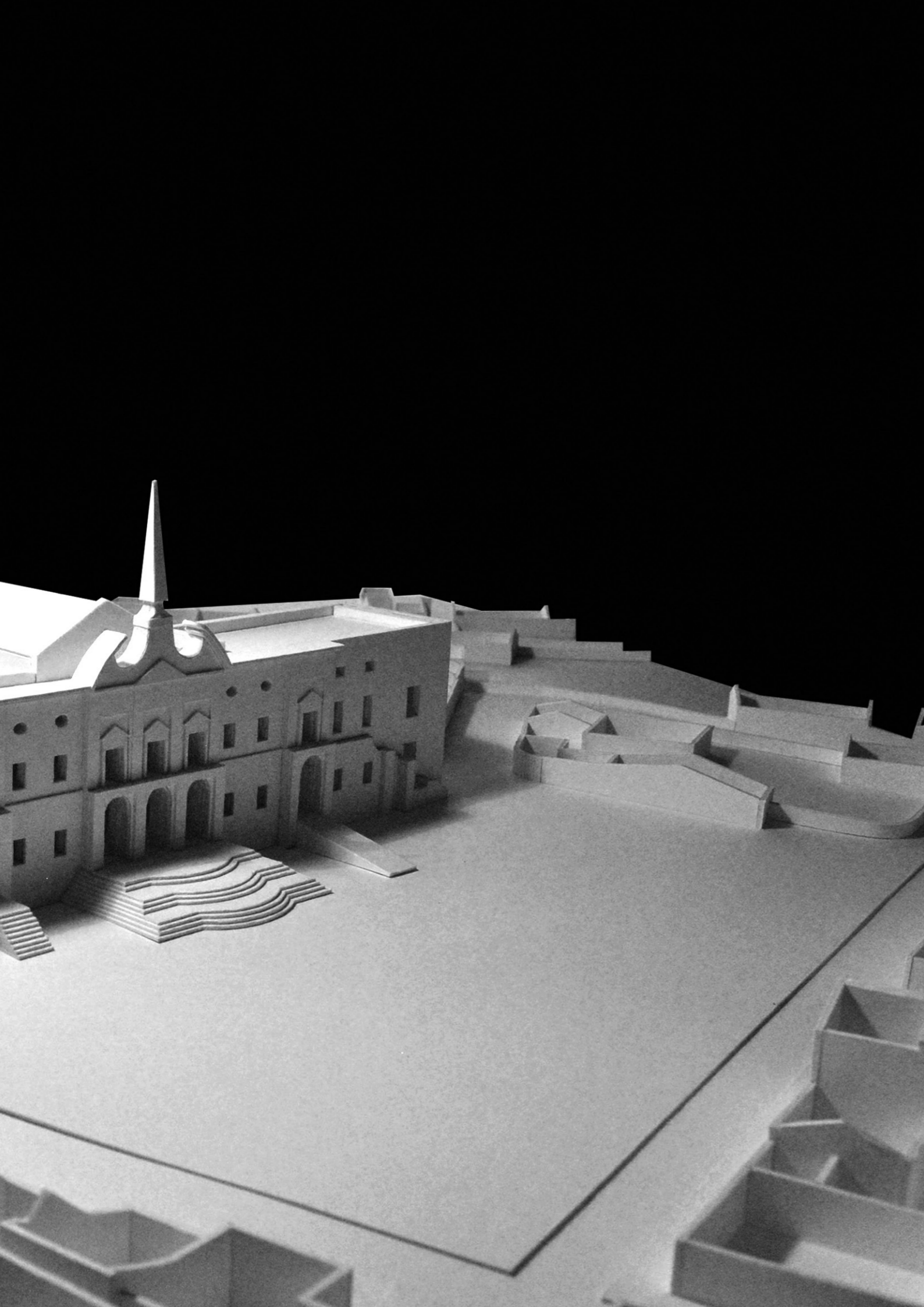
O novo volume com exposição solar para sul abre-se sobre a ala norte do Palácio criando uma praça secundária entre ambos. O desenho desta praça surge para vencer a transição de cotas, da implantação do Palácio com a cota da rua perpendicular ao auditório onde este se encontra implantado.

A entrada principal do novo edifício, feita à cota da estrada, abriga um grande hall de recepção, onde poderão decorrer exposições temporárias, e dá acesso às instalações sanitárias de apoio ao edifício. De seguida somos levados pela rampa da praça, que se prolonga para o volume e o intercepta, dando acesso à cafeteria de apoio ao auditório e que se cruza com uma segunda entrada de acesso ao edifício.

O auditório encontra-se a uma cota superior à cafeteria e surge como uma caixa envolta por duas rampas de acesso, em que uma delas é iluminada por um rasgo de luz natural a todo o seu comprimento vindo da cobertura. O acesso ao auditório é feito por duas entradas permitindo uma melhor fluidez. À entrada podemos encontrar duas salas de tradução e uma sala de projecção. O auditório tem a forma de um búzio que lhe confere uma melhor acústica do espaço. Este tem uma capacidade de 327 lugares, dos quais 4 lugares são reservados para deficientes motores. Ao nível do palco temos uma porta que dá acesso a um piso intermédio, entre a cafeteria e o parque de estacionamento. Neste piso podemos encontrar um







54. Página anterior:  
Maquete final.

55. Planta geral da Vila de  
Manique do Intendente.

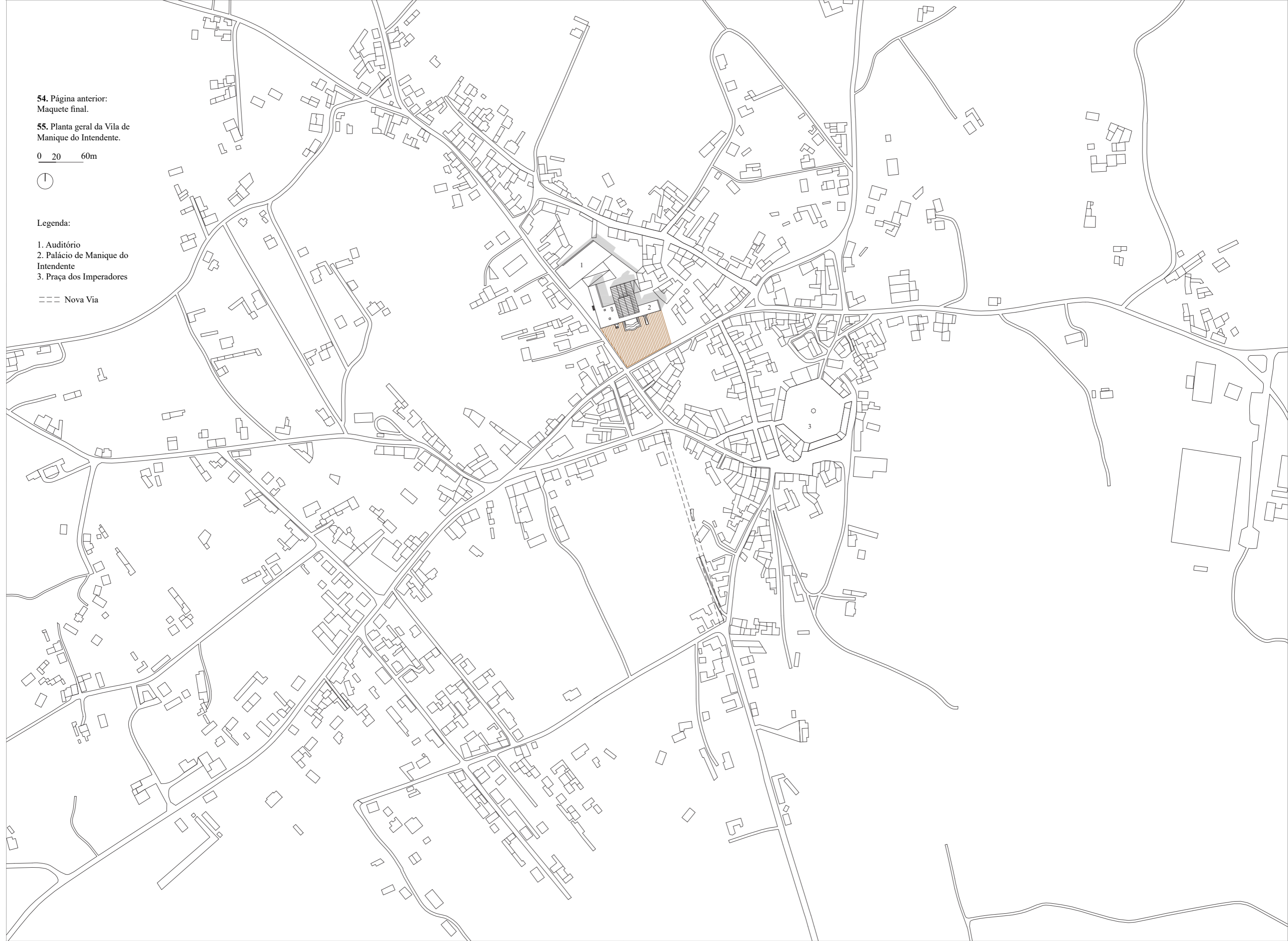
0 20 60m



Legenda:

- 1. Auditório
- 2. Palácio de Manique do Intendente
- 3. Praça dos Imperadores

--- Nova Via



corredor que dá acesso aos camarins, a uma sala de arrumo, à caixa de escadas e ao elevador que faz a ligação entre os três pisos e ainda a uma saída de emergência para o exterior do edifício.

No que toca à materialidade, este novo volume de apoio ao palácio seria todo ele em betão à vista.

**Materialidade do Edifício**

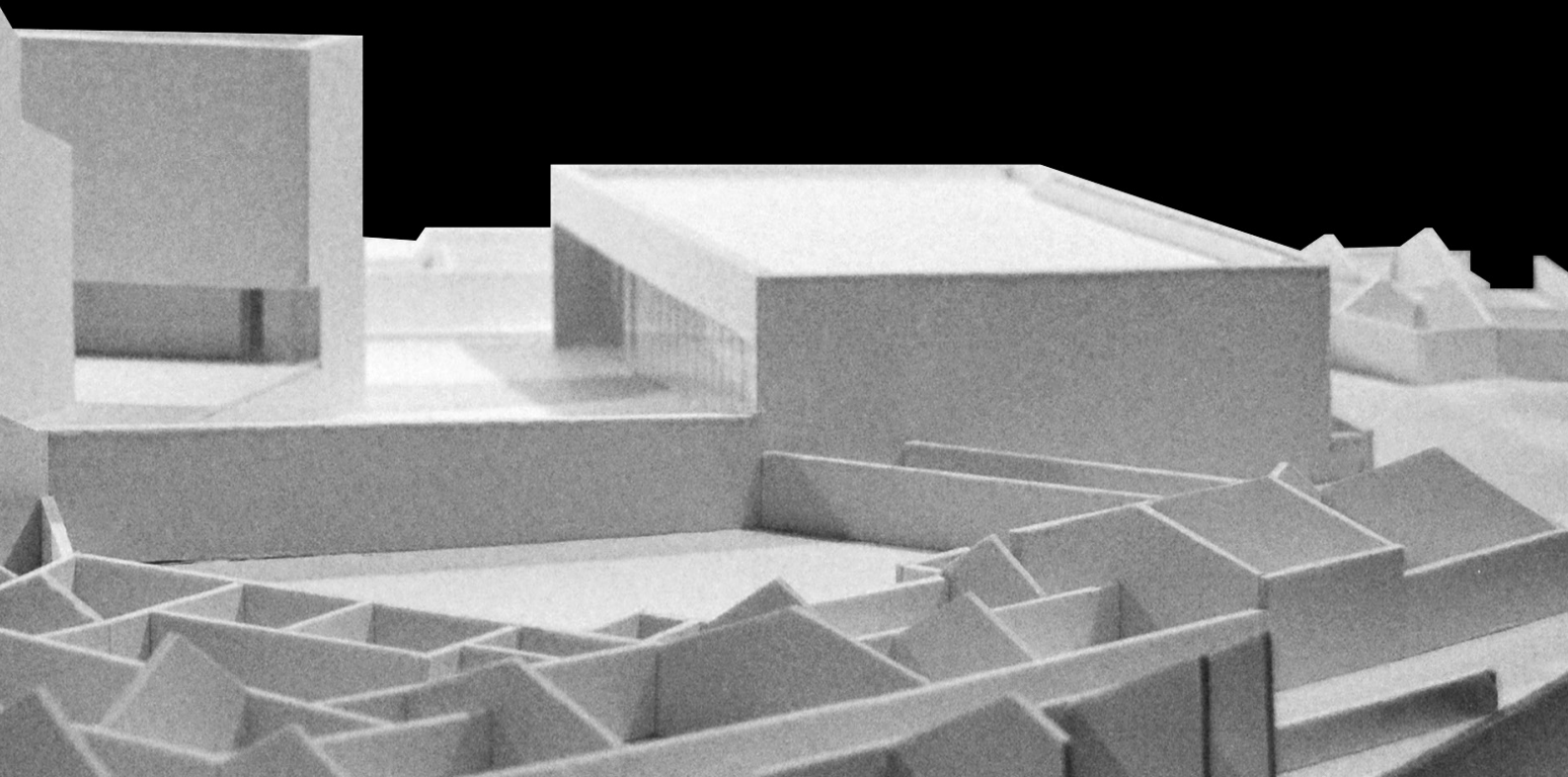
### **3.3 Praça e Vila**

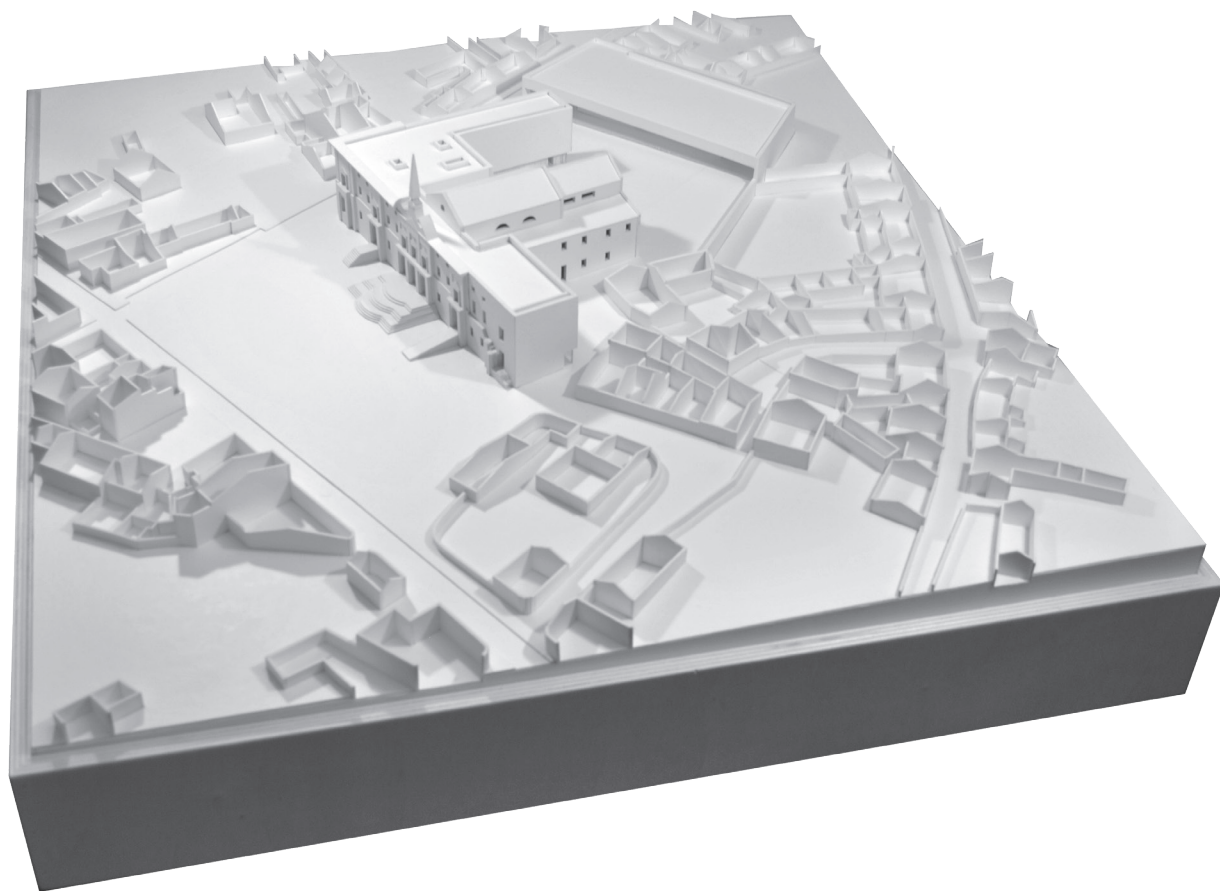
A intervenção sobre a praça existente e zona envolvente ao palácio tem como principal objectivo restabelecer a relação de maior proximidade entre o monumento e a vila. A actual praça nobre do palácio condiciona este objectivo, na medida em que as árvores de grande porte ali existentes “abafam” o edifício e quebram o contacto visual entre o espectador e o monumento. Assim, é redesenhada a praça, retirada a vegetação aí existente com porte desadequado<sup>29</sup>, bem como o estacionamento automóvel à superfície. Esta praça nobre, segundo as propostas de reconstituição da vila por Cátia Marques, seria de formato rectangular. Dado que a envolvente cresceu sem a rigidez de uma malha ordenadora tal facto impossibilitou a reconstituição da mesma. Assim, cruzou-se o desenho da praça rectangular com as actuais vias envolventes ao palácio resultando numa praça trapezoidal. À semelhança da intervenção que o Arquitecto Gonçalo Byrne faz na praça do Mosteiro de Alcobaça, cuja intenção é trazer à memória o aspecto do antigo terreiro de recepção à chegada do monumento, partiu-se para a colocação de saibro no desenho da nova praça. Com o novo desenho da praça cria-se um vazio espacial entre as casas envolventes e o palácio tirando partido da beleza desta obra emblemática que caracteriza a Vila de Manique do Intendente. No que toca aos importantes eixos que outrora definiam o projecto inicial, inseridos numa malha ortogonal, e que actualmente correspondem às Ruas de Pina Manique e Dr. António Canova Ribeiro, proponho o seu pavimento em pedra de granito e os passeios envolventes ao palácio em pedra de microcubo de calcário, potenciando o seu prolongamento por toda a vila. O eixo principal, actualmente um eixo meramente visual, e que nos direcciona ao palácio por quem vem da ponte D. Maria I, seria prolongado até interceptar a Rua da Fonte permitindo uma relação de maior proximidade ao palácio. Este eixo assumia uma significativa importância no projecto inicial funcionando como um eixo de simetria ordenador da malha da vila e como uma via de entrada na nova povoação.

---

<sup>29</sup> Ver imagem 41, pág. 74.







56. Página anterior: Vista  
Nascente, Maquete final.

57. Maquete final.

## Nota Conclusiva

Esta dissertação de mestrado tem como objectivo fulcral a apresentação de uma proposta de requalificação, um estudo prévio para o Palácio de Manique do Intendente. Sendo este majestoso monumento um ex-libris, uma imagem de marca que tanto caracteriza a Vila de Manique do Intendente, esta proposta procura, assim, uma forma de o requalificar, com intuito de preservar o seu património, resgatando-o do esquecimento e abandono a que tem sido alvo ao longo da história.

Tendo em conta que este monumento era a peça mais importante do ambicioso projecto iluminista que Pina Manique pretendia executar para a vila, que nunca chegou a vingar e que, posteriormente, foi sofrendo um percurso atribulado de sucessivas intervenções e tentativas de recuperação, sem uma abordagem qualificada sobre o tema “*intervenção em ruína*”, tão sensível e peculiar, pretendo, de algum modo, mostrar uma das possíveis formas de intervenção para este palácio. Este património que se encontra em ruína e num elevado nível de degradação corre o sério risco de perder todo um vasto acumular de acontecimentos históricos que em si comporta.

As intervenções no palácio, posteriores à morte do encomendador, foram resultando num edifício incharacterístico e com problemas de funcionamento interno. Daí que este trabalho propõe uma recuperação do edifício em geral e a criação de um museu que ilustre e ajude a compreender a visão iluminista que Pina Manique idealizara para a vila, conduzindo-nos a uma reflexão dando azo à nossa imaginação. O Museu pretende, assim, valorizar a Vila de Manique do Intendente e vilas vizinhas mantendo na memória da actual e futuras gerações um pouco da sua história.

A requalificação do Palácio tem ainda como objectivo potenciar a regeneração do tecido urbano da vila. É importante salientar que o Palácio de Manique do Intendente pode ser uma mais valia para a vila, tornando-o num ponto de atracção turística.

Atendendo a que este trabalho sugere uma proposta de requalificação para o Palácio de Manique do Intendente, esta deve ser encarada apenas como um estudo prévio de intervenção e não como um trabalho conclusivo. Esta proposta tem como propósito a sustentabilidade do monumento aliada à preservação da memória do lugar, estabelecendo uma relação de continuidade entre o nosso passado e o nosso presente.

Este trabalho foi fundamental para adquirir e enriquecer os meus conhecimentos sobre edifícios devolutos, pois no meu percurso académico nunca tinha tratado um tema tão sensível e específico como é o tema “*intervenção em*





*ruína*”. Pelo facto de ter em mãos um trabalho desta natureza e para conseguir de alguma forma dar uma resposta ao tema, obrigou-me a estudar e a perceber os valores que compõem a palavra “monumento”, o seu significado e os diversos caminhos que um arquitecto pode enveredar na sua intervenção. Para além disso, sendo um curioso e tendo um gosto particular pela história, em especial por este período, foi com enorme prazer que aprofundei os meus conhecimentos neste período da história de crise económica e político-social em que se encontrava o país, bem como a importância e o papel que assumiu Pina Manique na nossa história.

Aliado a um novo paradigma de arquitectura, contrariamente à sua anterior forma de actuação, focando-se maioritariamente na construção de novos edifícios, hoje em dia, os arquitectos enfrentam novos desafios intervindo cada vez mais na reabilitação de edifícios devolutos, nomeadamente, na preservação de património edificado, entre outros. Assumindo uma especial importância, há que ter em conta a dualidade da nova linguagem arquitectónica, em que esta dialogue com a linguagem existente, respeitando-a, ou seja, conciliando o “antigo” com o “novo” sem que estes se sobreponham. Trata-se de um exercício difícil e exigente por parte do arquitecto compatibilizar estas duas realidades de épocas distintas, respeitando as regras de preservação e restauro do património, pois o acto de criar pressupõe a invenção de um novo elemento que vai coexistir, através da sua concretização pela obra, com uma estrutura preexistente, seja ela antiga ou recente. De modo a transmitir a nossa herança patrimonial ainda mais qualificada e enriquecida às gerações vindouras, torna-se necessário conhecê-la em profundidade para podermos intervir e usufruí-la da melhor maneira, cabendo à sociedade a grande responsabilidade de a preservar e valorizar.

Em termos de conclusão, espero que este trabalho contribua, ainda que modestamente, para a concretização de uma possível intervenção de requalificação do Palácio de Manique do Intendente, por forma a resgatá-lo do avançado estado de degradação em que se encontra, assegurando a integridade enquanto património da nossa história.



## Bibliografia

ABREU, Laurinda. (2013). *Pina Manique: Um reformador no Portugal das Luzes*, Lisboa, Gravida.

ALVES, Alice Nogueira. (2014). *Os Valores dos Monumentos: a Importância de Riegl no Passado e no Presente*, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa/CIEBA.

ASSUNÇÃO, Paulo de. (2010). *A reconstrução da cidade de Lisboa e os Tratados de Arquitetura*. Acedido a Abril, 21, 2016, em <http://docplayer.com.br/7712521-A-reconstrucao-da-cidade-de-lisboa-e-os-tratados-de-arquitetura.html>.

AZEVEDO, Carlos de. (1969). *Solares Portugueses*, 2ª edição, Livros Horizonte.

BILÉU, Maria Margarida Correia. (1995). Diogo Inácio de Pina Manique, *Intendente Geral da Polícia: Inovações e Persistências*, Vol. I, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

BYRNE, Gonçalo. BARBAS, Patrícia. LOPES, Diogo Seixas. (2012). *Memória Descritiva - Teatro Thalia*. Cedido pelo atelier Barbas Lopes Architectos.

BYRNE, Gonçalo. (2009). *Memória Descritiva - Requalificação do Mosteiro de Sta. Maria de Alcobaça e Área Envolvente*. Cedido pelo atelier Gonçalo Byrne Architectos.

CAETANO, André Filipe Pedro (2014). *Neues Museum Berlin. Memória e matéria*. Revista Arquitectura Lusíada. N.5, p. 117-132.

CALADO, Margarida. (1994). *Urbanismo e poder no Portugal do século XVIII in Lisboa iluminista e o seu tempo*, Universidade Autónoma de Lisboa.

CALIXTO, Vasco. *Manique do Intendente e o seu palácio arruinado in Diário de Notícias*, 20 de Novembro de 1961.

CARTA DE VENEZA. (1964). *Sobre a conservação e restauro dos monumentos e dos sítios*. Acedido a Abril, 3 de 2017, em <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf>.



CRUZ, Lígia. (1984). *Pina Manique e a Universidade de Coimbra: cartas ao Intendente e de José Rodrigues Lisboa para o Doutor Francisco Montanha*, Arquivo da Universidade de Coimbra.

CUNHA, Cláudia dos Reis e. KODAIRA, Karina Terumi. (2014). *O legado moderno na cidade contemporânea: restauração e uso*. Acedido a Maio, 2, 2016, em <http://www.docomomo.org.br/seminario%208%20pdfs/147.pdf>.

DAVID CHIPPERFIELD ARCHITECTS. (2009). *Neues Museum*. Acedido a Março, 17, 2016, em [https://davidchipperfield.com/project/neues\\_museum](https://davidchipperfield.com/project/neues_museum).

FRAMPTON, kenneth. (2009). *Neues Museum Berlin - by David Chipperfield*, Thames & Hudson, I.

GOMES, Paulo Varela. (2009). *Expressões do Neoclássico*, Fubu Editores.

HENRIQUES, João Anibal. (2015). *O Palácio do Intendente*. Acedido a Maio, 8, 2016, em <http://portugalidade.blogspot.pt/2015/02/o-palacio-do-intendente.html>.

LEITE, António Miguel Santos. (2009). *Do iluminismo pombalino à afirmação arquitectónica romântica em Portugal*. Artitextos. Lisboa, nº8, p.211-223. Acedido a Julho 23, 2016, <http://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/1494/1/Ant%C3%B3nio%20Santos%20Leite.pdf>.

MAIA, Luís Filipe. (2009). *A morte de D.José I e o afastamento de Pombal*. Acedido a Maio, 11, 2016, em <http://donamariaprimeira.blogspot.pt/search/label/Marqu%C3%AAs%20de%20Pombal>.

MAIA, Luís Filipe. (2009). *Pina Manique é nomeado Intendente de polícia*. Acedido a Agosto, 31, 2016, em <http://donamariaprimeira.blogspot.pt/2009/05/pina-manique-e-nomeado-intendente-de.html>.

MARANHÃO-FILHO, Péricles. (2008). *Carta de Pina Manique: tourettismo, desabafo sarcástico ou folclore?* Rev Bras Neurol. nº44, vol2, p.47-50. Acedido a Julho 23, 2016, em <http://files.bvs.br/upload/s/0101/-8469/2008/v44n2/a47-50.pdf>.



MARQUES, Cátia Gonçalves. (2004). *Manique do Intendente - Uma Vila Iluminista*, Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

MARQUES, Cátia Gonçalves. (2013). *A Vila Iluminista de Manique do Intendente: um outro olhar*, Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Departamento de Arquitectura, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

MARTINS, Francisco de Assis Oliveira. (1948). *Pina Manique: o político, o amigo de Lisboa*, Sociedade Industrial de Tipografia, Lda, Lisboa.

MAXWELL, Kenneth. (2004). *O Marquês de Pombal*, Lisboa, Editorial Presença.

NOÉ, Paula. (1991). *Palácio de Manique do Intendente*, Inventário do Património Arquitectónico, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Acedido a Abril, 14, 2016, em [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=6277](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6277).

NOÉ, Paula. (1991). *Pelourinho de Manique do Intendente*, Inventário do Património Arquitectónico, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Acedido a Abril 14, 2016, em [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=5849](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5849).

NORTON, José. (2004). *Pina Manique. Fundador da Casa Pia*, Lisboa, Bertrand Editora.

NU. (2013). *Matéria*, Revista #nu 39, Coimbra Editora.

RIEGL, Alois. [1903] (2013). *O Culto Moderno dos Monumentos*, Edições 70.

SOLEDADE, Arnaldo F. (1979). *De S. Pedro de Arrifana a Manique do Intendente*, Comissão de Festas de Manique do Intendente.

RODRIGUES, António José. (2005). *Manique do Intendente*, Junta de Freguesia de Manique do Intendente.





SARAIVA, Prof. José Hermano. (2008). *Pina Manique e a Casa Pia*. Acedido a Março, 13, 2016, em <https://www.youtube.com/watch?v=kHEWLSPltSE>.

SILVA, António. (2006). *O Intendente Pina Manique*. Acedido a Maio, 8, 2016, em <http://ensina.rtp.pt/artigo/pina-manique/>.

STUDIO ESINAM. (2016). *Neues Museum - Berlin*. Acedido a Março, 17, 2016, em <https://www.studioesinam.com/blogs/love-architecture/neues-museum-berlin>.

TÁVARES, Adérito e José dos Santos Pinto. (1990). *Pina Manique : Um Homem entre duas Épocas*, Lisboa, Casa Pia.

TEIXEIRA, José de Monterroso. (2012). *José da Costa Silva (1747-1819) e a receção do neoclassicismo em Portugal: A clivagem de discurso e a prática arquitetónica*, Volume I, II e III, Tese de Doutoramento em História, Universidade Autónoma de Lisboa.



## Fonte das Imagens

1. Diogo Ignacio de Pina Manique, Intendente Geral da Policia. Queirós, Gregório Francisco de, 1768-1845; Sequeira, Domingos, 1768-1837. Biblioteca Nacional, Icnografia. [Consultado em 10 de Julho de 2017] Disponível em: <http://purl.pt/4628>.
2. [Consultado em 2 de Maio de 2017] Disponível em: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/b/b3/Portrait\\_of\\_Joseph\\_Emanuel%2C\\_King\\_of\\_Portugal\\_%281773%29\\_-\\_Miguel\\_Ant%C3%B3nio\\_do\\_Amaral.png/245px-Portrait\\_of\\_Joseph\\_Emanuel%2C\\_King\\_of\\_Portugal\\_%281773%29\\_-\\_Miguel\\_Ant%C3%B3nio\\_do\\_Amaral.png](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/b/b3/Portrait_of_Joseph_Emanuel%2C_King_of_Portugal_%281773%29_-_Miguel_Ant%C3%B3nio_do_Amaral.png/245px-Portrait_of_Joseph_Emanuel%2C_King_of_Portugal_%281773%29_-_Miguel_Ant%C3%B3nio_do_Amaral.png).
3. [Consultado em 2 de Maio de 2017] Disponível em: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/d/d9/Maria\\_I%2C\\_Queen\\_of\\_Portugal\\_-\\_Giuseppe\\_Troni%2C\\_atribu%C3%ADdo\\_%28Turim%2C\\_1739-Lisboa%2C\\_1810%29\\_-\\_Google\\_Cultural\\_Institute.jpg/250px-Maria\\_I%2C\\_Queen\\_of\\_Portugal\\_-\\_Giuseppe\\_Troni%2C\\_atribu%C3%ADdo\\_%28Turim%2C\\_1739-Lisboa%2C\\_1810%29\\_-\\_Google\\_Cultural\\_Institute.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/d/d9/Maria_I%2C_Queen_of_Portugal_-_Giuseppe_Troni%2C_atribu%C3%ADdo_%28Turim%2C_1739-Lisboa%2C_1810%29_-_Google_Cultural_Institute.jpg/250px-Maria_I%2C_Queen_of_Portugal_-_Giuseppe_Troni%2C_atribu%C3%ADdo_%28Turim%2C_1739-Lisboa%2C_1810%29_-_Google_Cultural_Institute.jpg).
4. [Consultado em 2 de Maio de 2017] Disponível em: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/1/12/Retrato\\_do\\_Marqu%C3%AAs\\_de\\_Pombal.jpg/180px-Retrato\\_do\\_Marqu%C3%AAs\\_de\\_Pombal.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/1/12/Retrato_do_Marqu%C3%AAs_de_Pombal.jpg/180px-Retrato_do_Marqu%C3%AAs_de_Pombal.jpg).
5. [Consultado em 2 de Maio de 2017] Disponível em: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/0/08/Retrato\\_de\\_D.\\_Joao\\_VI\\_-\\_Gregorius%2C\\_Albertus\\_Jacob\\_Frans\\_2.jpg/245px-Retrato\\_de\\_D.\\_Joao\\_VI\\_-\\_Gregorius%2C\\_Albertus\\_Jacob\\_Frans\\_2.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/0/08/Retrato_de_D._Joao_VI_-_Gregorius%2C_Albertus_Jacob_Frans_2.jpg/245px-Retrato_de_D._Joao_VI_-_Gregorius%2C_Albertus_Jacob_Frans_2.jpg).
6. [Consultado em 2 de Maio de 2017] Disponível em: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/5/50/Jacques-Louis\\_David\\_-\\_The\\_Emperor\\_Napoleon\\_in\\_His\\_Study\\_at\\_the\\_Tuileries\\_-\\_Google\\_Art\\_Project.jpg/245px-Jacques-Louis\\_David\\_-\\_The\\_Emperor\\_Napoleon\\_in\\_His\\_Study\\_at\\_the\\_Tuileries\\_-\\_Google\\_Art\\_Project.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/5/50/Jacques-Louis_David_-_The_Emperor_Napoleon_in_His_Study_at_the_Tuileries_-_Google_Art_Project.jpg/245px-Jacques-Louis_David_-_The_Emperor_Napoleon_in_His_Study_at_the_Tuileries_-_Google_Art_Project.jpg).
7. [Consultado em 2 de Maio de 2017] Disponível em: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/0/0c/Jean\\_lannes.jpg/250px-Jean\\_lannes.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/0/0c/Jean_lannes.jpg/250px-Jean_lannes.jpg).



8. [Consultado em 2 de Maio de 2017] Disponível em: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/0/01/Alois\\_Riegl.jpg/1200px-Alois\\_Riegl.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/0/01/Alois_Riegl.jpg/1200px-Alois_Riegl.jpg).
9. Cedido pelo Doutor Nuno Nobre, do seu arquivo pessoal.
10. [Consultado em 19 de Abril de 2017] Disponível em: <https://www.google.pt/maps/@39.2201864,-8.8962133,2165m/data=!3m1!1e3>.
11. [Consultado em 3 de Maio de 2017] Disponível em: <http://www.scielo.br/img/revistas/anaismp/v20n1/a03fig03.jpg>.
12. [Consultado em 3 de Maio de 2017] Disponível em: <https://static1.squarespace.com/static/52b3aae6e4b00492bb71aa3d/t/567aead90ab377dd60399ca4/1449682791926/>.
13. [Consultado em 3 de Maio de 2017] Disponível em: <https://www.google.pt/maps/@37.2157843,14.6356123,2718m/data=!3m1!1e3>.
14. Retirado da Tese MARQUES, Cátia Gonçalves (2013). *A Vila Iluminista de Manique do Intendente: um outro olhar*, Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Departamento de Arquitectura, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.
15. Retirado da Tese MARQUES, Cátia Gonçalves (2013). *A Vila Iluminista de Manique do Intendente: um outro olhar*, Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Departamento de Arquitectura, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.
16. Retirado da Tese MARQUES, Cátia Gonçalves (2013). *A Vila Iluminista de Manique do Intendente: um outro olhar*, Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Departamento de Arquitectura, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.
17. [Consultado em 3 de Maio de 2017] Disponível em: <https://josemariasuarezgallego.files.wordpress.com/2015/01/plano-de-la-carolina.jpg>.
18. Desenho do autor.



19. Desenho do autor.
20. Cedido pelo Doutor Nuno Nobre, do seu arquivo pessoal.
21. Cedido pelo Arquivo do Forte de Sacavém. SIPA. IPA.00006277 SIPAFOTO.00504090 [Consultado a 21 de Abril de 2017].
22. [Consultado em 8 de Fevereiro de 2017] Disponível em: <https://www.facebook.com/Vila.Illuminista/photos/a.261892757234296.60902.227891753967730/261894107234161/?type=3&theater>.
23. [Consultado em 8 de Fevereiro de 2017] Disponível em: <https://www.facebook.com/Vila.Illuminista/photos/a.261892757234296.60902.227891753967730/261897403900498/?type=3&theater>.
24. Cedido pelo Atelier Barbas Lopes Arquitectos.
25. Cedido pelo Atelier Barbas Lopes Arquitectos.
26. Cedido pelo Atelier Barbas Lopes Arquitectos.
27. Cedido pelo Atelier Barbas Lopes Arquitectos.
28. Cedido pelo Atelier Barbas Lopes Arquitectos.
29. Cedido pelo Atelier Barbas Lopes Arquitectos.
30. Cedido pelo Atelier Barbas Lopes Arquitectos.
31. [Consultado em 5 de Abril de 2017] Disponível em: [https://davidchipperfield.com/project/neues\\_museum](https://davidchipperfield.com/project/neues_museum).
32. [Consultado em 5 de Abril de 2017] Disponível em: [https://davidchipperfield.com/project/neues\\_museum](https://davidchipperfield.com/project/neues_museum).
- 33 [Consultado em 5 de Abril de 2017] Disponível em: [https://davidchipperfield.com/project/neues\\_museum](https://davidchipperfield.com/project/neues_museum).





34. [Consultado em 5 de Abril de 2017] Disponível em: [https://davidchipperfield.com/project/neues\\_museum](https://davidchipperfield.com/project/neues_museum).
35. [Consultado em 5 de Abril de 2017] Disponível em: [https://davidchipperfield.com/project/neues\\_museum](https://davidchipperfield.com/project/neues_museum).
36. [Consultado em 5 de Abril de 2017] Disponível em: [https://davidchipperfield.com/project/neues\\_museum](https://davidchipperfield.com/project/neues_museum).
37. [Consultado em 5 de Abril de 2017] Disponível em: [https://davidchipperfield.com/project/neues\\_museum](https://davidchipperfield.com/project/neues_museum).
38. Cedido pelo Atelier Gonçalo Byrne Arquitectos.
39. Cedido pelo Atelier Gonçalo Byrne Arquitectos.
40. Cedido pelo Atelier Gonçalo Byrne Arquitectos.
41. Fotografia do autor.
42. Fotografia do autor.
43. Fotografia do autor.
44. Fotografia do autor.
45. Fotografia do autor.
46. Fotografia do autor.
47. Desenho do autor.
48. Fotografia do autor.
49. Desenho do autor.
50. Fotografia do autor.



51. Desenho do autor.

52. Fotografia do autor.

53. Desenho do autor.

54. Fotografia do autor.

55. Desenho do autor.

56. Fotografia do autor.

57. Fotografia do autor.



## **Anexos**

Folha 1 - Planta Geral da Vila de Manique do Intendente.

Folha 2 - Planta de Cobertura.

Folha 3 - Planta do Piso 1.

Folha 4 - Planta do Piso Térreo.

Folha 5 - Planta do Piso -1.

Folha 6 - Planta do Piso -2.

Folha 7 - Alçado Este | Oeste | Sul.

Folha 8 - Alçado Norte | Corte Longitudinal AA' | CC'.

Folha 9 - Alçado Sul - Auditório | Corte Transversal DD' | BB'.



Levantamento  
fotográfico - Palácio  
de Manique do  
Intendente







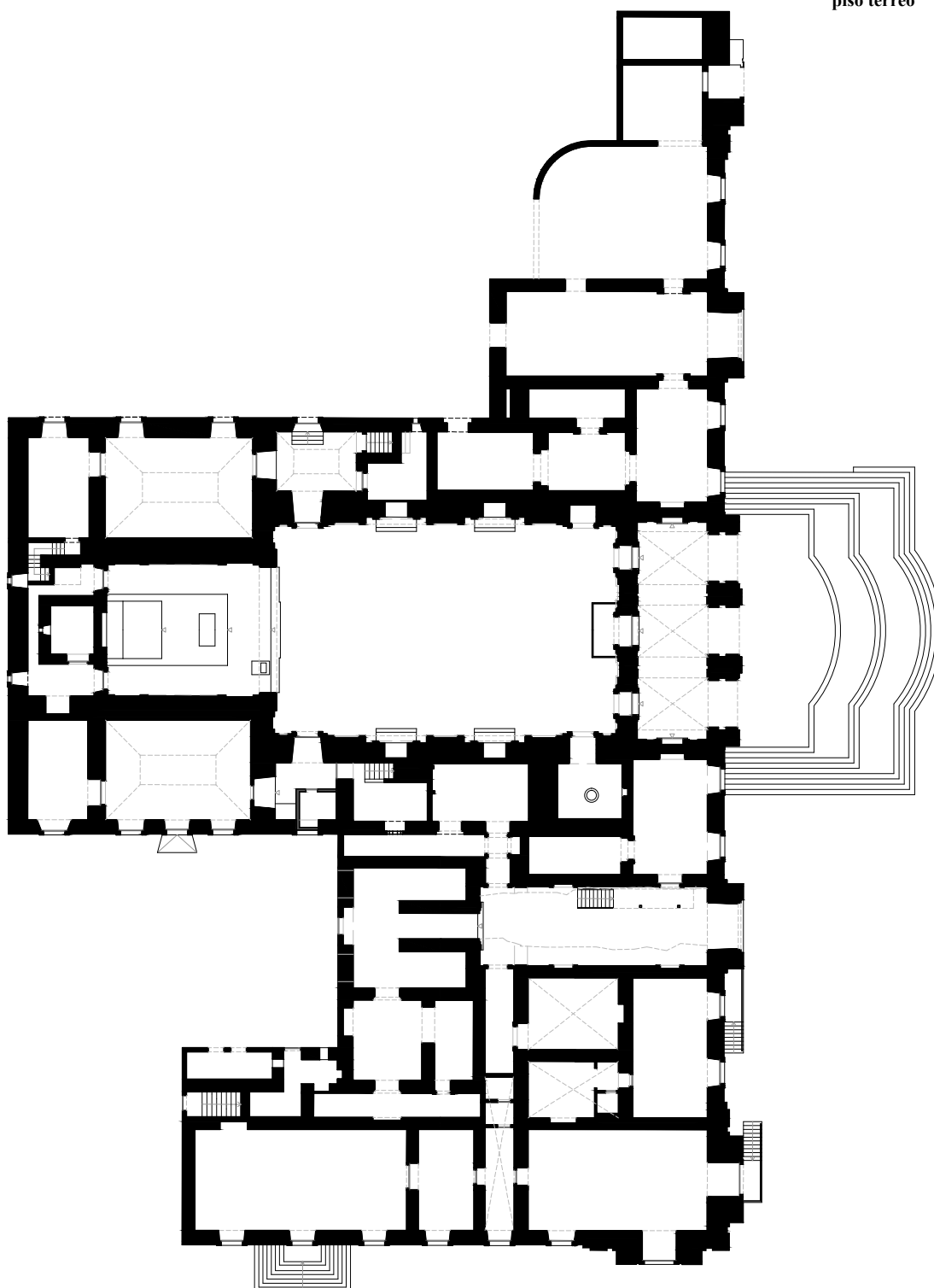






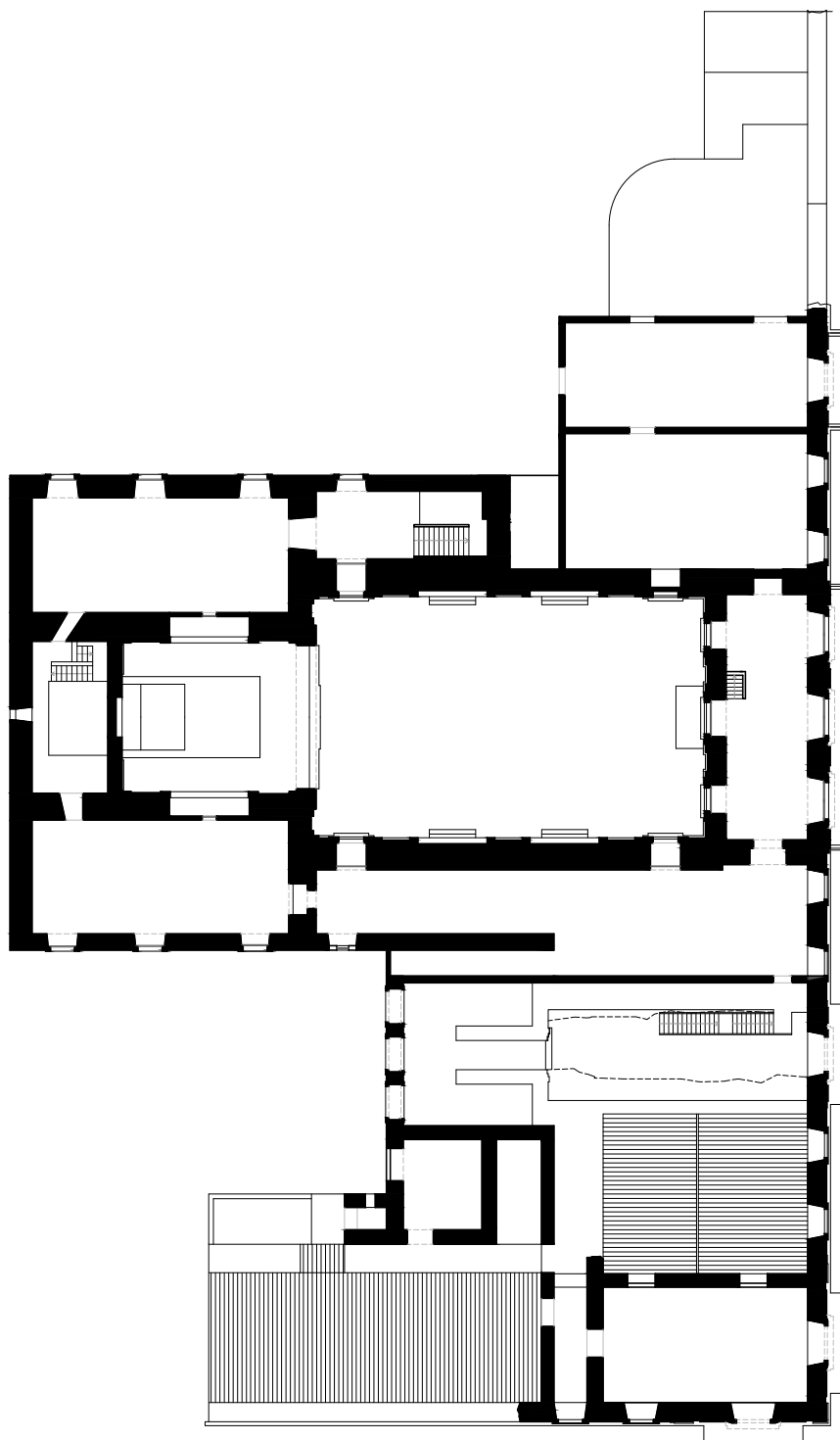


Desenho de Cátia Marques - Estado actual do Palácio de Manique do Intendente, planta do piso térreo





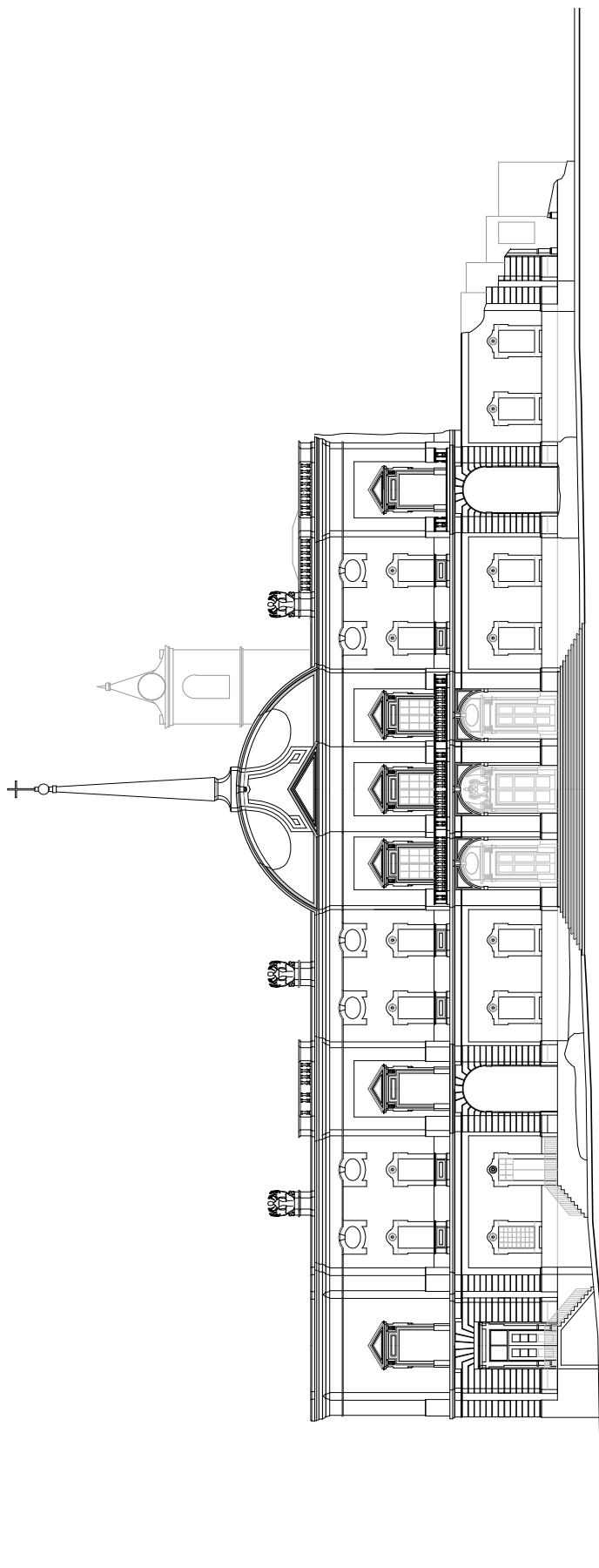
Desenho de Cátia  
Marques - Estado  
actual do Palácio  
de Manique do  
Intendente, planta do  
 piso 1





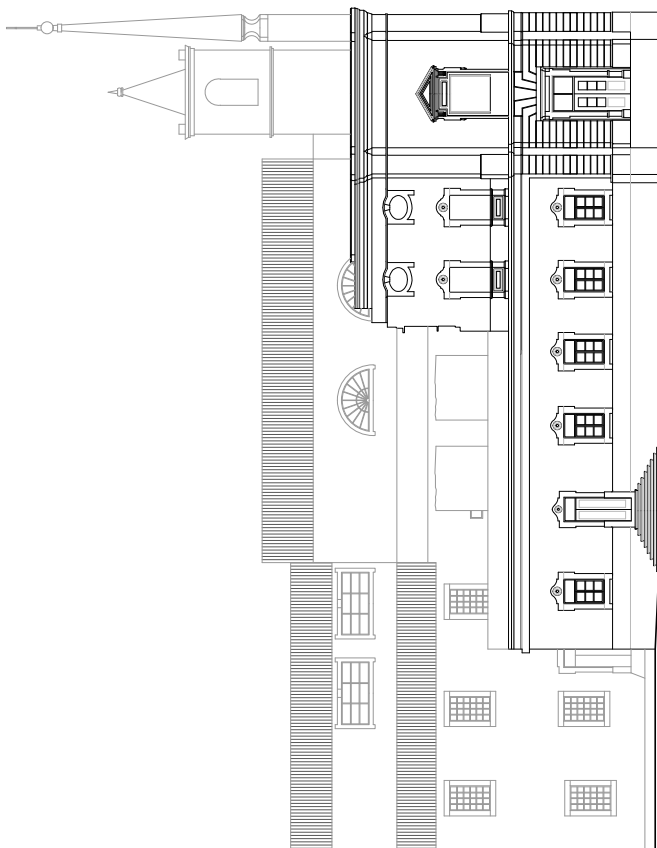


**Desenho de Cátia Marques - Estado actual do Palácio de Manique do Intendente, alçado principal**





**Desenho de Cátia  
Marques - Estado  
actual do Palácio  
de Manique do  
Intendente, alçado  
lateral**

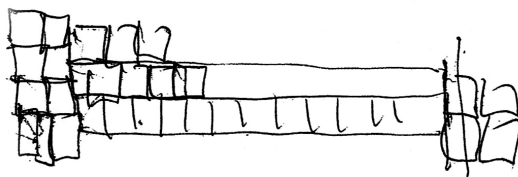
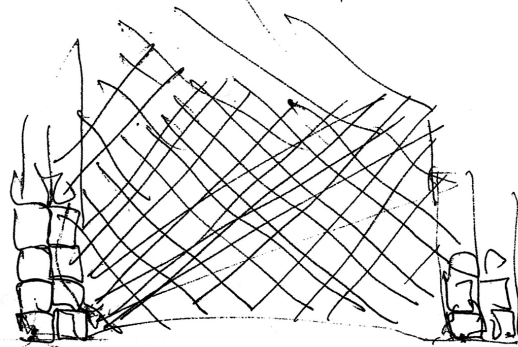
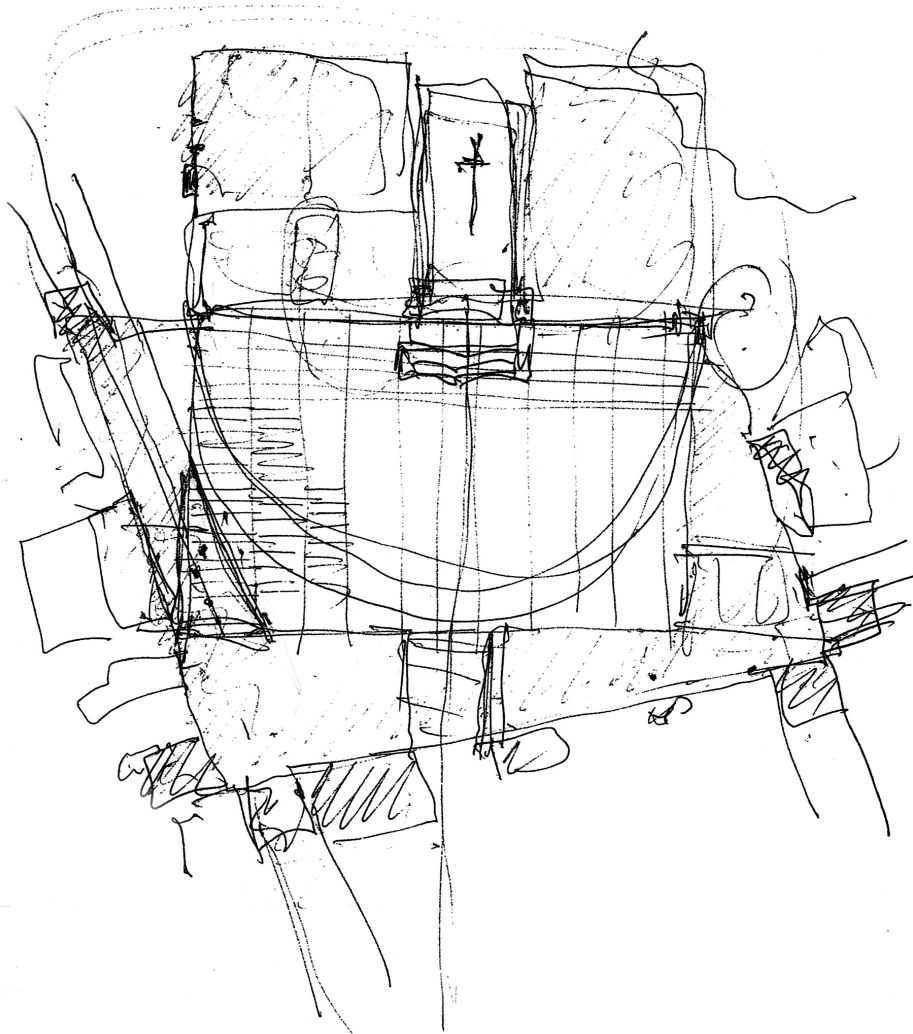




Desenho -  
Reconstituição do  
alçado principal





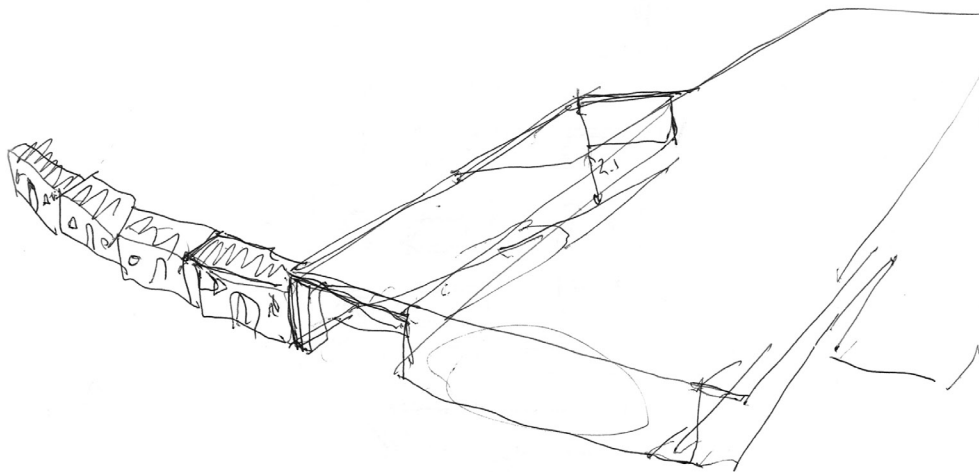
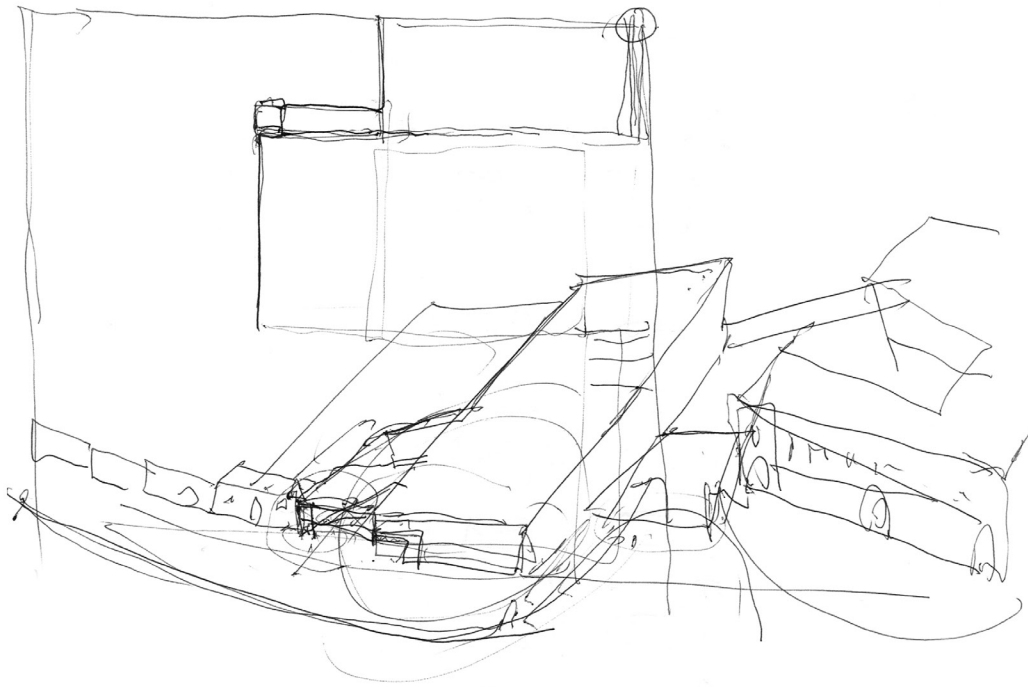




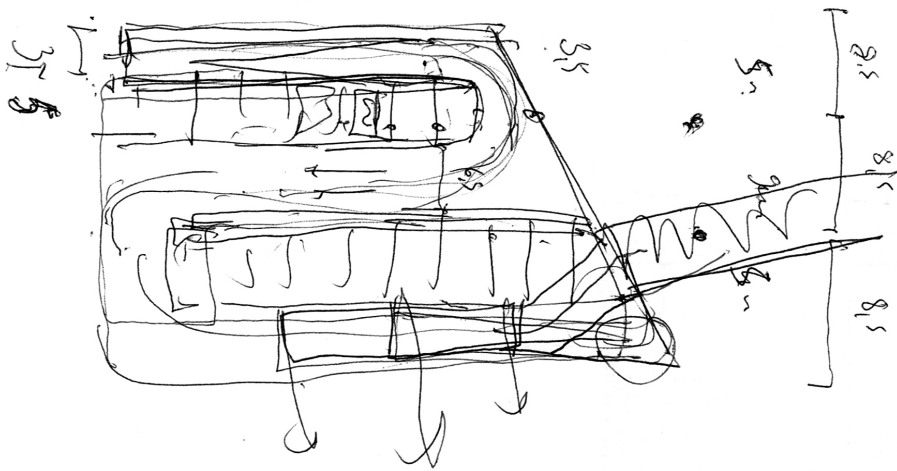




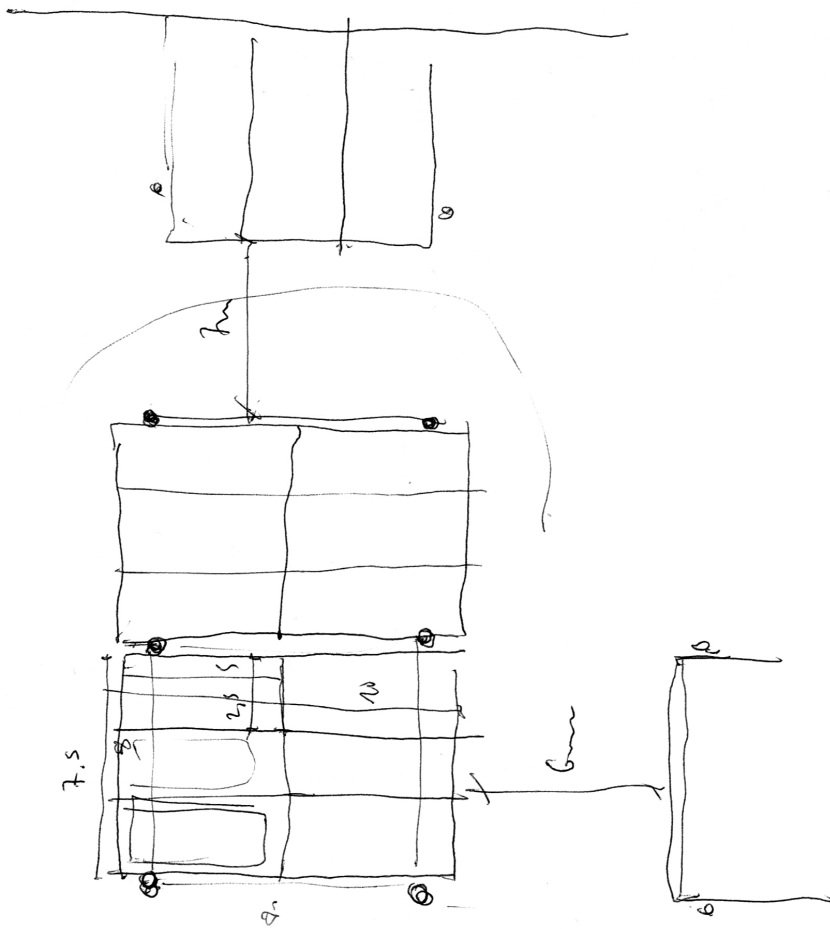




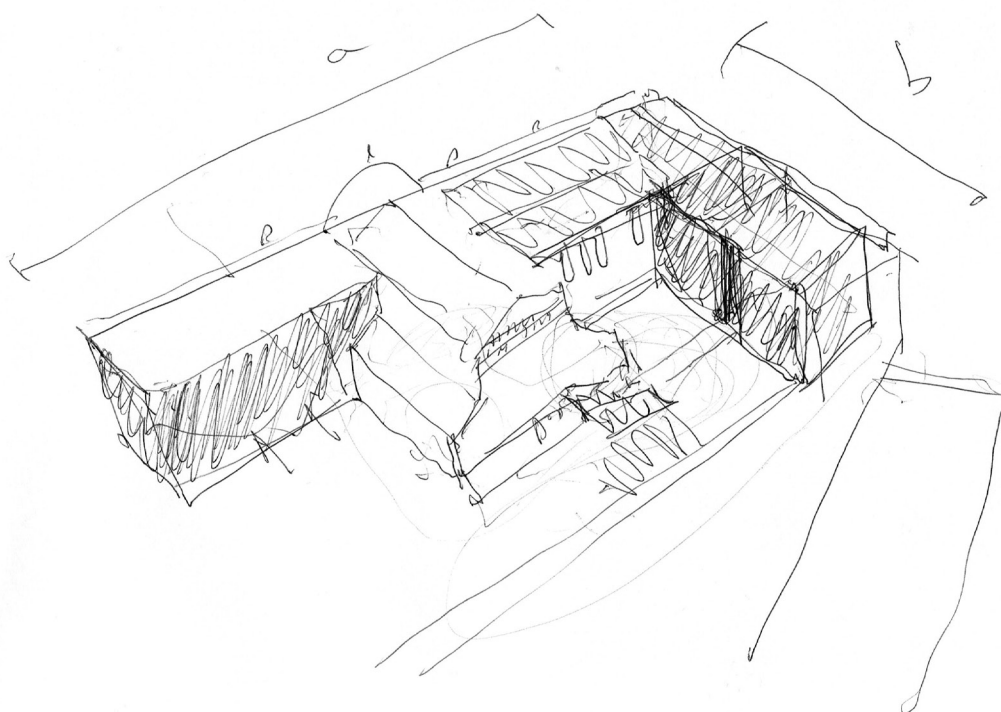


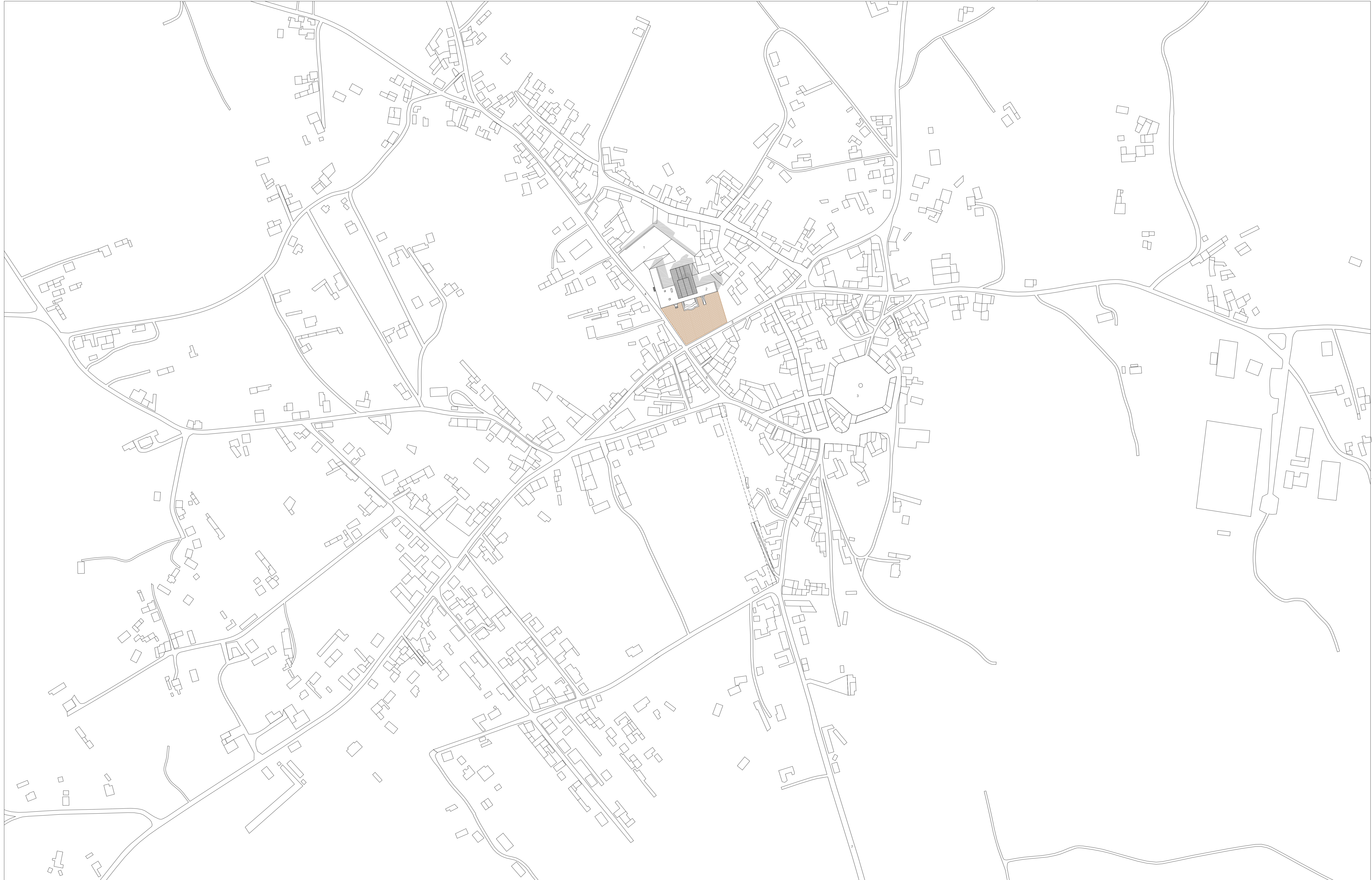


15.5





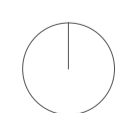




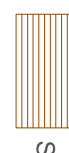



Legenda:

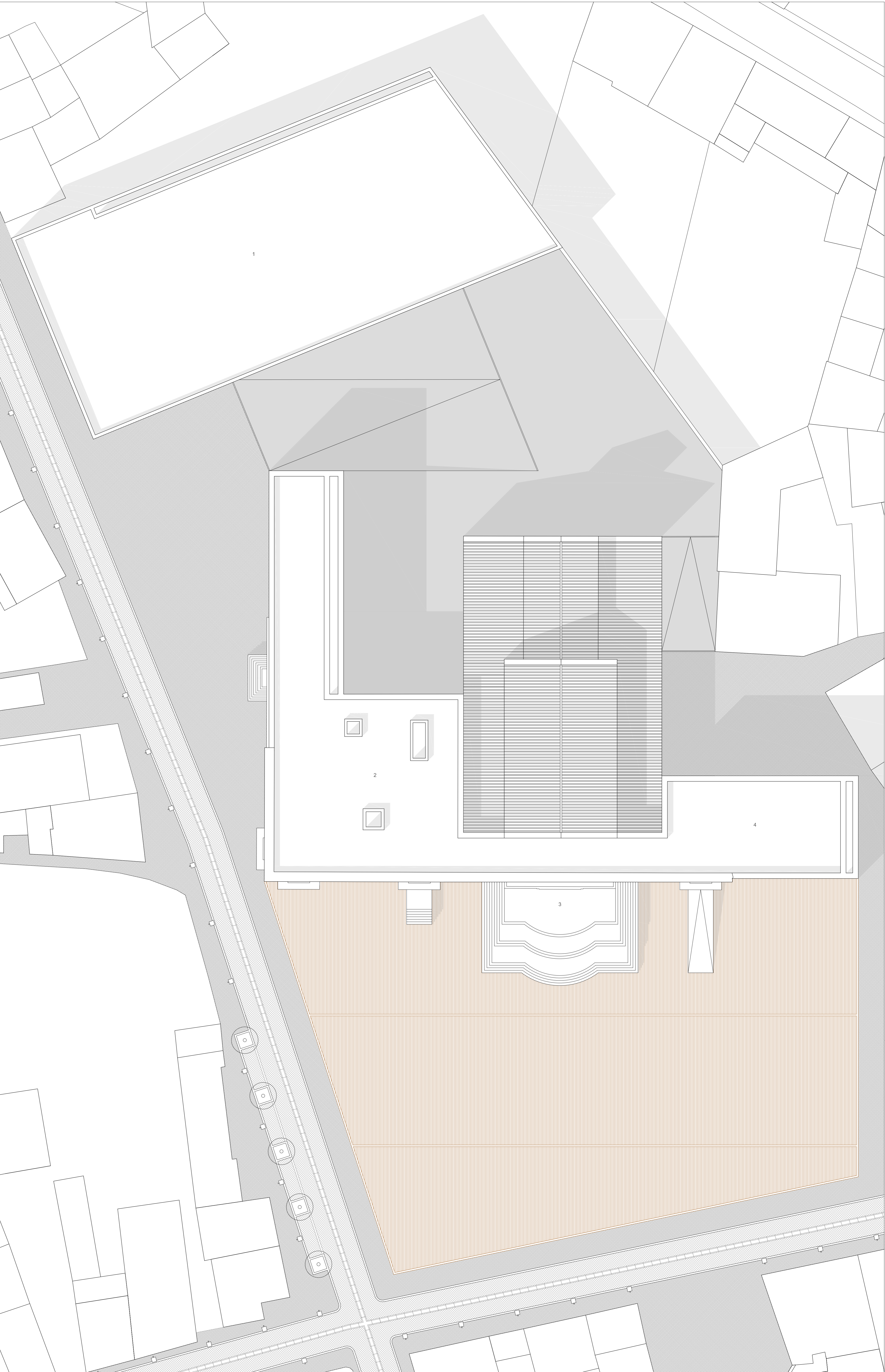
1 - Auditório | 2 - Palácio de Manique do Intendente | 3 - Praça dos Imperadores | 4 - Rua Dr. António Canova Ribeiro | 5 - Rua Pina Manique | 6 - Rua da Fonte | 7 - Ponte D. Maria I

----- Nova Via

PROJECTO		PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO - PALÁCIO DE MANIQUE DO INTENDENTE			
AUTOR	GONÇALO MAGALHÃES BARBOSA PEREIRA	ORIENTADO	PROFESSOR DOUTOR RUI LOBO   PROFESSOR DOUTOR ANTÓNIO LOUSA	DATA	JULHO 2017
DESENHO	PLANTA GERAL DA VILA DE MANIQUE DO INTENDENTE	DESENHO Nº	001	ESCALA	1/2000



- Legenda
- 1 - Auditório | 2 - Museu Praia Manique | 3 - Igreja de Manique do Inocente | 4 - Janela de Freixas
  -  Sítio
  -  Pedra de luz
  -  Cubos de granito
  -  Microcubos de calcário



PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO - PALÁCIO DE MANIQUE DO INTENDENTE

PROFESSOR

PROFESSOR DOUTOR RUI LOBO | PROFESSOR DOUTOR ANTONIO LOUISA

PROFESSOR DOUTOR BARBOSA PEREIRA | PROFESSOR DOUTOR RUI LOBO | PROFESSOR DOUTOR ANTONIO LOUISA

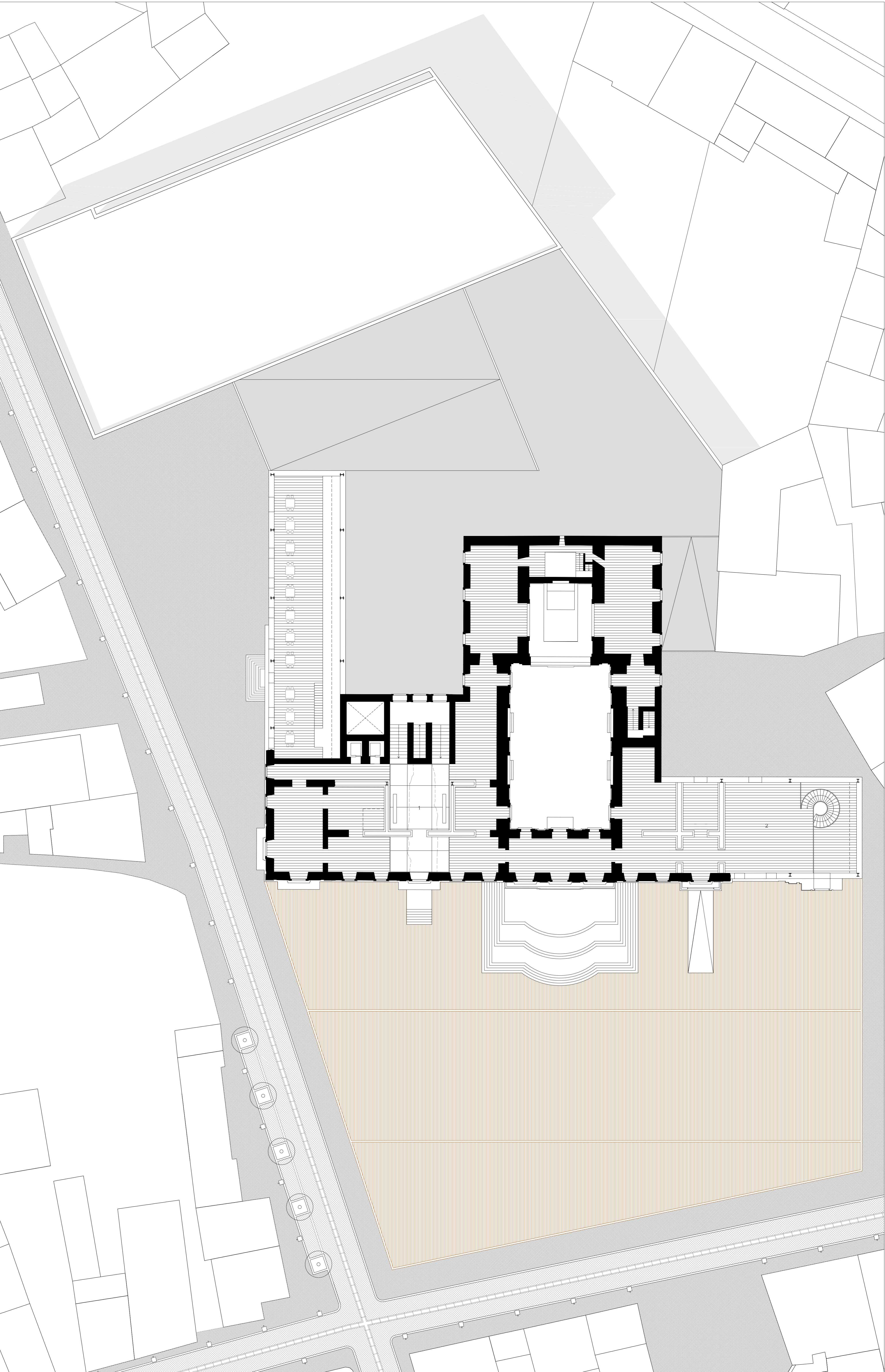
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ARQUITECTURA | DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA DA FCTUC

FECHA 1/2007

PLANTA DE COBERTURA

002

1/200



Legenda  
1 - Anexo administrativo da Junta de Freguesia

PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO - PALÁCIO DE MANIQUE DO INTENDENTE

PROFESSOR  
GONÇALO MAGALHÃES BARBOSA PEREIRA

PROFESSOR  
DOUTOR RUI LOBO

PROFESSOR  
DOUTOR ANTONIO LOUISA

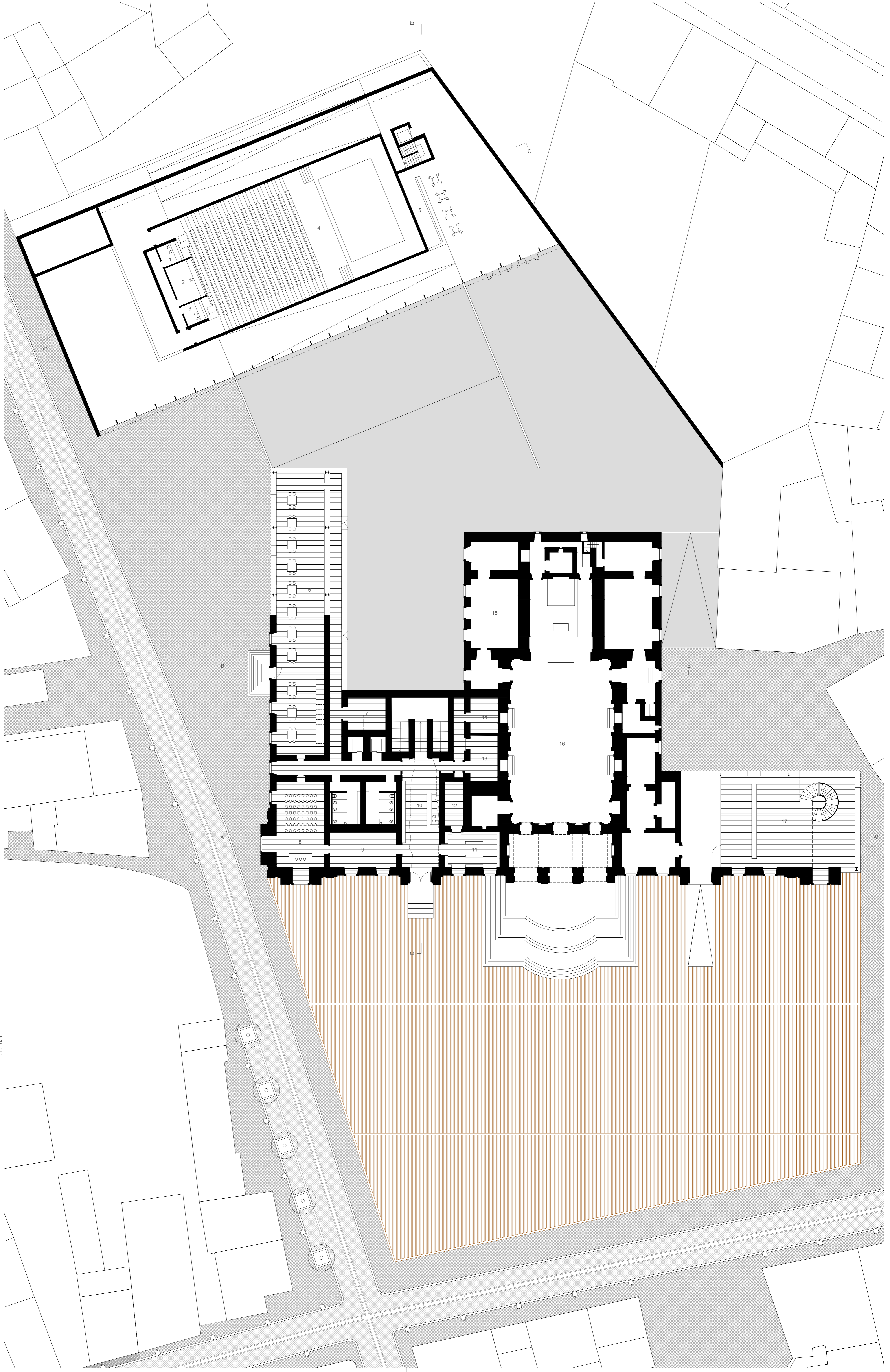
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ARQUITECTURA | DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA DA FCTUC

DESENHO  
PLANTA DO PISO 1

ESCALA  
1/200

DATA  
JULHO 2017

Legenda  
1 - Sala de tradição | 2 - Sala de projeção | 3 - Sala de tradição | 4 - Auditório | 5 - Cafeteria | 6 - Biblioteca | 7 - Gabinete | 8 - Sala de reuniões | 9 - Sala de exposição temporária | 10 - Hall de entrada do Museu | 11 - Loja do Museu | 12 - Arquivo | 13 - Arquivo | 14 - Arquivo | 15 - Casa modular | 16 - Igreja | 17 - Balcão de atendimento da Junta de Freguesia



PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO - PALÁCIO DE MANIQUE DO INTENDENTE

PROFESSOR  
GONÇALO MAGALHÃES BARROSA PEREIRA

PROFESSOR  
DOUTOR RUI LOBO

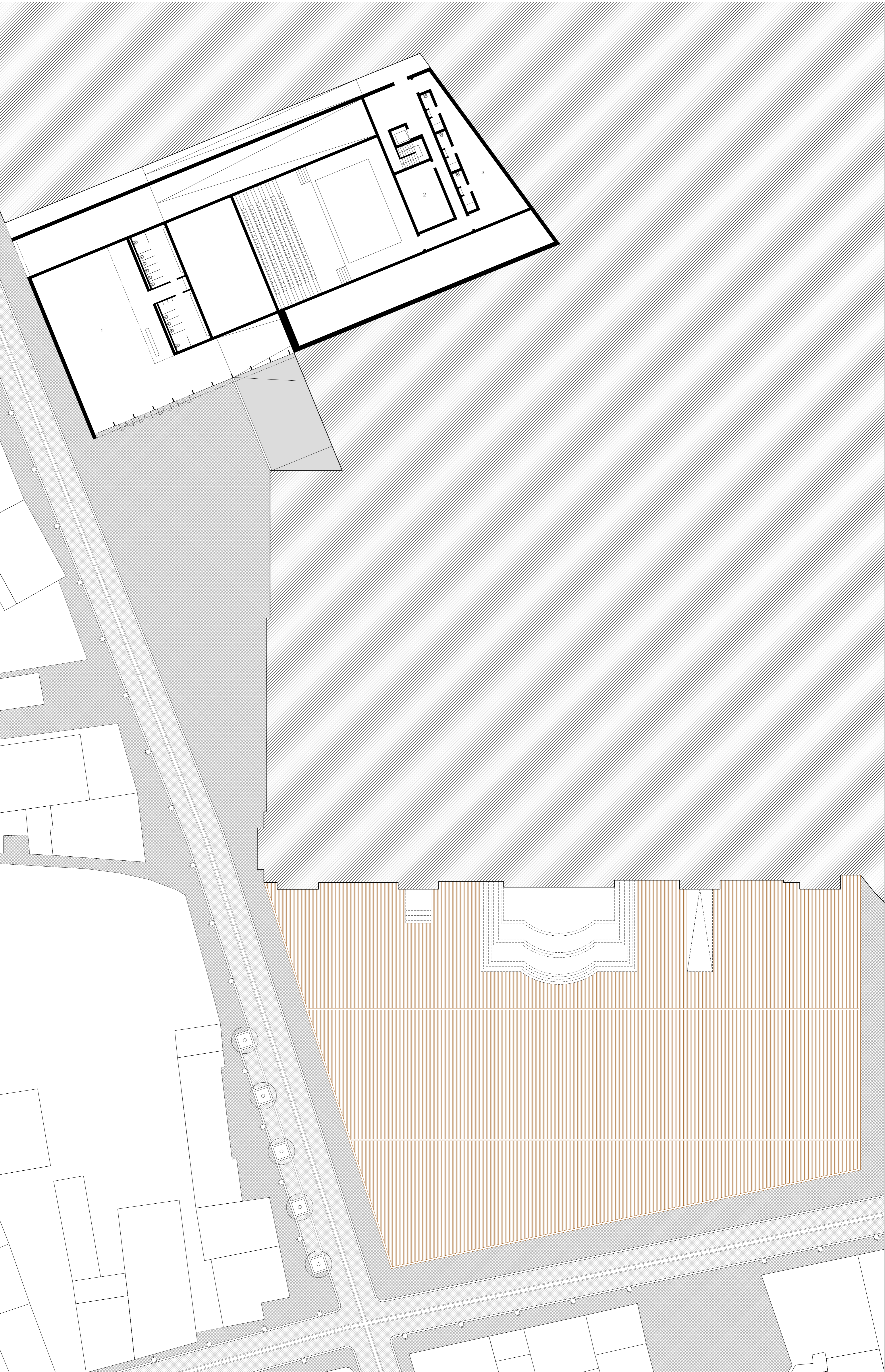
PROFESSOR  
DOUTOR ANTONIO LOUISA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ARQUITECTURA | DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA DA FCTUC

004

1/200

JULHO 2017

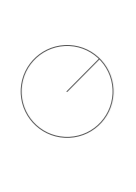


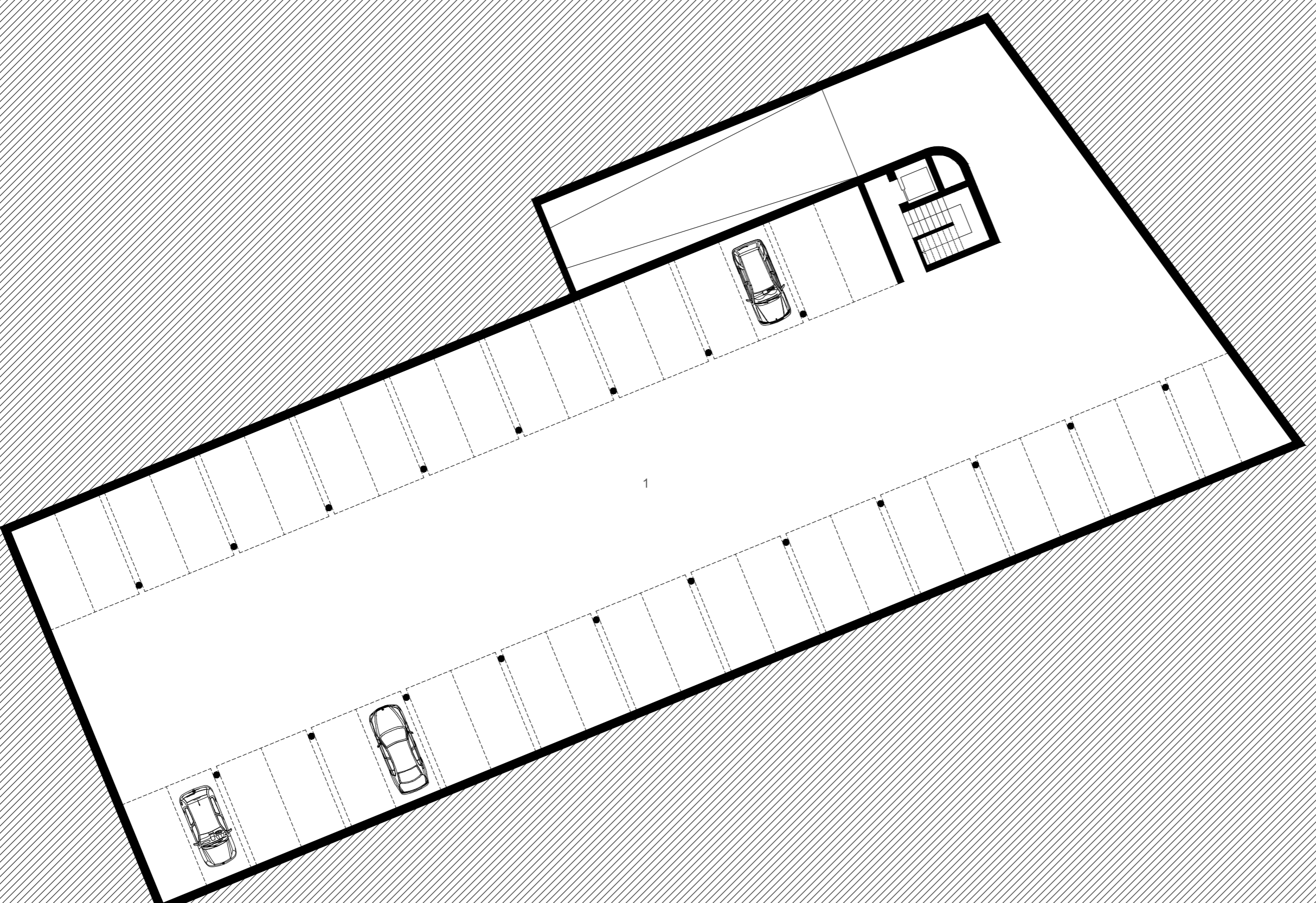
Legenda

1 - Hall de entrada principal do Auditório | 2 - Anexo | 3 - Camarins

PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO - PALÁCIO DE MANIQUE DO INTENDENTE

PROFESSOR  
GONÇALO MAGALHÃES BARROSA PEREIRA | PROFESSOR DOUTOR RUI LOBO | PROFESSOR DOUTOR ANTONIO LOUISA  
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ARQUITECTURA | DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA DA FCTUC  
DESENHO  
PLANTA DO PISO -1  
005  
1/200





Legenda  
1 - Parque de estacionamento do Auditório

PROJETO

PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO - PALÁCIO DE MANIQUE DO INTENDENTE

TÍTULO

GONÇALO MAGALHÃES BARROSA PEREIRA | ORÇAMENTO

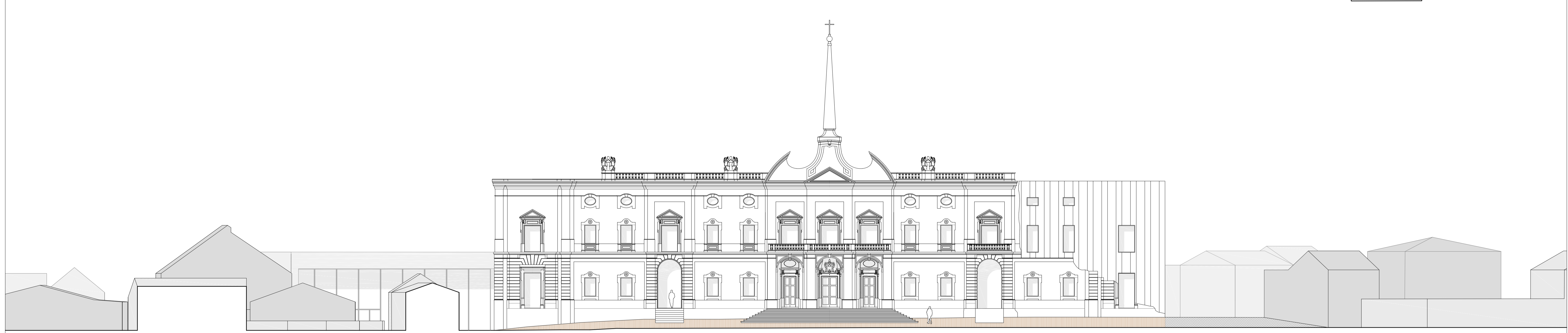
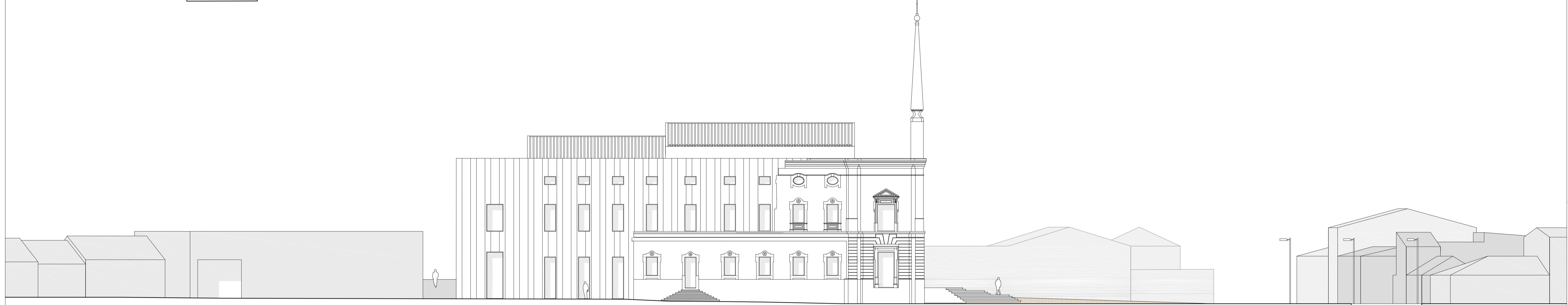
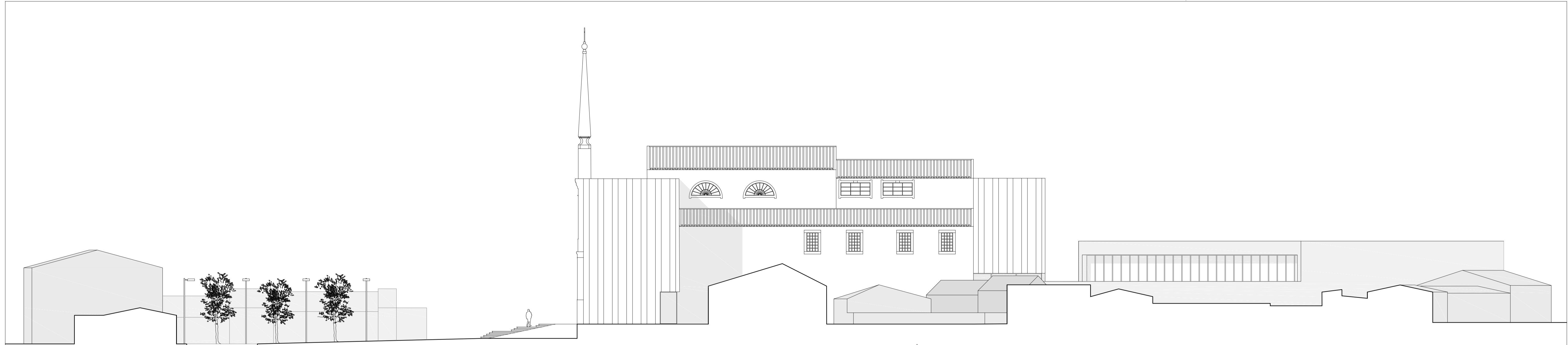
PROFESSOR DOUTOR RUI LOBO | PROFESSOR DOUTOR ANTONIO LOUSA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ARQUITECTURA | DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA DA FCTUC

DESENHO | ESCALA | DATA

PLANTA DO PISO 2 | 006 | 1/200





PROJECTO  
 PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO - PALÁCIO DE MANIQUE DO INTENDENTE

AUTOR  
 GONÇALO MAGALHÃES BARBOSA PEREIRA

ORIENTADO  
 PROFESSOR DOUTOR RUI LOBO | PROFESSOR DOUTOR ANTÓNIO LOUSA

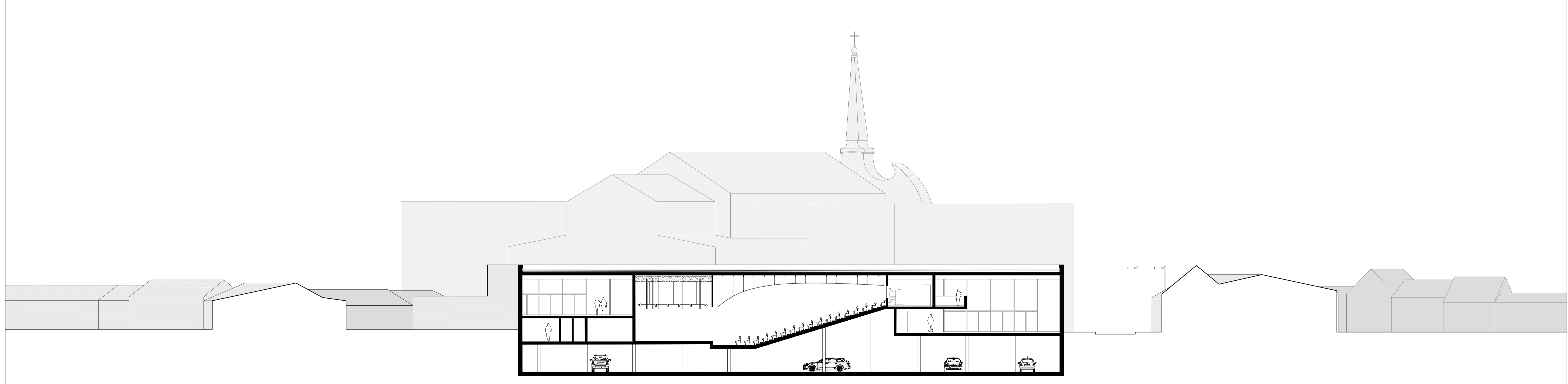
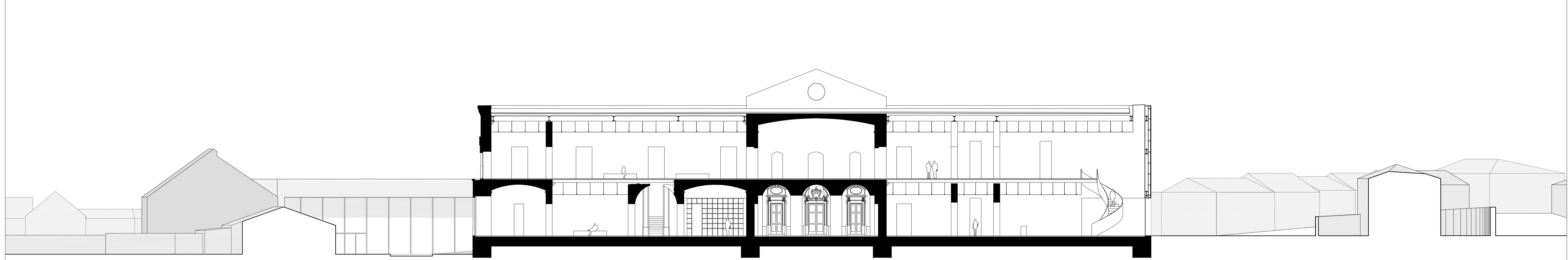
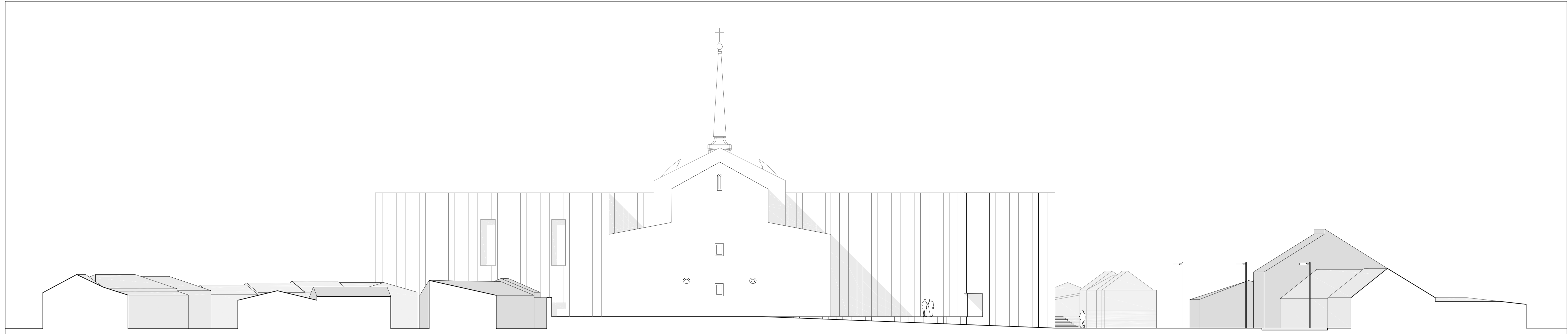
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ARQUITECTURA | DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA DA FCTUC

DESENHO  
 Alçado Este | Oeste | Sul

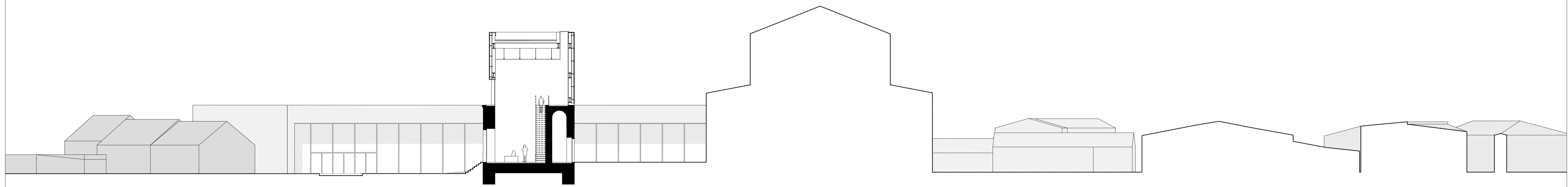
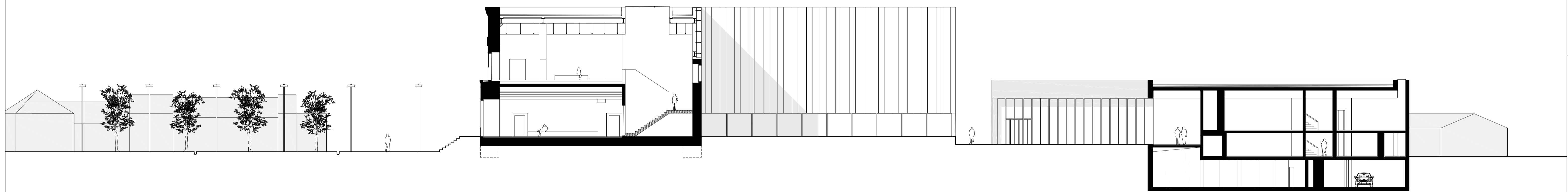
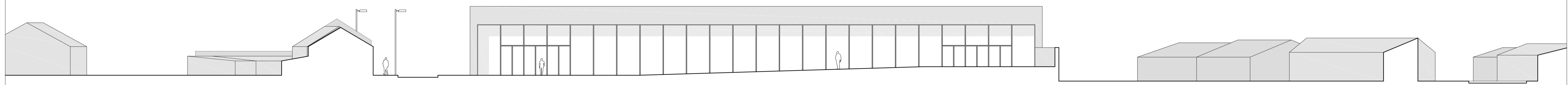
DATA  
 JULHO 2017

DESENHO Nº  
 007

ESCALA  
 1/200



PROJECTO			
PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO - PALÁCIO DE MANIQUE DO INTENDENTE			
AUTOR	ORIENTADO		DATA
GONÇALO MAGALHÃES BARBOSA PEREIRA	PROFESSOR DOUTOR RUI LOBO   PROFESSOR DOUTOR ANTÓNIO LOUSA		JULHO 2017
DISSERTAÇÃO DE Mestrado em Arquitectura   Departamento de Arquitectura da FCTUC			
DESENHO	DESENHO Nº	ESCALA	
Alçado Norte   Corte Longitudinal AA'   CC'	008	1/200	



PROJECTO  
PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO - PALÁCIO DE MANIQUE DO INTENDENTE

AUTOR GONÇALO MAGALHÃES BARBOSA PEREIRA	ORIENTADO PROFESSOR DOUTOR RUI LOBO   PROFESSOR DOUTOR ANTÓNIO LOUSA	DATA JULHO 2017
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ARQUITECTURA   DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA DA FCTUC		ESCALA 1/200
DESENHO Alçado Sul - Auditório   Corte transversal DD'   BB'		DESENHO Nº 009